

GABRIEL SOARES DE SOUZA

**TRATADO DESCRITIVO
DO BRASIL EM 1587.**

LEITURA BÁSICA

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
DO PENSAMENTO BRASILEIRO – CDPB
SALVADOR
2013**

SUMÁRIO

Apresentação	11
Aditamento	17
Nota sobre a Transcrição	33
Primeira Parte	
Roteiro geral da costa brasílica, com largas informações de toda a costa do Brasil	34
CAPÍTULO I	
Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da província do Brasil, e como está arrumada	37
CAPÍTULO II	
Em que se declara a repartição que fizeram os reis católicos de Castela com el-rei D.João III de Portugal	39
CAPÍTULO III	
Em que se declara o princípio de onde começa a correr a costa do Estado do Brasil	40
CAPÍTULO IV	
Em que se dão em suma algumas informações que se têm deste rio das Amazonas	41
CAPÍTULO V	
Que declara a costa da ponta do rio das Amazonas até o do Maranhão	43
CAPÍTULO VI	
Em que se declara a costa do rio do Maranhão até o Rio Grande	45

CAPÍTULO VII	
Em que se declara a costa do rio Grande até a do Jagoarive	47
CAPÍTULO VIII	
Em que se declara a costa do rio Jagoarive até o cabo de São Roque	49
CAPÍTULO IX	
Em que se declara a costa do cabo de São Roque até o porto dos Búzios	50
CAPÍTULO X	
Em que se declara a terra e costa do porto dos Búzios até a Baía da Traição, e como João de Barros mandou povoar sua capitania	52
CAPÍTULO XI	
Em que se declara a costa da baía da Traição até Paraíba	53
CAPÍTULO XII	
Em que se trata de como se tornou a cometer a povoação do rio da Paraíba	55
CAPÍTULO XIII	
Que trata da vida e dos costumes do gentio potiguar	57
CAPÍTULO XIV	
Em que se declara a costa do rio da Paraíba até Itamaracá, e quem foi o seu primeiro capitão	59
CAPÍTULO XV	
Que declara a costa do rio de Igarauçu até Pernambuco	61

CAPÍTULO XVI	
Do tamanho da vila de Olinda e da grandeza de seu termo, quem foi o primeiro povoador dela	62
CAPÍTULO XVII	
Em que se declara a terra e costa que há do porto de Olinda até o cabo de Santo Agostinho	65
CAPÍTULO XVIII	
Em que se declara a costa do cabo e rio do Ipojuca até o rio de São Francisco	66
CAPÍTULO XIX	
Que trata de quem são estes caetés, que foram moradores na costa de Pernambuco	69
CAPÍTULO XX	
Que trata da grandeza do rio de São Francisco e seu nascimento	72
CAPÍTULO XXI	
Em que se declara a costa do rio de São Francisco até o de Sergipe	75
CAPÍTULO XXII	
Em que se declara a costa do rio de Sergipe o rio Real.....	77
CAPÍTULO XXIII	
Que trata do rio Real e seus merecimentos	78
CAPÍTULO XXIV	
Em que se declara a terra que há do rio Real até o rio de Itapicuru	81

CAPÍTULO XXV	
Em que se declara a terra que há do Itapicuru até Tatuapara	82
CAPÍTULO XXVI	
Em que se declara a terra e costa de Tatuapara até o rio de Joanne	84
CAPÍTULO XXVII	
Em que se declara a costa do rio de Joanne até a Bahia	86
CAPÍTULO XXVIII	
Em que se declara com Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia de Todos os Santos e os trabalhos que nisso teve	87
CAPÍTULO XXIX	
Em que se torna a correr a costa e explicar a terra dela da ponta do Padrão até o rio de Camamu	90
CAPÍTULO XXX	
Em que se declara a terra que há do rio de Camamu até os Ilhéus.....	92
CAPÍTULO XXXI	
Em que se contém como se começou de povoar a capitania dos Ilhéus por ordem de Jorge de Figueiredo Correa	94
CAPÍTULO XXXII	
Em que se declara quem são os aimorés, sua vida e costumes	96
CAPÍTULO XXXIII	
Em que se declara a costa do rio dos Ilhéus até o rio Grande	99

CAPÍTULO XXXIV

Em que se declara a costa do rio Rio Grande
até o de Santa Cruz 102

CAPÍTULO XXXV

Em que se torna a costa e terra dela do rio
de Santa Cruz até o de Porto Seguro 103

CAPÍTULO XXXVI

Em que se declara quem povoou a capitania
de Porto Seguro 105

CAPÍTULO XXXVII

Em que se declara a terra e costa Porto
Seguro, até o rio das Caravelas 107

CAPÍTULO XXXVIII

Em que se declara a terra que há do rio
das Caravelas até Cricaré 109

CAPÍTULO XXXIX

Em que se declara quem são os tupiniquins
e sua vida e costumes 110

CAPÍTULO XL

Em que se declara a costa de Cricaré até o rio Doce,
e do que se descobriu por ele acima, e pelo Aceci 112

CAPÍTULO XLI

Em que se declara a costa do rio Doce
até a do Espírito Santo 115

CAPÍTULO XLII

Em que se declara como el-rei fez mercê da
capitania do Espírito Santo a Vasco Fernandes
Coutinho, e como ele a foi povoar em pessoa 116

CAPÍTULO XLIII	
Em que se vai declarando a costa do Espírito Santo até o cabo de São Tomé	120
CAPÍTULO XLIV	
Em que se trata de como Pedro de Góis foi povoar a sua capitania de Paraíba ou de São Tomé	121
CAPÍTULO XLV	
Em que se diz quem são os goitacases, sua vida e costumes	123
CAPÍTULO XLVI	
Em que se declara, em suma, quem são os papanases e seus costumes	124
CAPÍTULO XLVII	
Em que se torna a dizer de como corre a costa do cabo de São Tomé até o cabo Frio	126
CAPÍTULO XLVIII	
Em que se explicam os recôncavos do cabo Frio	127
CAPÍTULO XLIX	
Em que se declara a terra que há do Cabo Frio até o Rio de Janeiro	128
CAPÍTULO L	
Em que se declara a entrada do Rio de Janeiro e as ilhas que tem defronte	130
CAPÍTULO LI	
Em que particularmente se explica a baía do Rio de Janeiro da ponta do Pão de Açúcar para dentro	131

CAPÍTULO LII	
Em que se explica a terra da baía do Rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro até tornar à barra	133
CAPÍTULO LIII	
Que se trata como o governador Mem de Sá foi ao Rio de Janeiro	136
CAPÍTULO LIV	
Que se trata de como Mem de Sá foi povoar o Rio de Janeiro	138
CAPÍTULO LV	
Em que se trata de como foi governador do Rio de Janeiro Antônio Salema	140
CAPÍTULO LVI	
Em que se conclui com o Rio de Janeiro com a tomada de Salvador Correia a ele	142
CAPÍTULO LVII	
Em que se declara a costa do Rio de Janeiro até São Vicente	143
CAPÍTULO LVIII	
Em que se declara quem é o gentio tamoio de que tanto falamos	145
CAPÍTULO LIX	
Em que se declara a barra e povoações da capitania de São Vicente	147
CAPÍTULO LX	
Em que se declara cuja é a capitania de São Vicente	148

CAPÍTULO LXI	
Em que se declara a capitania de Santo Amaro, e quem a povoou	150
CAPÍTULO LXII	
Em que se declara parte da fertilidade da terra de São Vicente	152
CAPÍTULO LXIII	
Que trata de quem são os guaianases e de seus costumes	154
CAPÍTULO LXIV	
Em que se declara a costa do rio de Santo Amaro até a Cananéia	155
CAPÍTULO LXV	
Em que se declara a costa da Cananéia até o rio de São Francisco	156
CAPÍTULO LXVI	
Em que se declara a costa do rio de São Francisco até a de Jumirim ou Itapucuru	158
CAPÍTULO LXVII	
Em que se declara a terra que há de Itapucuru até o rio dos Patos	159
CAPÍTULO LXVIII	
Em que se declara parte dos costumes dos carijós	160
CAPÍTULO LXIX	
Em que se declara a costa do rio dos Patos até o da Alagoa	161

CAPÍTULO LXX

Em que se declara a costa do porto da Alagoa
até o rio de Martim Afonso 162

CAPÍTULO LXXI

Em que se declara a costa do rio de Martim
Afonso até o porto de São Pedro 163

CAPÍTULO LXXII

Em que se conta como corre a costa do rio
de São Pedro até o cabo de Santa Maria 164

CAPÍTULO LXXIII

Em que se declara a costa do cabo de Santa
Maria até a boca do rio da Prata 166

CAPÍTULO LXXIV

Em que se declara a terra e costa da ponta
do rio da Prata da banda do sul até além
da baía de São Matias 168

APRESENTAÇÃO

Ao
Instituto Histórico do Brasil

Senhores:

Sabeis como a presente obra de Gabriel Soares, *talvez a mais admirável de quantas em português produziu o século quinhentista*, prestou valiosos auxílios aos escritos do padre Casal e dos contemporâneos Southey, Martius e Denis, que dela fazem menção com elogios não equívocos.

Sabeis também como as *Reflexões Críticas* que sobre essa obra escrevi, foram as primícias que ofereci às letras, por intermédio da Academia de Ciências de Lisboa que se dignou, ao acolhê-la no corpo de suas memórias, contar-me nos do seu grêmio. Sabeis como aquela obra corria espúria, pseudônima e corrompida no título e na data, quando as *Reflexões Críticas* lhe restituíram genuinidade de doutrina e legitimidade de autor e de título, e lhe fixaram a verdadeira idade. Sabereis, finalmente, como nada tenho poupado para restaurar a obra, que por si constitui um monumento levantado pelo colono Gabriel Soares à civilização, colonização, letras e ciências do Brasil em 1587.

Essa restauração dei-a por enquanto por acabada; e desde que o Sr. Ferdinando Denis a inculcou ao público europeu, com expressões tão lisonjeiras para um

de vossos consórcios, creio que devemos corresponder a elas provando nossos bons desejos, embora a realidade do trabalho não vá talvez corresponder a elas provando nossos bons desejos, embora a realidade do trabalho não vá talvez corresponder à expectativa do ilustre escritor francês quando disse: “Ce beau livre (...) a été l’object d’une (...) (permiti-me, Senhores, calar o epíteto com que me quis favorecer) (...) dissertation de M. Adolfo de Varnhagen. Le (...) que nous venons de nommer a soumis les divers manuscrits de Gabriel Soares à un sérieux examen il a vu même celui de Paris, et il est seul qui puisse donner aujourd’hui une édition correcte de cet admirable traité si précieux pour l’empire du Brésil.”

Sem me desvanecer com as expressões lisonjeiras que acabo de transcrever do benévolo e elegante escritor, na deixo de me reconhecer um tanto habilitado a fazer-vos a proposta que hoje vos faço de imprimirdes o códice que vos ofereço.

Não há dúvida, Senhores, que foi o desejo de ver o exemplar da Biblioteca de Paris o que mais me levou a essa capital do mundo literário em 1847. Não há dúvida que, além deste códice, tive eu ocasião de examinar uns 20 mais. Vi três na Biblioteca Eborense, mais três na Portuense e outros na das Necessidades em Lisboa. Vi mais dois exemplares existentes em Madri; outro mais que pertenceu ao convento da congregação das Missões e três da Academia de Lisboa, um dos quais serviu para o prelo, outro se guarda no seu arquivo, e o terceiro na livraria conventual de Jesus. Igualmente vi três cópias de menos valor que há no Rio de Janeiro (uma das quais

chegou a estar licenciada para impressão); a avulsa da coleção de Pinheiro na Torre do Tombo, e uma que em Neuwied me mostrou príncipe Maximilian, a quem na Bahia fora dada de presente. Em Inglaterra deve seguramente existir, pelo menos, o códice que possui Southey; mas foram inúteis as buscas que aí fiz após ele, e no Museu Britânico nem sequer encontrei notícias de algum exemplar.

Nenhum daqueles códices, porém, é – ao meu ver – o original; e baldados foram todos meus esforços para descobrir este, seguindo as indicações de Nicolau Antônio, de Barbosa, de Leon Pinelo e de seu adicionador Barcia. Na Biblioteca de Cristóvão de Moura, hoje existente em Valencia e pertencente ao Príncipe Pio, poso assegurar-vos que não existe ele, pois que, graças à bondosa amizade deste cavalheiro, me foi permitido desenganar-me por meu próprio exame. A livraria do conde de Vila-Umbrosa guarda-se incommunicável na ilha de Malhorca, e não há probabilidade de que quando nela se ache ainda o códice que menciona Barcia, possa ele ser o original. A do conde de Vimeiro foi consumida pelas chamas, as quais podem muito bem ser que devorassem os cadernos originais do punho do nosso colono.

Graças, porém, às muitas cópias que nos restam – a uma das de Evora, sobretudo – creio poder dar no exemplar que vos ofereço, o monumento de Gabriel Soares, tão correto quanto se poderia esperar sem o original, enquanto o trabalho de outros e a discussão não aperfeiçoem ainda mais, como terá de suceder.

Acerca do autor talvez que o tempo dará descobrir na Bahia mais notícias. Era filho de Portugal, passou à Bahia em 1570, fez-se senhor de engenho e proprietário de roças e fazendas em um sítio entre o Jaguaribe e Jequiriçá. Voltando à península, dirigiu-se a Madri, onde estava no primeiro de março de 1587, em que ofertou seu livro a Cristóvão de Moura, por meio da seguinte carta:

“Obrigado de minha curiosidade, fiz, por espaço de 17 anos que residi no Estado do Brasil, muitas lembranças por escrito do que me pareceu digno de notar, as quais tirei a limpo nesta corte em este caderno, enquanto a dilação de meus requerimentos me deu para isso lugar; ao que me dispus entendendo convir ao serviço de El-Rei Nosso Senhor, e compadecendo-me da pouca notícia que nestes reinos se têm das grandezas e estranhezas desta província, no que anteparei algumas vezes, movido do conhecimento de mim mesmo, e entendendo que as obras que se escrevem têm mais valor que o da reputação dos autores delas.

“Como minha tenção não foi escrever história que deleitasse com estilo e boa linguagem, não espero tirar louvor desta escritura e breve relação (em que se contém o que pude alcançar da cosmografia e descrição deste Estado), que a V.S. ofereço; e me fará mercê aceitá-la, como está merecendo a vontade com que a ofereço; passando pelos desconcertos dela, pois a confiança disso me fez suave o trabalho e tempo que em a escrever gastei; de cuja substância se podem fazer muitas lembranças à S.M. para que folgue de as ter deste o seu

Estado, a que V.S. faça dar a valia que lhe é devida; para que os moradores dele roguem a Nosso Senhor guarde a mui ilustre pessoa de V.S. e lhe acrescente a vida por muitos anos. Em Madri o 1º de março de 1587, Gabriel Soares de Sousa.”

Para melhor inteligência das doutrinas do livro acompanho esta cópia dos comentos que vão no fim. Preferi este sistema ao das notas marginais interiores, que talvez seriam para o leitor de mais comodidade, porque não quis interromper com a minha mesquinha prosa essas páginas venerandas de um escritor quinhentista. Abstive-me também da tarefa, aliás enfadonha, para o leitor, de acompanhar o texto com variantes que tenho por não-legítimas.

Esta obra, doze anos depois, já existia em Portugal ou por cópia ou em original; e em 1599 a cita e copia Pedro de Mariz na segunda edição de seus *Diálogos*. Mais tarde, copiou dela Fr. Vicente de Salvador, e, por conseguinte, o seu confrade Fr. Antônio Jaboaão. Simão de Vasconcelos aproveitou do capítulo 40 a 1ª parte as suas *Notícias* 51 a 55, do capítulo 70 a *Notícia* 66.

Assim, se vós o resolverdes, vai finalmente correr mundo, de um modo condigno, a obra de um escritor de nota. Apesar dos grandes dotes do autor, que o escrito descobre, apesar de ser a obra tida em conta, como justificam as muitas cópias que dela se tiraram, mais de dois séculos correram sem que houvesse quem se decidisse de imprimi-la na íntegra. As mesmas cópias por desgraça foram tão mal tiradas que disso proveio

que o nome do autor ficasse esgarrado, o título se trocasse e até na data se cometessem enganos!

Pesa-nos ver nos tristes azares deste livro mais um desgraçado exemplo das injustiças ou antes das infelicidades humanas. Se esta obra se houvesse impresso pouco depois de escrita, estaria hoje tão popular o nome de Soares como o de Barros. O nosso autor é singelo, quase primitivo no estilo, mas era grande observador, e, ao ler o seu livro, vos custa o descobrir se ele, com estudos regulares, seria melhor geógrafo que historiador, melhor botânico que corógrafo, melhor etnógrafo que zoólogo.

Em 1825 realizou a tarefa da primeira edição completa a Academia de Lisboa; mas o códice de que teve de valer-se foi infelizmente pouco fiel, e o revisor não entendido na nomenclatura das coisas da nossa terra. Ainda assim muito devemos a essa primeira edição; ela deu publicamente importância ao trabalho de Soares, e sem ela não teríamos tido ocasião de fazer sobre a obra os estudos que hoje nos fornecem a edição que proponho a qual, mais que a mim, a deveis à corporação vossa co-irmã, a Academia Real das Ciências de Lisboa.

F. A. de Varnhagen

Madri, 1º de março de 1851.

ADITAMENTO

Algumas notícias biográficas acerca de Gabriel Soares de Sousa, tiradas da 2ª edição da História Geral do Brasil, do editor Visconde de Porto Seguro.

Os primeiros cuidados de D. Francisco de Sousa, logo que chegou à Bahia, foram os de dar cumprimento e execução às ordens recebidas para que auxiliasse eficazmente a Gabriel Soares na sua projetada expedição à atual Província de Minas, subindo pelo Paraguaçu até suas cabeceiras, e passando depois destas às vertentes do Rio de S. Francisco, segundo o roteiro que, conforme dissemos, uns sete anos antes, recebera, deixado por seu irmão João Coelho de Sousa, o qual, “depois de haver percorrido os sertões durante três anos, e de haver neles descoberto metais preciosos, e, segundo aparece, até já diamantes ao falecer, quando regressava de tais descobrimentos, nas cabeceiras do rio Paraguaçu, lhe mandara entregar a sua derrota por um portador de confiança”.

Era Gabriel Soares nascido em Portugal, talvez a própria cidade de Lisboa, onde tinha duas irmãs. Em 1567 passava a Monomotapa, acompanhando a Francisco Barreto quando arribando à Bahia, preferiu ficar na cidade, onde foi medrando, chegando até a fazer-se senhor de um grande engenho de açúcar no Rio Jequiriçá. Por morte do seu irmão João Coelho, de quem

já tratamos, herdeiro do seu itinerário do descobrimento de várias minas nos sertões, resolveu passar à Europa, e requerer concessões e privilégios; mas houve tal dilação no despacho de seus requerimentos, que tendo partido da Bahia em fins de agosto de 1584, só depois de meados de dezembro de 1590 foi despachado. Nesse intervalo, talvez com objeto de recomendar-se, ofereceu, no 1º de março de 1587, a D. Cristóvão de Moura, estadista influente no governo o precioso escrito acerca do Brasil de que já demos notícia. As concessões obtidas pelo mesmo Soares reduziram-se:

A uma carta régia ao governador do Brasil, a fim de que fossem postos às suas ordens duzentos índios frecheiros; e a mais oito alvarás, todos da mesma data, dispondo:

Que o mesmo Gabriel Soares de Sousa, “capitão-mor e governador da conquista e descobrimento do Rio de São Francisco”, teria o direito de nomear, por seu falecimento, um sucessor, que gozaria dos mesmos títulos e poder.

Em ter faculdade de prover todos ofícios da justiça e da fazenda no seu distrito.

Em lhe ser concedido, para quatro cunhados e dois primos, que com ele iriam, o hábito de Cristo, com 50 rs., e no fim da jornada, o foro de fidalgo e moradia para os mesmos; mais dois hábitos para os capitães que o acompanhassem.

Em poder conceder o foro de cavaleiros fidalgos até cem pessoas dos do seu séquito.

Em poder fazer promessas de mais recompensas aos que se distinguissem.

Em lhe ser facultado o tirar das prisões, para levar consigo, os condenados e degredo que escolhesse, sendo de ofício mecânicos, mineiros, etc.

Em ser a estes contado, como tempo de degredo, o da expedição.

Finalmente, em ficar autorizado, se quisesse, a prosseguir os descobrimentos ainda mais além do Rio São Francisco; e, por conseguinte, até dos próprios terrenos das atuais províncias de Goiás e Mato Grosso, se lá chegasse.

Os alvarás, mandados passar por Estevão da Gama, foram escritos por João da Gama, ambos mui provavelmente ainda aparentados com o famoso descobridor da Índia, Vasco da Gama. Depois de chegar a Lisboa, para se embarcar, obteve o mesmo Soares mais duas graças em 27 de janeiro imediato, a saber uma ordem para nesse porto se lhe dar embarcação, e mantimento ordinário às pessoas que com ele iam e outra para o governador do Brasil lhe dar cinqüenta quintais de algodão de caroço, do que houvesse pertencente à Fazenda, a fim de se fazerem armas para os que deviam acompanhar à nova conquista.

Auxiliado com tantos favores, partiu afinal de Lisboa o novo “capitão-mor e governador” Gabriel Soares de Sousa, na urca flamenga denominada “Grifo Dourado”, em 7 de abril de 1591, conduzindo consigo uns trezentos e sessenta homens, incluindo quatro religiosos carmelitas, um dos quais, Fr. Jerônimo de

Canavezes, veio até a ser depois Provincial. O projeto de Soares era chegar às cabeceiras do Rio S. Francisco, onde se deviam encontrar as minas, de que nos lugares de que levava nota pelo roteiro de seu irmão, dava conta o mesmo roteiro; e cuja existência veio a confirmar-se no seguinte século, pois essas minas se achavam evidentemente no distrito da Província, que, pelas que depois nela se descobriram, se ficou chamando de Minas, como sabemos.

Infelizmente, o seu completo descobrimento e exploração, e por conseguinte, o princípio da colonização nesse distrito, ainda então teve de ficar aprazado, em virtude dos sucessivos malogros que acompanharam a dita expedição de Gabriel Soares, incluindo a sua própria morte, sucedida proximamente na paragem onde tivera lugar a de seu irmão, e a de um índio por nome Araci (o Sol) que lhe servia de guia.

O princípio do malogro da expedição procedeu de haver em meados de junho naufragado a urca onde vinham todos, em Vazabarris, onde, graças à recente colonização por Cristóvão de Barros, não caíram vítimas dos índios.

Salvando-se a maior parte da tripulação, passou o mesmo Soares à Bahia, onde refeito com os auxílios que lhe deu D Francisco de Sousa, empreendeu a expedição, indo primeiro às suas terras, onde acabou de prover-se de carne e farinha, e logo varou até meter-se no conhecido Boqueirão por onde forçosamente devia entrar para seguir caminho, subindo para o Rio Paraguaçu pela margem direita.

Seguiu sempre subindo até o arraial, mais ou menos encostado à margem direita do mesmo rio até uma paragem em que, com parte da gente que levava, deixou assentado um arraial, porventura a próprio chamado de João Amaro, pois tinha ordem de ir deixando no caminho pequenas povoações ou arraiais fortificados, de 50 em 50 léguas, proximamente. – No caminho até esse arraial “lhe adoeceram muitos homens se sezões e perdeu muitos animais mordidos de morcegos”, pragas estas que deviam ser mui nocivas, quando os sertanejos tiveram mais tarde que abandonar este caminho, cortando o Boqueirão ao arraial de João Amaro, pela chamada “Travessia”, terreno sem pastos e quase sem água.

Desse primeiro arraial, prosseguiram, sempre pela margem direita do Paraguaçu acima, não sem grandes trabalhos para evitar ciladas dos gentios, e abrir picadas e juntar os animais, que se extraviavam, e às vezes de todo se perdiam, já mordidos das cobras, já comidos pelos tigres; e finalmente pelos obstáculos oferecidos pelo próprio rio, que ladeavam, o qual, com suas súbitas cheias, deixava muitas vezes os expedicionários ilhados, e as necessidades de esperarem que as águas baixassem.

Por fim, chegaram às primeiras grandes vertentes que vêm do sudoeste; e tomaram por uma delas, começando a subida da serra, não longe, ao parecer, da atual povoação de Santa Isabel do Paraguaçu. – Para transpor a dita serra, gastaram alguns dias, cobertos de nevoeiros, com bastante frio, não havendo por aí lenha para se aquecer, nem pasto para os animais, que já

estavam mui dizimados, de nada lhe servindo muito salitre que tinham à vista. Aqui começaram todos a esmorecer e como perfaziam já cinqüenta léguas desde o arraial anterior, decidiu-se Gabriel Soares e fundar o segundo; mas, logo, cansado dos trabalhos, adoeceu e faleceu pouco depois.

Substituiu-o imediatamente o mestre de campo Julião da Costa, o qual, vendo-se privado do guia índio Araci porventura esmoreceu. Retirou-se com todos os da expedição para uma paragem mais sadia, e daí escreveu ao governador, narrando-lhe o sucedido, e pedindo-lhe novas ordens. Resolveu então este mandar regressar todos da expedição, “e apoderando-se de todos os roteiros, premeditou já então vir a recolher delas os frutos, como particular, apenas largasse o governo”. É o que devemos concluir, em vista do que depois praticou, vindo a requerer e obter os mesmos privilégios e concessões outorgados a Soares, e ainda outros mais.

O grande interesse que nos merece Gabriel Soares como chefe dessa expedição, embora malograda, e ainda mais como um dos primeiros escritos acerca do Brasil em todos os ramos, e com especialidade das notícias etnográficas dos índios, nos induzem a incluir aqui as cláusulas principais do seu testamento, que deixou na Bahia, feito em 10 de agosto de 1584, antes de embarcar-se para Europa, a requerer. Depois do cabeçalho, e de mais seis itens, encomendando-se à Virgem e a vários santos, prossegue:

“Donde quer que eu falecer, me enterrarão no hábito de S. Bento, havendo mosteiro de sua Ordem,

onde me enterrarão; e não havendo maneira deste hábito, e havendo mosteiro de S. Francisco, me enterrarão no seu hábito, e os religiosos de ambas estas Ordens me acompanharão, e a cada um darão de esmola cinco réis e pelo hábito dez cruzados.

“Se Deus for servido, que eu faleça nesta cidade e capitana, meu corpo será enterrado em S. Bento da dita cidade, na capela-mor, onde se me porá uma campa com um letreiro que diga “AQUI JAZ UM PECADOR”, o qual estará no meio de um escudo que se lavrará na dita campa; e sendo Deus servido de me levar no mar ou em Espanha, todavia se porá na dita capela-mor a dita campa com o dito letreiro em a qual sepultura se enterrará minha mulher Ana de Argollo.

“Acompanhará o meu corpo se falecer nesta cidade o cabido a quem se dará a esmola costumada, e os padres de S. Bento levarão de oferta um porco e seis almudes de vinho e cinco cruzados.

“Acompanhar-me-ão dois pobres, cada um com sua tocha ou círios nas mãos e darão de aluguel à confraria donde forem um cruzado de cada uma, e a cada pobre para lewares dois tostões.

“Não dobrarão sinos por mim e somente se farão os sinais que se fazem por um pobre quando morre.

“Deixo à casa da santa misericórdia desta cidade quarenta mil réis de esmola, para se dourar o retábulo, e para missas cinco mil réis.

“Deixo à confraria do Santíssimo Sacramento cinco mil réis e à de Nossa Senhora do Rosário dois mil réis.

“Far-me-ão no mosteiro de S. Bento, quer faleça nesta capitania, quer em outra parte, três ofícios de nove lições em três dias a fio, tanto que eu falecer ou se souber a certeza de minha morte, em cada ofício se dará de oferta um porco e cinco alqueires de farinha, e não me farão pompa nenhuma, somente me porão um pano preto no chão, com dois bancos cobertos de preto e em cada um 5 velas acesas.

“Em cada ofício destes me dirão cinco missas rezadas, à hora das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, com seus responsos sobre a sepultura.

“Nos outros dias seguintes, me dirão em três dias a fio cada dia cinco missas rezadas; as primeiras cinco à honra dos gozos de Nossa Senhora, e a outro dia as outras cinco à honra dos cinco mistérios gloriosos da Madre de Deus, conforme a contemplação do Rosário, e no outro dia as outras cinco à honra dos cinco passos dolorosos da Madre de Deus.

“Me dirão, na mesma casa, acabados os ofícios atrás cento e cinqüenta missas rezadas e quinze cantadas, e as cantadas darão de oferta a cada uma sua galinha e canada de vinho, e umas e outras sairão com seu responso sobre a minha sepultura, e as missas se repartirão pela maneira seguinte:

“Nos primeiros cinco dias se dirão, em cada dia, dez missas rezadas e uma cantada, como acima fica dito, à honra dos prazeres que se contemplam no Rosário de Nossa Senhora.

“Nos outros cinco dias logo seguintes, se dirão em cada dia outras dez missas rezadas e uma cantada, à

honra dos cinco mistérios dolorosos da Virgem Nossa Senhora.

“Nos outros cinco dias seguintes, se dirão em cada dia outras dez missas rezadas e uma cantada à honra dos cinco mistérios da Virgem Madre de Deus.

“Nos outros cinco dias seguintes, se dirão em cada dia outras dez missas rezadas e uma cantada à honra dos cinco mistérios gloriosos da Virgem Madre de Deus. E se não houver padres no dito mosteiro, que bastem para dizerem estas missas juntas, humildemente peço ao padre que ordene com os padres do colégio ou da Sé, com que se possam dizer estas missas como tenho declarado, porque tenho confiança na Madre de Deus que, ao cabo destas missas, sairá minha alma do Purgatório.

“Como se acabar de dizer estas missas, como tenho declarado, ao outro dia seguinte se me diga um ofício de nove lições como os que acima tenho declarado.

“Mando que se digam pela alma de meu pai e mãe cinqüenta missas rezadas, as quais se dirão como se acabarem as que acima tenho declarado.

“Mando que se tomará de minha fazenda a valia de quinhentos cruzados, que se repartirão por cinco moças pobres, cem cruzados por cada uma para ajuda de seus casamentos, o que repetirá o padre Abade com informação do provedor da santa misericórdia.

“Eu tenho duas irmãs viúvas, uma se chama D. Margarida de Sousa e outra Maria Velha, ambas moradoras em Lisboa, e não tenho herdeiro forçado, e

darão a cada uma delas de minha fazenda do rendimento dela vinte mil réis a cada uma; e falecendo alguma delas ou sendo já falecida, darão à que ficou viva, cada ano, quarenta mil réis em sua vida tão-somente, os quais lhe mandarão por letra a Lisboa, de maneira que lhe seja paga a dita quantia.

“Declaro que tenho um livro das contas que tenho com as pessoas a quem devo, pelo qual se fará conta com as pessoas a quem estou em obrigação, ao pé de cujo título fica assinado por mim, ao qual livro se dará inteiro crédito, porque pelas declarações dele, deixo descarregada minha consciência.

“Neste mesmo livro de minha razão tenho escrito o que tenho de meu, assim de fazenda de raiz, como escravos, bois de carros e éguas e outros móveis, índios forros; e nele tenho em lembrança os encargos em que estou, assim às pessoas que me servem ou servirão, como as outras pessoas, ao qual se dará outrossim inteiro crédito, porque o fiz só a fim de concertar minha consciência; o que não posso tratar nem esmiuçar neste testamento pelas mudanças que o tempo faz, e eu não saber qual há de ser a derradeira hora que o meu Senhor há de chamar-me, para o qual não achei melhor remédio que este.

“Depois do meu falecimento se ordenará o inventário de minha fazenda, e se fará conta do que devo, e se porá em ordem de se pagarem as minhas dívidas, para o que se venderão os móveis de casa, bois e éguas, e açúcar que se achar; e para o que restar se concertarão meus testamenteiros com os credores, para

se pagarem pelos rendimentos de minha fazenda; se disso forem contentes, o que se há de negociar, de maneira que minha alma não pene na outra vida; por isso, e não querendo eles esperar, em tal caso se arrendará o engenho de antemão ou se venderão as novidades dele; e quando isso não bastar, se venderão as terras que tenho no Jequiriçá, que com as águas e fazendas valem muito por se serem muitas e boas; em tudo farão meus testamenteiros, de maneira que eu fique desencarregado.

“Declaro por meus testamenteiros ao Revmo. Padre Fr. Antônio Ventura e a minha mulher Ana de Argollo, para que ambos façam cumprir este meu testamento, com se nele contém; e sendo caso que ela, ou por não poder estar presente na cidade, ou por suas indisposições não possa acudir a fazer cumprir este meu testamento, que tudo o feito pelo Revmo. padre somente fica valioso. E porque o tempo faz grandes mudanças, que com elas a viver e morrer, e ausentar, não podendo por algum lícito impedimento cumprir o Revmo. padre este meu testamento, digo que em tal caso seja meu testamenteiro o Revmo. padre que lhe suceder no cargo de abade do dito mosteiro de São Bento; mas ainda que o Revmo. padre Fr. Antônio Ventura não seja abade, sempre quero que ele seja meu testamenteiro.

“Como Nosso Senhor não foi servido que eu tivesse filhos de minha mulher, nem outros alguns, nem sobrinhos, filhos de meus irmãos, nem herdeiros forçados a quem pertença minha fazenda, e porque não herdei de meus pais nem de meus avós, e adquiri por

minha indústria e trabalho, e porventura alguns encargos de minha consciência que hora não sei declarar, digo e declaro por meu herdeiro de toda minha fazenda ao mosteiro de S. Bento da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, com condição que eu e minha mulher Ana de Argollo nos enterremos ambos na dita capela-mor, que ora é e falecendo antes que se faça a capela-mor da igreja nova, passará a nossa ossada à dita capela-mor da igreja nova, onde estará minha sepultura, com a campa no meio da capela, com o letreiro⁽¹⁾ que atrás fica declarado.

“Serão obrigados o abade e religiosos que ora são e ao diante forem, me dizerem cada dia uma missa rezada por minha alma, para enquanto o mundo durar, com seu responso sobre a sepultura; e cada ano, pela Semana dos Santos, um ofício de nove lições.

“E sendo caso que Deus se sirva de me levar par si no mar ou em Espanha, donde meus ossos não podem ser trazidos a este mosteiro, digo que, sem embargo disso, se ponha esta sepultura na capela-mor dele, a lembrança de se me dizer o responso sobre ela e para se enterrar minha mulher tão-somente.

“Declaro que os chãos que tenho nesta cidade, que houve de Antônio de Afonseca, de Ana de Paiva, de Pedro Fernandes e de Brás Afonso, e a terra que valada no caminho da Vila Velha, da banda do mar e da outra banda que foi de Antônio de Oliveira, queria que ficasse tudo a meu quinhão, por tudo ser mui necessário para o mosteiro, onde podem fazer muitas tercenas ao longo do mar para alugar, e pelo “caminho acima muitos foros

de casa, e muitas casas ao longo da estrada, que tudo pelo tempo adiante, virão a render muito para o convento.

“E porque hei este testamento por acabado pelo qual dou por revogado todos os que tenha feito antes deste, e este só que valha, porque esta é a minha derradeira vontade, o qual fiz por minha mão e assinado por mim. – Gabriel Soares de Sousa”.⁽²⁾

Como produção literária, a obra de Soares é seguramente o escrito mais produto do próprio exame, observação e pensar e até diremos mais enciclopédico da literatura portuguesa nesse período. Nos assuntos de que trata, apenas fora precedido uns dez anos pela obra⁽³⁾ e muito mais lacônica, mas que lhe serviu de estímulo, do gramático Pero de Magalhães de Gandavo, autor que publicou o primeiro livro em português acerca do Brasil, e que ainda mais estimamos, por haver sido amigo de Camões, e por haver, e por assim dizer, posto em contacto com o nosso país, o grande poeta, quando este escreveu em verso a epístola oferecendo-a a D. Leoniz Pereira, antigo governador da Malaca.

“A breve história sua que ilustrasse
a terra Santa Cruz pouco sabida”⁽⁴⁾

Nos Lusíadas apenas Camões se lembrou do Brasil, escrevendo uma vez esse nome, e outra o de Santa Cruz⁽⁵⁾; nunca o de América.

Seja embora rude, primitivo e pouco castigado o estilo de Soares, confessamos que ainda hoje nos

encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descrições com a realidade, quase nos abismamos ante a profunda observação que não cansava nem se distraía variando de assunto.

Como corógrafo, o mesmo é seguir o roteiro de Soares, que o de Pimentel ou de Roussin; em tipografia, ninguém melhor do que ele se ocupou da Bahia;; como fitólogo faltam-lhe naturalmente os princípios da ciência botânica; mas Dioscórides ou Plínio não explicam melhor as plantas do Velho Mundo, que Soares as do Novo, que desejava fazer conhecidas. A obra contemporânea que o jesuíta José de Acosta publicou em Sevilha em 1590, com o título de *História Natural e Moral das Índias*, e que tanta celebridade chegou a adquirir, bem que pela forma e assuntos se possa comparar à de Soares, é-lhe muito inferior quanto à originalidade e cópia de doutrina. O mesmo dizemos das de Francisco Lopez de Gomara e de Gonçalo Fernandez de Oviedo. O grande Azara, com o talento natural que todos lhe reconhecem, não tratou instintivamente, no fim do século passado, da zoologia austro-americana melhor que o seu predecessor português; e numa etnografia geral dos povos bárbaros, nenhuma página poderão ter mais cabida pelo que respeita ao Brasil, que as que nos legou o senhor de engenho das vizinhanças do Jequiriçá. Causa pasmo como a atenção de um só homem pôde ocupar-se em tantas coisas “que juntas se veem raramente – como as que se contêm na sua obra, que trata, a um tempo, em relação ao Brasil, de geografia, de história, de topografia, de hidrografia, de

agricultura entretrópica, de horticultura brasileira, de matéria médica indígena, das madeiras de construção e de marcenaria, da zoologia em todos os seus ramos, de economia administrativa e até de mineralogia!”⁽⁶⁾

Pouco depois de haver o Brasil passado ao domínio do rei de Espanha, avisava profeticamente ao governo da metrópole o dito Gabriel Soares:

“Vivem os moradores tão atemorizados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o mato, como fazem em a vista de qualquer nau grande, temendo serem corsários, a cuja afronta S.M. deve mandar acudir com muita brevidade, pois há perigo na tardança, o que não convém que haja, porque, se os estrangeiros se apoderarem desta terra, custará muito lançá-los fora dela, pelo grande aparelho que têm para nela se fortificarem, com o que se inquietará toda a Espanha, e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões de ouro e armadas e no aparelho delas, ao que agora se pode atalhar acudindo-lhe com presteza devida”.

NOTAS

(1) Acha-se com efeito na capela-mor uma campa com a inscrição.

(2) A aprovação deste testamento foi feita em 21 de agosto de 1584, e a abertura em 10 de julho de 1592.

(3) “História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, feita por Pero de Magalhães de Gandavo”, etc., ano 1576. Acha-se reimpressa no Tom. 21 da Rev. do Instituto.

(4) Camões; Ded. da obra de Gandavo.

(5) “De Santa Cruz o nome lhe poreis”. CAMÕES, X, 140. V. também II, 45; V, 4; VII, 14; X. 63 e 139.

(6) A primeira edição começou-se na tipografia do Arco do Cego *in-fol.*, mas não se conclui, nem se expôs ao público. Realizou-se a publicação pela primeira vez nas *Memórias* da Academia de Lisboa em 1825, no t. III das de Ultramar. Os primeiros 29 capítulos se deram de novo à luz pelo manuscrito da Biblioteca Real de Paris, jornal *O patriota brasileiro*, Paris, 1830, porém a edição mais correta é a do Rio de Janeiro, em 1851, com os comentários que lhe juntou o autor da presente história, quando primeiro secretário do Instituto. Soares partiu para a Europa em 1584 (carta de Cristóvão de Basso, de 1584), depois de haver feito testamento na Bahia em 10 de agosto deste ano.

NOTA SOBRE A TRANSCRIÇÃO

O *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, edição crítica de Varnhagen, figura na Coleção Reconquista do Brasil, da Editora Itatiaia, tomada por base para a transcrição.

O livro foi subdividido pelo autor em duas partes. A primeira, transcrita na íntegra, contém, como indica o título, o *Roteiro Geral da Costa Brasileira*. Além dos aspectos estritamente geográficos, inseriu uma breve caracterização dos aborígenes. Trata-se assim de uma informação de primeira mão, razão pela qual optamos por transcrevê-la integralmente.

Omitimos o conteúdo da Segunda Parte, dedicada à Capitania da Bahia, bem como as correções de Varnhagen. Muitas destas últimas acham-se relacionadas a denominações topográficas. No caso, a denominação definitiva atribuída a esse ou aquele acidente não tem maior relevância, em se tratando de uma iniciativa destinada a dar a conhecer as razões pelas quais Varnhagen atribuiu tanta importância ao Tratado. Em matéria de denominação equivocada, a mais relevante consiste em atribuir a D. João III a representação de Portugal no Tratado de Tordesilhas.

Há entretanto uma correção de Varnhagen que, por sua relevância deve ser aqui mencionada. Trata-se de uma característica da civilização indígena que, sendo considerada, altera a maneira unilateral como se critica os embates que caracterizaram os primeiros contatos

entre o colonizador português e os aborígenes. Atribuiu-se àqueles terem liquidado fisicamente grandes de seus contingentes. A verdade, entretanto, consiste justamente no contrário. A presença do colonizador português inibiu o processo de auto-destruição que caracterizava o comportamento dos indígenas. Vejamos como se apresenta a questão.

Como foi referida, a segunda parte do livro de Gabriel Soares de Sousa está dedicada à detalhada caracterização da Bahia. Desta, transcrevemos a seguir o texto dedicado ao tema em questão.

Segundo Gabriel Soares de Souza os primeiros povoadores do território que deveria corresponder ao Recôncavo da Bahia teriam sido os tapuias. Provindo do sertão, os tupinarés os venceram e desalojaram, afugentando os tapuias para o interior. Esses tupinarés, por sua vez, seriam vencidos e desalojados pelos tupinambás.

Na altura em que se desenvolve a colonização capitaneada pelos portugueses, os tupinambás se haviam dividido em dois grupos, guerreando entre si pela posse do litoral. Uma parte passou a dominar o trecho entre os rios Real e São Francisco (presentemente estabelecem os limites do estado de Sergipe) e, a outra, aquele entre o rio Real e a Bahia de Todos os Santos. Na própria Bahia de Todos os Santos, os tupinambás subdividiram-se. Os ocupantes da ilha de Itaparica --povoam o rio Jaguaribe e seguem na direção Sul até a costa de Ilhéus-- hostilizavam os ocupantes do continente na parte da baía a que corresponderia Salvador.

A essa informação de Gabriel Soares de Souza, Varnhagen tece o seguinte comentário que se transcreve por inserir um dos traços essenciais das comunidades indígenas. Segue-se a transcrição:

“Não havia, e insistimos anda nesta idéia, no Brasil, nação tapuia. Esta palavra quer dizer “contrário” e os indígenas a aplicavam até aos franceses, contrários dos nossos, chamando-os de tapuy-tinga, isto é, tapuia branco....., Antigamente no Brasil, como atualmente ainda no Pará, chama-se tapuia ao gentio bravo; e tapuia se iam chamando uns aos outros, os mais aos menos civilizados. Quando os tupis invadiram o Brasil do Norte para o Sul (e não do Sul para o Norte, como pretendeu Hervas e com ele Martius), chamaram tapuias às raças que eles expulsaram. Os tupis que a si chamavam tupinambás, ou tupis abalizados, foram logo seguidos de outros de sua mesma raça, que se chamavam tupinambás, e deram aos vencidos que empurravam para o Sul e para o sertão, o nome de tupi-iris e de *tupim-aem*, isto é, tupis laterais e tupis maus, ...

O fracionamento crescente da raça tímica, que se estendia por quase todo o Brasil, na época do descobrimento, era tal que não exageram os que crêem que, a não ter lugar a colonização européia, a mesma raça deveria perecer assassinada por suas próprias mãos; como quase vai sucedendo nestes matos virgens, em que temos índios bravos, fazendo-se uns aos outros crua guerra. Sem a desunião da raça tímica nunca houvera uma pequena nação como Portugal colonizado extensão de terra tão grande como a que vai do Amazonas ao Prata. Os primeiros colonos seguravam-se na terra à custa dessa desunião política, protegendo sempre um dos partidos, que com essa superioridade ficava vencedor, e se unia aos da nova colônia, mesclando-se com ela em interesses, e até em relações de parentesco, etc. Às vezes, chegavam a fomentar a desunião política, o que não deve admirar quando vemos que isto ainda hoje é seguido, e que nações, aliás poderosas, não conquistariam muitas vezes nações fracas, se dentro destas não achassem partidos discordes em quem pudessem encontrar ponto de apoio, sua alavanca terrível.”

Mais adiante, Varnhagen registra que o próprio Soares de Souza confirma “que o nome dos indígenas, antes de se dividirem, era o de tupinambás-- e que falavam a mesma língua por toda a costa, e tinham os mesmos costumes.” A declaração do autor neste sentido está formulada deste modo: “ainda que os tupinambás se dividam em bandos e se inimizaram uns com os outros, todos falam uma língua que é quase geral pela costa do Brasil, e todos têm uns costumes em seu modo de viver .”

Ao abordar as outras tribos, na continuação dessa parte do livro, o autor observa, ao ocupar-se dos tupinaés, que “pelo nome tão semelhante destas duas castas de gentio se parece bem claro que antigamente foi esta gente toda uma, como dizem os índios antigos desta nação; mas têm-se por tão contrários uns dos outros que se comem aos bocados e não cansam de se matarem em guerras, que continuamente têm, e não tão-somente são inimigos os tupinaés dos tupinambás, mas são-no de todas as outras nações do gentio do Brasil, e entre todas elas lhes chamam “taburas”, que quer dizer contrários.”

São Paulo, março de 2013.

Antônio Paim

PRIMEIRA PARTE

ROTEIRO GERAL DA COSTA BRASÍLICA

**Roteiro geral, com largas informações
de toda a costa do Brasil.**

Proêmio

Como todas as coisas têm fim, convém que tenham princípio, e como o de minha pretensão é manifestar a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia de Todos os Santos e demais Estados do Brasil, do que os reis passados tanto se descuidaram, a el-rei nosso senhor convém, e ao bem de seu serviço, que lhe mostre, por estas lembranças, os grandes merecimentos deste seu estado, as qualidades e estranhezas dele, etc., para que lhe ponha os olhos e bafege com seu poder, o qual se engrandeça e estenda a felicidade, com que se engrandeceram todos os Estados que reinam debaixo de sua proteção, porque está muito desamparado depois que el-rei D. João III passou desta vida para a eterna, o qual principiou com tanto zelo, que para o engrandecer meteu nisso tanto cabedal, como é notório, o qual se vivera mais dez anos deixara nele edificadas muitas cidades, vilas e fortalezas mui populosas, o que se não efetuou depois do seu

falecimento, antes se arruinaram algumas povoações que em seu tempo se fizeram. Em reparo e acrescentamento estará bem empregado todo o cuidado que Sua Majestade mandar ter deste novo reino, pois está capaz para se edificar nele um grande império, o qual com pouca despesa destes reinos se fará tão soberano que seja um dos Estados do mundo porque terá de costa mais de mil léguas, como se verá por este *Tratado* no tocante à cosmografia dele, cuja terra é quase toda muito fértil, mui sadia, fresca e lavada de bons ares e regada de frescas e frias águas. Pela qual costa tem muitos, mui seguros e grandes portos, para nele entrarem grandes armadas, com muita facilidade, para os quais tem mais quantidade de madeira que nenhuma parte do mundo, e outros muitos aparelhos para se poder fazer.

É esta província mui abastada de mantimentos de muita substância e menos trabalhosos que os de Espanha. Dão-se nela muitas carnes, assim naturais dela, como das de Portugal, e maravilhosos pescados; onde se dão melhores algodões que em outra parte sabida, e muitos açúcares tão bons como na ilha da Madeira. Tem muito pau de que se fazem as tintas. Em algumas partes delas se dá trigo, cevada e vinho muito bom, e em todas todos os frutos e sementes de Espanha, do que haverá muita qualidade, se Sua Majestade mandar prover nisso com muita instância e no descobrimento dos metais que nesta terra há, porque lhe não falta ferro, aço, cobre, ouro, esmeralda, cristal e muito salitre; e em cuja costa sai do mar todos os anos muito bom âmbar; e de todas estas e outras podiam vir todos os anos e estes reinos em

tanta abundância, que se escusem os que vêm a eles dos estrangeiros, o que se pode facilmente sem Sua Majestade meter mais cabedal neste Estado que o rendimento dele nos primeiros anos, com que pode mandar fortificar e prover do necessário à sua defesa, o qual está hoje em tamanho perigo, que se nisso caírem os corsários, com mui pequena armada se senhorearão desta província, por razão de não estarem as povoações dela fortificadas, em terem ordem com que possam resistir a qualquer afronta que se oferecer, do que vivem os moradores dela tão atemorizados que estão sempre com o fato entroxado para se recolherem para o mato, como fazem com a vista de qualquer nau grande, temendo-se serem corsários, a cuja afronta Sua Majestade deve mandar acudir com muita brevidade, pois há perigo na tardança, o que não convém que haja, porque se os estrangeiros se apoderarem desta terra custará muito lançá-los fora dela pelo grande aparelho que têm para nela se fortificarem, com que se inquietará toda Espanha e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões de ouro em armadas e no aparelho delas, ao que agora se pode atalhar acudindo-lhe com presteza devida.

Não se crê que Sua Majestade não tenha a isto por falta de providência, pois lhe sobeja para as maiores empresas do mundo, mas de informação do sobredito que lhe não tem dado quem disso tem obrigação. E como a eu também tenho de seu leal vassalo, satisfaço da minha parte como que se contém neste Memorial, que ordenei pela maneira seguinte.

CAPÍTULO I

Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da província do Brasil, e como está arrumada.

A província do Brasil está situada além da linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ela a correr junto do rio que se diz das Amazonas, onde se principia o norte da linha de demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão desta província até 45 graus, pouco mais ou menos.

Esta terra se descobriu aos 25 dias do mês de abril de 1500 anos por Pedro Álvares Cabral, que neste tempo ia por capitão-mor para Índia por mandado de el-rei D. Manoel, em cujo nome tomou posse desta província, onde é agora a capitania de Porto Seguro, no lugar onde já esteve a vila de Santa Cruz que assim se chamou por se aqui arvorar uma muito grande, por mando de Pedro Álvares Cabral ao pé da qual mandou dizer, em seu dia, a 3 de maio, uma solene missa, com muita festa, pelo qual respeito se chama a vila do mesmo nome, e a província muitos anos foi nomeada por de Santa Cruz e de muitos Nova Lusitânia; e para solenidade desta posse plantou este capitão no mesmo lugar um padrão com as armas de Portugal, do que trazia para o descobrimento da Índia para onde levava sua derrota.

A estas partes foi mandada por Sua Alteza Gonçalo Coelho com três caravelas de armada, para que descobrisse esta costa, com as quais andou por ela muitos meses buscando-lhes os portos e rios, em muitos dos quais entrou e assentou marcos dos que para este descobrimento levava, no que passou grandes trabalhos pela experiência e informação que se até então tinha de como a costa corria, e do curso dos ventos com que se navegava. E recolhendo-se Gonçalo Coelho com perda de dois navios, com as informações que pôde alcançar, as veio dar a el-rei D. João, o III, que já neste tempo reinava, o qual logo ordenou outra armada de caravelas que mandou a estas conquistas, a qual entregou a Cristóvão Jacques, fidalgo da sua casa que nela foi por capitão-mor, o qual foi continuando no descobrimento desta costa e trabalhou um bom pedaço sobre aclarar a navegação dela, e plantou em muitas partes padrões que para isso levava.

Contestando com a obrigação do seu regimento, e andando correndo a costa, foi dar com a boca da Bahia, a que pôs o nome de Todos os Santos, pela qual entrou dentro, e andou especulando por ela todos os seus recôncavos, em um dos quais – a que chamam rio Paraguaçu – achou duas naus francesas que estavam ancoradas resgatando com o gentio, com as quais se pôs às bombardas, e as meteu no fundo, com o que se satisfez e se recolheu para o Reino, onde deu suas informações a Sua Alteza, que, com elas, e com as primeiras e outras que lhe tinham dado Pedro Lopes de Sousa, que por esta costa também tinham andado com outra armada, ordenou

de fazer povoar essa província, e repartia a terra dela por capitães e pessoas que se ofereceram a meter nisso todo o cabedal de suas fazendas, do que faremos particular menção em seu lugar.

CAPÍTULO II

Em que se declara a repartição que fizeram os reis católicos de Castela com el-rei D. João III de Portugal.

Para se ficar bem entendendo aonde demora e se estende o Estado do Brasil, convém que em suma declaremos como se avieram os reis na repartição de suas conquistas, o que se fez por esta maneira. Os reis católicos de Castela, D. Fernando e D. Izabel, sua mulher, tinham começado de entender no descobrimento das Índias ocidentais e algumas ilhas, e porque esperavam, de ir estes descobrimentos em tanto crescimento como foi, por atalharem as diferenças que sobre isso se podiam oferecer, concertaram-se com el-rei D. João o III de Portugal, se fizesse uma repartição líquida, para cada um mandar conquistar para sua parte livremente, sem escrúpulo de se prejudicarem. E acordados os reis desta maneira, deram conta deste concerto ao Papa, que além de aprovar, o louvou muito. E como tiveram consentimento de Sua Santidade, ordenaram a repartição desta concordância, fazendo baliza na ilha das do Cabo Verde, de barlavento mais ocidental, que se entende a de Santo Antão, e contando dela 21 graus e meio equi-

nociais de dezessete léguas e meia de cada grau, e lançada daqui uma linha meridiana de norte-sul, que ficassem as terras e ilhas que estavam por descobrir para parte do oriente, da coroa de Portugal; e lançada essa linha mental como está declarado, fica o Estado do Brasil da dita coroa, qual se começa além da ponta do rio das Amazonas da banda de oeste, pela terra dos caraíbas, donde se principia o norte desta província, e indo correndo esta linha pelo sertão dela ao sul parte o Brasil e conquistas dele além da baía de São Matias, por 45 graus pouco mais ou menos, distantes da linha equinocial, e altura do pólo antártico, e por esta conta tenho de costa mil e cinqüenta léguas, como pelas cartas se pode ver segundo a opinião de Pedro Nunes, que nesta arte atinou melhor que todos os do seu tempo.

CAPÍTULO III

Em que se declara o princípio de onde começa a correr a costa do Estado do Brasil.

Mostra-se claramente, segundo o que se contém neste capítulo atrás, que se começa a costa do Brasil além do rio das Amazonas da banda de oeste pela terra que se diz dos caraíbas do rio de Vicente Pinzon. Desse rio de Vicente Pinzon à ponta do rio das Amazonas, a que chamam o cabo Corso, são quinze léguas, a qual ponta está debaixo da linha equinocial; dessa ponta do rio à outra ponta da banda de leste são 36 léguas. E ao mar 12 léguas da boca desse rio estão ilhas, as quais

demoram em altura de um terço de grau da banda do sul. Essas ilhas se mostram na carta mais chegada à terra, o que é erro manifesto. Nestas ilhas há bons portos para surgirem navios, mas para bem não se de buscar de baixar-mar, nordeste-sudoeste, porque nesta conjunção se descobre melhor o canal. A este rio chama o gentio de Mar Doce, por ser um dos maiores do mundo, o qual é muito povoado de gentio doméstico e bem acondicionado, e segundo a informação que se deste rio tem, vem do sertão mais de mil léguas até o mar; pelo qual há muitas ilhas grandes e pequenas quase todas povoadas de gentio de diferentes nações e costumes, e muito dele costuma pelejar com setas ervadas. Mas toda a gente que por estas ilhas vive, anda despida ao modo do mais gentio do Brasil e usam dos mesmos mantimentos e muita parte dos seus costumes; e na boca deste rio, e por ele acima algumas léguas, com parte da costa da banda de leste, é povoado de tapuias, gente branda e mais tratável e doméstica que o mais gentio que há na costa do Brasil, de cujos costumes diremos adiante em seu lugar.

CAPÍTULO IV

*Em que se dão em suma algumas informações
que se têm deste rio das Amazonas.*

Como não há coisa que se encubra aos homens que querem cometer grandes empresas, não pôde estar encoberto este rio do mar Doce ou das Amazonas ao

capitão Francisco Pizarro, e indo por seu mandado com certa gente de cavalo descobrindo a terra, entrou por ela adentro tanto espaço que se achou perto do nascimento deste rio. E vendo-o caudaloso, fez junto dele embarcações, segundo o costume daquelas partes, em as quais se embarcou com a gente que trazia e se veio por esse rio abaixo, em o qual se houveram de perder por levar grande fúria e correnteza, e com muito trabalho tornou a tomar porto em povoado, na qual jornada teve muitos encontros de guerra com o gentio e com um exército de mulheres que com ele pelejaram com arcos e flechas, de onde o rio tomou o nome das Amazonas. Livrando-se este capitão deste perigo e dos mais por onde passou, veio tanto por este rio abaixo até que chegou ao mar; e dele foi ter a uma ilha que se chama a Margarita, donde se passou à Espanha. Dando suas informações ao imperador Carlos V, que está em glória, lhe ordenou uma armada de quatro naus para cometer esta empresa, em a qual partiu do porto de S. Lucar com sua mulher para ir povoar a boca deste rio, e o ir conquistando por ele acima, o que não houve efeito por na mesma boca deste rio falecer este capitão de sua doença, de onde sua mulher se tornou com a mesma armada para a Espanha.

Neste tempo – pouco mais ou menos – andava correndo a costa do Brasil em uma caravela, como aventureiro, Luís de Melo, filho do alcaide-mor de Elvas, o qual, querendo passar a Pernambuco, desgarrou com o tempo e as águas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão, e neste

das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito; e tomou língua do gentio de cuja fertilidade ficou satisfeito e muito mais das grandes informações que na ilha de Margarita lhe deram alguns soldados, que ali achou, que ficaram na companhia do capitão Francisco de Orellana, os quais facilitaram a Luís de Melo a navegação deste rio, e que com pouco cabedal e trabalho adquirisse por ele acima muito ouro e prata. Do que movido Luís de Melo, se veio à Espanha e alcançou licença de el-rei D. João III de Portugal para armar à sua custa e cometer esta empresa, para o que se fez prestes na cidade de Lisboa; e partiu do porto dela com três naus e duas caravelas com as quais se perdeu ns baixos do Maranhão, com a maior parte da gente que levava; e ele com algumas pessoas escaparam nos batéis e uma caravela em que foi ter às Antilhas. E depois deste fidalgo ser em Portugal, se passou à Índia, onde acabou valorosos feitos; e vindo-se para o Reino muito rico e com tenção de tornar a cometer esta jornada acabou no caminho em a nau São Francisco, que desapareceu sem até hoje se saber novas dele.

CAPÍTULO V

*Que declara a costa da ponta do rio das
Amazonas até o do Maranhão.*

A ponta do leste do rio das Amazonas está em um grau da banda do sul; dessa ponta ao rio da Lama, há 35 léguas, a qual está em altura de um grau e três quartos; e

ainda que este rio se chame de Lama, podem entrar por ele adentro e estarem muito seguras de todo o tempo, naus de 200 tonéis, o qual rio entra pela terra adentro muitas léguas.

Deste rio à ponta dos baixos são nove léguas, a qual está na mesma altura de um grau e $3/4$. Nessa ponta há abrigada para os barcos da costa poderem ancorar.

Da ponta dos baixos à ponta do rio Maranhão são dez léguas, onde chega a serra Escalvada, e entre ponta e ponta tem a costa algumas abrigadas, onde podem ancorar navios da costa, a qual ponta está em dois graus da banda do sul.

Até aqui se corre a costa noroeste-sueste e toma da quarta do leste-oeste; e dessa ponta do rio a outra ponta são 17 léguas, a qual está em altura de dois graus e três quartos. Tem este rio do Maranhão na boca – entre ponta e ponta delas para dentro – uma ilha que se chama das Vacas, que será de três léguas, onde esteve Aires da Cunha quando se perdeu com sua armada nestes baixos; e aqui nessa ilha estiveram também os filhos de João de Barros e aí tiveram povoado, quando também se perderam nos baixos deste rio, onde fizeram pazes com gentio tapuia, que tem povoado parte desta costa, e por este rio acima, onde mandavam resgatar mantimentos e outras coisas para remédio de sua manutenção.

Por este rio entrou um Bastião Marinho, piloto da costa, com um caravelão, e foi por ele acima algumas vinte léguas, onde achou muitas ilhas cheias de arvoredo e a terra delas alcantilada com sofrível fundo; e muitos braços em que entram muitos rios que se metem neste, o

qual afirmou ser toda a terra fresca, cheia de arvoredos e povoada de gentio, e as ilhas também. Neste rio entra o de Pindaré, que vem de muito longe.

Para se entrar neste rio do Maranhão, vindo do mar em fora, há de se chegar bem à terra da banda de leste por fugir dos baixios e do aparcelado, e quem entra por entre ela e a ilha entra seguro.

Quem houver de ir deste rio do Maranhão para o da Lama ou para o das Amazonas, há de se lançar por fora dos baixios com a sonda na mão, e não vá por menos de doze braças, porque esta costa até aqui dez léguas ao mar, vaza e enche nela a maré muito depressa, e em conjunção de lua tem grandes macaréus; mas para bem não se há de cometer o canal de nenhum destes rios se não de baixa-mar na costa, o que se pode saber pela lua, o que convém que seja, pelos grandes perigos que nesta entrada se oferecem, assim de macaréus como por espraiair e esparcelar o mar oito e dez léguas da terra, pelo que é forçado a chegar-se à terra de baixa-mar, pois então se descobre o canal mui bem; e neste rio do Maranhão não pode entrar, por este respeito, navios grandes.

CAPÍTULO VI

Em que se declara a costa do rio do Maranhão até o Rio Grande.

Atrás fica dito como a ponta de sueste do rio Maranhão, que se chama esparcelada, está em dois graus e $3/4$. Desta ponta à baía dos Santos não treze léguas, a

qual está na mesma altura, e esta baía é muito suja e tem alguns ilhéus; mas também entram nela muitos navios da costa, onde tem surgidouro e boa abrigada e maneira para se fazer aguada nela.

Desta baía dos Santos ao rio de João de Lisboa são quatro léguas, o qual está na mesma altura, onde também entram caravelões, por terem nele grande abrigada.

Do rio de João de Lisboa à baía dos Reis são nove léguas, a qual está em dois graus. Nesta baía estão algumas ilhas alagadas da maré de águas vivas por entre as quais entram caravelões e surgem à vontade.

Desta baía ao rio do Meio são 17 léguas, o qual está na mesma altura de dois graus, onde também entram caravelões. Entre este e a baía dos Reis entra outro rio que se chama do Parcel, onde também os navios da costa têm boa colheita. Deste rio do Meio à baía do Ano Bom são 11 léguas, a qual costa está na mesma altura de dois graus, aonde entram navios da costa e têm muito boa colheita, a qual baía tem um grande baixo.

No meio e dentro dela se vem meter no mar o rio Grande dos Tapuias, e se navega um grande espaço pela terra adentro e vem de muito longe; o qual se chama dos tapuias por eles virem por ele abaixo em canoas a mariscar ao mar desta baía, da qual à baía da Coroa são dez léguas; e está na mesma altura onde entram e surgem caravelões da costa. Da baía da Coroa até o rio Grande são três léguas, onde começaremos o capítulo que segue. E corre-se a costa até aqui leste-oeste.

CAPÍTULO VII

*Em que se declara a costa do rio Grande até
a do Jagoarive.*

Como fica dito, o rio Grande está em dois graus da parte do sul, o qual vem de muito longe e traz muita água, por se meterem nele muitos rios; e, segundo a informação do gentio, nasce de uma lagoa em que se afirma acharem-se muitas pérolas. Perdendo-se, haverá 16 anos, um navio nos baixos do Maranhão, da gente que escapou dele que veio por terra, afirmou um Nicolau de Rezende, desta companhia, que a terra toda ao longo do mar até este rio Grande era escalvada a maior parte dela, e outra cheia de palmares bravos, e que achara uma lagoa muito grande, que seria de 20 léguas pouco mais ou menos; e que ao longo dela era a terra fresca e coberta de arvoredos; e que mais adiante achara outra muito maior a que não vira o fim, mas que a terra que vizinhava com ela era fresca e escalvada, e que em uma e em outra havia grandes pescarias, de que se aproveitavam os tapuias que viviam por esta costa até este rio Grande, dos quais disse que recebera com os mais companheiros bom tratamento. Por este rio Grande entram navios da costa e tem nele boa colheita, o qual se navega com barcos algumas léguas. Deste rio Grande aos Negros são sete léguas, o qual está em altura de dois graus e $\frac{1}{4}$; e do rio dos Negros às Barreiras Vermelhas são seis léguas, que estão na mesma altura; e numa parte

e noutra têm os navios da costa surgidouro e abrigada. Das Barreiras Vermelhas à ponta dos Fumos são quatro léguas, a qual está em dois graus e $\frac{1}{3}$. Desta ponta do rio da Cruz são sete léguas e está em dois graus e meio em que também têm colheita os navios da costa. Afirma o gentio que nasce este rio de uma lagoa, ou junto dela, onde também se criam pérolas, e chama-se este rio da Cruz, porque se metem nele perto do mar dois riachos, em direito um do outro, porque fica a água em cruz. Deste rio ao do Parcel são oito léguas, o qual está em dois graus e meio; e faz-se na boca deste rio uma baía toda esparcelada.

Do rio do Parcel à enseada do Macorive são 11 léguas, e está na mesma altura, a qual enseada é muito gande e ao longo dela navegam navios da costa; mas dentro, em toda, têm bom surgidouro e abrigo; e no rio das Ostras, que fica entre esta enseada e a do Parcel o têm também. Da enseada do Macorive ao monte de Li são 15 léguas e está em altura de dois graus e $\frac{2}{3}$, onde há porto e abrigada para os navios da costa; e entre este porto e a enseada de Macorive têm os mesmos navios surgidouro e a abrigada no porto que se diz pos parcéis. Do monte de Li ao rio Jagoarive são 10 léguas, o qual está em dois graus e $\frac{3}{4}$, e junto da barra deste rio se mete outro nele, que se chama rio Grande que é extremo entre os tapuias e os potiguares. Neste rio entram navios de honesto porte até onde se corre a costa leste-oeste; a terra daqui até o Maranhão é quase toda escalvada; e quem quiser navegar por ela e entrar em qualquer porto dos nomeados há de entrar neste rio de Jagoarive por

entre os baixos e a terra porque tudo até o Maranhão defronte da costa são baixos, e pode navegar sempre por entre eles e a terra, por fundo de três braças e duas e meia, achando tudo limpo, e quando se chegar mais à terra se achará mais fundo. Nesta boca do Jagoarive está uma enseada onde navios de todo porte podem ancorar e estar seguros.

CAPÍTULO VIII

Em que se declara a costa do rio Jagoarive até o cabo de São Roque.

Do rio Jagoarive de que se trata acima até a baía dos Arrecifes são oito léguas, a qual demora em altura de três graus. Nesta baía se descobrem de baixa-mar muitas fontes de água doce muito boa, onde bebem os peixes-bois de que aí há muitos, que se matam arpoando-os assim o gentio potiguar, que aqui vinha, como os caravelões da costa, que por aqui passam desgarrados onde acham bom surgidouro e abrigada.

Desta baía ao rio D. Miguel são sete léguas, a qual está em altura de três graus e $\frac{2}{3}$ em a qual os navios da costa surgem por acharem nela boa abrigada. Desta baía ao rio Grande são quatro léguas o qual está em altura de quatro graus. Este rio tem duas pontas saídas para o mar, e entre uma e outra há uma ilhota, que lhe faz duas barras, pelas quais entram navios da costa. Defronte deste rio começam os baixos de São Roque, e deste rio Grande até o cabo de São Roque são

dez léguas, o qual está em altura de quatro graus e um seismo; entre este cabo e a ponta do rio Grande se faz de uma ponta a outra uma grande baía, cuja terra é boa e cheia de mato, em cuja ribeira ao longo do mar se acha muito sal feito.

Defronte desta baía estão os baixos de São Roque, os quais arrebetam em três ordens, e entra-se nesta baía por cinco canais que vêm ter ao canal que está entre um arrecife e outro, pelos quais se acha fundo de duas, três, quatro e cinco braças, por onde entram os navios da costa à vontade.

CAPÍTULO IX

*Em que se declara a costa do cabo de
São Roque até o porto dos Búzios.*

Do cabo de São Roque até a ponta de Goaripari são seis léguas, ao qual está em quatro graus e $1/4$, onde a costa é limpa e a terra escalvada, de pouco arvoredado e sem gentio. De Goaripari à enseada da Itapitanga são sete léguas, a qual está a quatro graus e $1/4$; da ponta desta enseada à ponta de Goaripari são tudo arrecifes, e entre eles e a terra entram naus francesas que surgem nesta enseada à vontade, sobre a qual está um grande médão de areia; a terra por aqui ao longo do mar está despovoada do gentio por ser estéril e fraca. Da Itapiranga ao rio Pequeno, a que os índios chamam Baquipe, são oito léguas, a qual está a cinco graus e um seismo. Neste rio entram chalupas francesas a resgatar

com gentio e carregar do pau de tinta, as quais são das naus que se recolhem na enseada de Itapitanga.

Andando os filhos de João de Barros correndo esta costa, depois que se perderam lhes mataram neste lugar os potiguares, com favor dos franceses, induzidos deles muitos homens. Deste rio Pequeno ao outro rio Grande são três léguas, ao qual está em altura de cinco graus e $1/4$; nesse rio Grande podem entrar muitos navios de todo porte, porque tem a barra funda de dezoito até seis braças, entra-se nele como pelo arrecife de Pernambuco, por ser da mesma feição.

Tem este rio um baixo à entrada da banda do norte, onde corre água muito à vazante, e tem dentro algumas ilhas de mangues, pelo qual vão barcos por ele acima 15 ou 20 léguas e vem muito longe. Esta terra do rio Grande é muito sofrível para esse rio haver de se povoar, em o qual se metem muitas ribeiras em que se podem fazer engenhos de açúcar pelo sertão. Neste rio há muito pau de tinta, onde os franceses o vão carregar muitas vezes.

Do rio Grande ao porto dos Búzios são dez léguas e está em altura de cinco graus e $2/3$; entre este porto e o rio estão os lençóis de areia como os de Itapuã, junto da baía de Todos os Santos. Neste rio Grande achou Diogo Pais de Pernambuco, língua do gentio, um castelhano entre os potiguares, com os beijos furados como eles, entre os quais andava havia muito tempo, o qual se embarcou em uma nau para França porque servia de língua dos franceses entre os gentios nos seus resgates. Neste porto dos Búzios

entram caravelões da costa num riacho que nesse lugar se vem meter no mar.

CAPÍTULO X

Em que se declara a terra e costa do porto dos Búzios até a Baía da Traição, e como João de Barros mandou povoar sua capitania.

Do porto dos Búzios a Itacoatigara são nove léguas, e este rio se chama deste nome por estar em um ponta dele uma pedra de feição de pipa como ilha, a que o gentio por este respeito pôs este nome, que quer dizer “ponta da pipa”. Mas o próprio nome do rio é Garatuí, o qual está em altura de seis graus. Entre esta ponta e porto dos Búzios está a enseada de Tabatinga, onde também há surgidouro e abrigada para navios em que detrás da ponta costumavam ancorar naus francesas e fazer sua carga de pau de tinta. De Itacoatigara ao rio de Goaramataí são duas léguas, o qual está em seis graus esforçados; de Goaramataí ao rio de Caramative são duas léguas, o qual está em seis graus e $1/4$, e entre um e outro rio está a enseada Aratipicaba, onde dos arrecifes para dentro entram naus francesas e fazem sua carga.

Deste porto para baixo, pouco mais ou menos, se estende a capitania de João de Barros, feitor que foi da casa da Índia, a quem el-rei D. João III de Portugal fez mercê de cinquenta léguas de costa partindo com a

capitania de Pero Lopes de Sousa, de Itamaracá. Desejoso João de Barros de se aproveitar dessa mercê, fez à sua custa uma armada de navios em que embarcou muitos moradores com todo o necessário para se poder povoar esta sua capitania e em a qual mandou dois filhos seus que partiram com ela, e prosseguindo logo sua viagem em busca da costa do Brasil foram tomar terras junto do rio do Maranhão, em cujos baixos se perderam. Deste naufrágio escapou muita gente, com a qual os filhos de João de Barros se recolheram em uma ilha que está na boca deste rio do Maranhão, aonde passaram muitos trabalhos, por se não poderem comunicar desta ilha com os moradores da capitania de Pernambuco, e das demais capitanias, os quais depois de gastarem alguns anos, despovoaram e se vieram para este Reino. Nesta armada, e em outros navios que João de Barros depois mandou por sua conta em socorro de seus filhos, gastou muita soma de mil cruzados, sem desta despesa lhe resultar nenhum proveito, como fica dito atrás. Também lhe mataram os potiguares muita gente onde se chama o rio Pequeno.

CAPÍTULO XI

Em que se declara a costa da baía da Traição até Paraíba.

Do rio de Camaratibe até a baía da Traição são duas léguas, a qual está em seis graus e $\frac{1}{3}$, onde ancoram naus francesas que entram dos arrecifes para dentro.

Chama-se esta baía pelo gentio potiguar Acautibiró, e os portugueses, da Traição, por com ela matarem uns poucos castelhanos e portugueses que nesta costa se perderam. Nesta baía fazem cada ano os franceses muito pau de tinta e carregam dele muitas naus. Desta baía da Traição ao rio Maguape são três léguas, o qual está em seis graus e meio. Do rio do Maguape ao da Paraíba são cinco léguas, o qual está em seis graus e $\frac{3}{4}$; a este rio chamam – na carta de marear – de São Domingos, onde entram naus de 200 tonéis, e no rio de Maguape entram caravelas da costa; mas o rio de São Domingos se navega muito pela terra adentro, de onde ele vem de bem longe.

Tem este rio um ilhéu da boca para dentro que lhe faz duas barras, e pela que está da banda do norte entram caravelões que navegam por entre a terra e os arrecifes até Itamaracá, e pela outra barra entram as naus grandes; e porque entravam cada ano neste rio naus francesas a carregar o pau de tinta com que abatia o que ia para o Reino das mais capitânicas por tonta dos portugueses e porque o gentio potiguar andava mui levantado contra os moradores da capitania de Itamaracá e Pernambuco, com o favor dos franceses, com os quais fizeram nessas capitânicas grandes danos, queimando engenhos e outras muitas fazendas em que mataram muitos homens brancos e escravos; assentou Sua Majestade de o mandar povoar e fortificar para o que mandou a isso Frutuoso Barbosa com muitos moradores, o que se começou a fazer com mui grande alvoroço dos moradores destas duas capitânicas. Foi Deus servido que

lhe sucedesse mal com lhe matarem os potiguares (em cuja companhia andavam muitos franceses), 36 homens e alguns escravos numa cilada, com o qual sucesso se descontentara muito os moradores de Pernambuco; e se desavieram com Frutuoso Barbosa, de feição que se tornaram para suas casas, e ele ficou impossibilitado para poder pôr em efeito o que lhe era recomendado, o que se depois efetuou com o favor e ajuda que para isso deu Diogo Flores de Valdez, general da armada que foi ao estreito de Magalhães.

CAPÍTULO XII

*Em que se trata de como se tornou a cometer
a povoação do rio da Paraíba.*

Na baía de Todos os Santos soube o general Diogo Flores, vindo aí do estreito de Magalhães, com seis naus que lhe ficaram da armada que levou, como os moradores de Pernambuco e Itamaracá pediam muito afincadamente ao governador Manoel Teles Barreto que era então do Estado do Brasil, que os fosse socorrer contra o gentio potiguar que os ia destruindo, com favor e ajuda dos franceses, os quais tinham neste rio da Paraíba quatro navios para carregar de pau de tinta; e, posto este negócio em conselho, se assentou que o governador naquela conjunção, não era bem que saísse da Bahia, pois não havia mais de seis meses que era a ela chegado, onde tinha por prover em grandes negócios convenientes ao serviço de Deus e de el-rei e do bem comum, mas que, pois

naquele porto estava o general Diogo Flores, com aquela armada, e Diogo Vaz da Veiga com duas naus portuguesas da armada em que do Reino fora o governador, das quais vinha por capitão para o Reino, que um capitão e outro fossem fazer este socorro, indo por cabeça principal o capitão Diogo Flores de Baldez, o qual chegou a Pernambuco com a armada toda junta, com que veio o ouvidor geral Martim Leitão e o provedor-mor Martim Carvalho para, em Pernambuco, a favorecerem com gente e mantimentos, como o fizeram, a qual gente foi por terra e o general por mar com esta armada com a qual ancorou fora da barra, e não entrou dentro com mais que com a sua fragata e uma nau das de Diogo Vaz da Veiga, de que era capitão Pedro Correa de Lacerda, em a qual o mesmo Diogo Vaz ia, e com todos os batéis das outras naus.

Em os franceses vendo esta armada puseram fogo às suas naus e lançara-se com o gentio, com o qual fizeram mostras de quererem impedir a desembarcação, o que não lhes serviu de nada, que o general desembarcou a pé enxuto, sem lho poderem impedir, e chegou a gente de Pernambuco e Itamaracá por terra com muitos escravos e todos juntos ordenaram um forte de terra e faxina onde se recolheram, no qual Diogo Flores deixou cento e tantos homens dos seus soldados com um capitão para os caudilhar, que se chamava Francisco Castrejon que se amassou tão mal com Frutuoso Barbosa não o querendo conhecer por governador que foi forçado a deixá-lo neste forte, só, e ir-se para Pernambuco, de onde se queixou a Sua Majestade para que provesse sobre o caso, como lhe parecesse mais seu serviço. E sendo ausente Frutuoso

Barbosa veio gentio por algumas vezes afrontar este forte e pô-lo em cerco, o qual sofreu mal o capitão Francisco Castrejon. E, apertado dos trabalhos, desamparou este forte o largou aos contrários, passando-se por terra à capitania de Itamaracá que é daí 18 léguas, e pelo caminho que lhe matou o gentio alguma gente que lhe ficou atrás, como foram mulheres e outra gente fraca. Mas, sabendo os moradores de Pernambuco este destroço, se ajuntaram e tornaram a este rio da Paraíba, com Frutuoso Barbosa e se tornaram a apoderar deste forte, o qual Sua Majestade tem agora socorrido com gente, munições e mantimentos necessários, a quem se juntou uma aldeia do gentio tupinambá, se apartou dos potiguares, e se veio viver à borda da água, para ajudar a favorecer este forte. Este rio da Paraíba é mui necessário fortificar-se, uma por tirar esta ladroeira dos franceses dele, outro por se povoar, pois é a terra capaz para isso, onde se podem fazer muitos engenhos de açúcar. E povoado este rio, como convém, ficam seguros os engenhos da capitania de Itamaracá e alguns da de Pernambuco, que não lavram com temor dos potiguares, e outras se tornarão a reformar, que eles queimaram e destruíram. Dos quais potiguares é bem que façamos este capítulo, que se segue, antes que saíamos do seu limite.

CAPÍTULO XIII

Que trata da vida e dos costumes do gentio potiguar.

Não é bem que passemos já do rio Paraíba, onde se acha o limite por onde reside o gentio potiguar, que

tanto mal tem feito aos moradores das capitanias de Pernambuco e Itamaracá, e a gente dos navios que se perderam pela costa da Paraíba até o rio do Maranhão. Este gentio senhoreia esta costa do rio Grande até o da Paraíba, onde se confinaram antigamente com outro gentio, que chamam os caetés, que são seus contrários, e se faziam crudelíssima guerra uns aos outros, e se fazem ainda agora pela banda do sertão onde vivem os caetés, e pela banda do rio Grande são fronteiros dos tapuias, que é a gente mais doméstica, com quem estão às vezes de guerra e às vezes de paz, e se ajudam uns aos outros contra os tabajaras, que vizinham com eles pela parte do sertão.

Costumam estes potiguares não perdoarem a nenhum dos contrários que cativam, porque os matam e comem logo. Este gentio é de má estatura, baços de cor, como todo o outro gentio; não deixam crescer nenhuns cabelos no corpo senão os da cabeça, porque em eles nascendo os arrancam logo. Falam a língua dos tupinambás e caetés; têm os mesmos costumes e gentilidades, o que declaramos ao diante no capítulo dos tupinambás. Este gentio é muito belicoso, guerreiro e atraído, e amigo dos franceses, a quem faz sempre boa companhia, e, industriados deles, inimigo dos portugueses. São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que estão sempre mui providos, e são caçadores bons e tais flecheiros que não erram flechada que atirem. São grandes pescadores da linha, assim no mar como nos rios de água doce. Cantam, bailam, comem e bebem pela ordem dos tupinambás, onde se

declarará miudamente sua vida e costumes, que é quase o geral de todo o gentio da costa do Brasil.

CAPÍTULO XIV

Em que se declara a costa do rio da Paraíba até Itamaracá, e quem foi o seu primeiro capitão.

Do rio da Paraíba, que se diz também o rio de São Domingos, ao rio de Jagoaripe, são duas léguas, em o qual entram barcos. Do rio de Jagoaripe ao da Aramama são duas léguas, o qual está em altura de sete graus, onde entram caravelões dos que navegam entre a terra e o arrecife.

Deste rio ao da Abionabijá são duas léguas, cuja terra é alagadiça quase toda, e entre um rio e outro ancoravam nos tempos passados naus francesas, e daqui entravam para dentro. Deste rio ao da Capivarimirim são seis léguas, o qual está em altura de seis graus e meio, cuja terra é toda chã.

De Capivarimirim a Itamaracá são seis léguas, e está em sete graus e $1/3$. Itamaracá é uma ilha de duas léguas onde está a cabeça dessa capitania e a vila de Nossa Senhora da Conceição.

Do redor desta ilha entram no salgado cinco ribeiras, em três das quais estão engenhos; onde se fizeram mais, se não foram os potiguares, que vêm correndo a terra por cima e assolando tudo. Até aqui como fica dito, tem o rio de Itamaracá umas barreiras vermelhas na ponta da barra; e quem houver de entrar

por ela adentro ponha-se nordeste-sudoeste com as barreiras, e entrará a barra à vontade, e daí para dentro o rio ensinará por onde hão de ir.

Por esta barra entram navios de cem tonéis, e mais, a qual fica na banda do sul da ilha, e a outra barra da banda do norte se entra ao sueste, pela qual se servem os caravelões da costa.

De Itamaracá ao rio de Iguaraçu são duas léguas, onde se extrema esta capitania da de Pernambuco; dessa capitania fez el-rei D. João III de Portugal mercê de Pero Lopes de Sousa que foi um fidalgo muito honrado, o qual, sendo mancebo, andou por esta costa com armada à sua custa, em pessoa foi povoar esta capitania com moradores que para isso levou do porto de Lisboa de onde partiu; no que gastou alguns anos e muitos mil cruzados com muitos trabalhos e perigos, em que se viu, assim no mar pelejando com algumas naus francesas que encontrava (do que os franceses nunca saíram bem), como em terra em brigas que com eles teve de mistura com os potiguares, de quem foi por vezes cercado e ofendido, até que os fez afastar dessa ilha de Itamaracá e vizinhança dela.

E esta capitania não tem de costa mais de 25 ou 30 léguas, por Pero Lopes de Sousa não tomar as 50 léguas de costa que lhes fez mercê Sua Alteza todas juntas, mas tomou aqui a metade e a outra demasia junto a capitania de São Vicente onde chamam Santo Amaro.

CAPÍTULO XV

Que declara a costa do rio de Igarauçu até Pernambuco.

A vila de Cosmos está junto ao rio de Igarauçu, que é marco entre a capitania de Itamaracá e a de Pernambuco, a qual vila será de duzentos vizinhos pouco mais ou menos, em cujo termo há três engenhos de açúcar muito bons. Do rio de Igarauçu ao porto de vila de Olinda são quatro léguas, e está em altura de oito graus.

Neste porto de Olinda se entra pela boca de um arrecife de pedra ao sul-sudoeste e depois norte-sul; e, entrando para dentro ao longo do arrecife, fica o rio morto, pelo qual entram até acima navios de 100 tonéis até 200, tomam meia carga em cima e acabam de carregar onde chamam “o Poço”, defronte a boca do arrecife, onde convém que os navios estejam bem amarrados, porque trabalham aqui muito por andar neste porto sempre o mar de levadio; por esta boca entra o salgado pela terra dentro uma légua ao pé da vila; e defronte do surgidouro dos navios faz este rio outra volta deixando no meio uma ponta de areia onde está uma ermida do Corpo Santo.

Neste lugar vivem alguns pescadores e oficiais da ribeira, e estão alguns armazéns em que os mercadores agasalham os açúcares e outras mercadorias; e desta ponta da areia da banda de dentro se navega este rio até o varadouro, que está ao pé da vila, com caravelões e

barcos, e do varadouro para cima se navega com barcos de navios obra de meia légua, onde se faz aguada fresca para as naus da ribeira que vêm do engenho de Jerônimo de Albuquerque; também se metem neste rio outras ribeiras por onde vão os barcos dos navios a buscar os açúcares aos paços onde os trazem encaixados e em carros; este esteiro e limite do arrecife é muito farto de peixe de redes que por aqui pescam e do marisco; perto de uma légua da boa deste arrecife está outro boqueirão, que chamam a Barreta, por onde podem entrar barcos pequenos estando o mar bonançoso.

Desta Barreta por diante corre este arrecife ao longo da terra duas léguas, e entre ela e ele se navega com barcos pequenos que vêm do mar em fora, e quem puser os olhos na terra em que está situada esta vila, parecer-lhe-á que é o cabo de Santo Agostinho, por ser muito semelhante a ele.

CAPÍTULO XVI

Do tamanho da vila de Olinda e da grandeza de seu termo, quem foi o primeiro povoador dela.

A vila de Olinda é a cabeça da capitania de Pernambuco, a qual povoou Duarte Coelho, que foi um fidalgo, de cujo esforço e cavalaria escusaremos tratar aqui em particular, por não escurecer muito que dele dizem os livros da Índia, de cujos feitos estão cheios. Depois que Duarte Coelho veio da Índia a Portugal, a buscar satisfação dos seus serviços, pediu a S.A. que lhe

fizesse mercê de uma capitania nesta costa, que logo lhe concedeu, abalizando-lha da boca do rio São Francisco da banda do noroeste e correndo dela pela costa 50 léguas contra Itamaracá que se acabam no rio Igarauçu, como já fica dito; e como a este valoroso capitão sobravam sempre espíritos para cometer grandes feitos, não lhe faltaram para vir em pessoa povoar e conquistar essa sua capitania, onde veio com uma frota de navios que armou à sua custa, na qual trouxe sua mulher e filhos e muitos parentes de ambos, e outros moradores com a qual tomou este porto que se diz Pernambuco por uma pedra que junto dele está furada no mar, que quer dizer pela língua do gentio mar furado.

Chegando a Duarte Coelho a este porto desembarcou nele e fortificou-se onde agora está a vila em um alto livre de padraços, da melhor maneira que foi possível, onde fez uma torre de pedra e cal, que ainda agora está na praça da vila, onde muitos anos teve grandes trabalhos de guerra com o gentio e franceses que em sua companhia andavam, dos quais foi cercado muitas vezes, mal-ferido e mui apertado, onde lhe mataram muita gente; mas ele, com a constância de seu esforço, não desistiu nunca da sua pretensão, e não tão-somente se defendeu valorosamente e resistiu aos inimigos, de maneira que os fez afastar da povoação e despejar as terras vizinhas aos moradores delas, onde depois seu filho, do mesmo nome, lhes fez guerra, maltratando e cativando neste gentio, que é o que se chama de caeté, que o fez despejar a costa toda, como

esta o é hoje em dia, e afastar mais de 50 léguas pelo sertão.

Nestes trabalhos gastou Duarte, o velho, muitos mil cruzados, que adquiriu na Índia, a qual despesa foi bem empregada, pois ela resultou ter seu filho Jorge de Albuquerque Coelho dez mil cruzados de renda, que tanto importa à sua redízima e dízima do pescado e os foros que lhe pagam os engenhos, dos quais estão feitos em Pernambuco 50, que fazem tanto açúcar que estão os dízimos dele arrendados em 19 mil cruzados cada ano.

Esta vila de Olinda terá 700 vizinhos, pouco mais ou menos, mas tem muito mais no seu termo, porque em cada um destes engenhos vivem 20 e 30 vizinhos, fora os que vivem nas roças, afastados deles, que é muita gente; de maneira que, quando fora necessário a juntar-se a esta gente com armas, pôr-se-ão em campo mais de 3 mil homens de peleja com os moradores da vila de Cosmos, entre os quais haverá 400 homens de cavalo. Esta gente pode trazer de suas fazendas 4 ou 5 mil escravos da Guiné e muitos do gentio da terra.

É tão poderosa esta capitania que há nela mais de 100 homens que têm de mil até 5 mil cruzados de renda, e alguns de 8, 10 mil cruzados. Desta terra saíram muitos homens ricos para estes reinos que foram a ela muito pobres, com os quais entram cada ano desta capitania 40 e 50 navios carregados de açúcar e pau-brasil, o qual é o mais fino que se acha em toda a costa; importa tanto este pau a Sua Majestade que o tem agora novamente arrendado por tempo de 10 anos por 20 mil cruzados cada ano. E parece que será tão rica e

poderosa, de onde saem tantos provimentos para estes reinos, que se devia ter mais em conta a fortificação dela, e não consentir que esteja arriscada a um corsário a saquear e destruir, o que se pode atalhar com pouca despesa e menos trabalho.

CAPÍTULO XVII

Em que se declara a terra e costa que há do porto de Olinda até o cabo de Santo Agostinho.

Do porto de Olinda à ponta de Pero Cavarim são quatro léguas. Da ponta de Pero Cavarim ao rio de Jaboação é uma légua, em a qual entram barcos. Do rio de Jaboação ao cabo de Santo Agostinho são quatro léguas, o cabo está em oito graus e meio. Ao socairo deste cabo da banda do norte podem surgir naus grandes quando cumprir, onde têm boa abrigada. Do cabo até Pernambuco corre-se a costa norte-sul.

Quem vem do mar em fora, para conhecer este cabo de Santo Agostinho, verá por cima dele uma serra selada, que é boa conhecença, porque por aquela parte não há outra serra da sua altura e feição, a qual está quase leste-oeste com o cabo e toma uma quarta de nordeste-sudoeste.

E para quem vem ao longo da costa bota o cabo fora um pouco mato e em manchas; e ver-lhe-ão que tem a banda do sul, cinco léguas afastado dele, a ilha de Santo Aleixo, que é baixa e pequena.

Até este cabo é a terra povoada de engenhos de açúcar, e por junto dele passa um rio que se diz do cabo (onde também estão alguns), o qual sai ao mar duas léguas do cabo e mistura-se ao entrar do salgado com o rio do Ipojuca, que está duas léguas da banda do sul, nesse rio entram e saem caravelões dos serviços dos engenhos que estão nos mesmos rios, onde se recolhem com tempo barcos da costa.

CAPÍTULO XVIII

Em que se declara a costa do cabo e rio do Ipojuca até o rio de São Francisco.

Já fica dito como se mete o rio de Ipojuca com o do cabo ao entrar no salgado, agora digamos como ele ao porto das Galinhas são duas léguas. A terra que há entre este porto e o rio de Ipojuca é toda alagadiça. Neste porto e rio das Galinhas entram barcos da costa. Do rio das Galinhas à ilha de Santo Aleixo é uma légua, em a qual há surgidouro e abrigo para as naus, e está afastado da terra firme uma légua; da ilha de Santo Aleixo ao rio de Maracaípe são seis léguas, onde entram caravelões, ao qual tem uns ilhéus na boca. De Maracaípe ao rio Formoso são duas léguas, o qual tem um arrecife ao mar defronte de si, que tem um boqueirão por onde entram navios da costa, o qual está a nove graus, cuja terra é escalvada mais bem provida de caça. Do rio Formoso ao de Una são três léguas, o qual tem na boca uma ilha de mangues da banda do norte, a qual se

alaga com a maré, e mais adiante, chegada à terra, tem sete ilhetas de mato. Neste rio Una ao porto das Pedras são quatro léguas, o qual está em nove graus e meio. Entre este e o rio Uma se faz uma enseada muito grande, onde podem surgir e barlaventar naus que nadem em fundo de cinco até sete braças, porque tanto têm de fundo.

E corre-se a costa do cabo de Santo Agostinho até este porto das Pedras nor-nordeste su-sudoeste. Deste porto ao rio Camaragipe são três léguas, cuja fronteira é de um banco de arrecifes que tem algumas abertas por onde entram barcos da costa, e ficam seguros de todo o tempo entre os arrecifes e a terra. Neste rio de Camaragipe entram navios de honesto porte, e na ponta da barra dele da banda do sul tem umas barreiras vermelhas, cuja terra ao longo do mar é escalvada até o rio de Santo Antônio Mirim, que está dele duas léguas, onde também entram caravelões da costa.

Do rio de Santo Antônio Mirim ao porto Velho dos Franceses são três léguas, onde eles costumam ancorar com suas naus e resgatar com o gentio. Do porto Velho dos Franceses ao rio de São Miguel são quatro léguas, que está em dez graus, no qual entram navios da costa, e entre um e outro entra no mar o rio da Alagoa, onde também entram caravelões o qual se diz da Alagoa, por nascer de uma que está afastada da costa, ao qual rio chamam os índios o porto Jaraguá.

Do rio de São Miguel, ao porto Novo dos Franceses são duas léguas, defronte do qual fazem os arrecifes que (vão correndo a costa), uma aberta por

onde os franceses costumavam entrar com suas naus, e ancoravam entre o arrecife e a terra por ter fundo para isso, onde estavam muito seguros, e daqui faziam seu resgate com o gentio. Do porto Novo dos Franceses ao de Sepetiba é uma légua do qual ao tio de Currurupe são três léguas em o qual entram navios da costa, cuja terra ao longo do mar é fraca, mas para dentro duas léguas é arresoada. Deste rio do Currurupe até o rio de São Francisco são seis léguas. Da ponta da barra Currurupe, contra o rio de São Francisco se vai armando uma enseada de duas léguas, em a qual bem chegados à terra, estão os arrecifes de D. Rodrigo, onde também se chama o porto dos Franceses oor se eles costumarem recolher aqui com suas naus à abrigada desta enseada, e iam por entre os arrecifes e a terra com suas lanchas, tomar carga de pau de tinta no rio de Currurupe.

Aqui se perdeu o bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, com sua nau vinda da Bahia para Lisboa, em a qual vinha Antônio Cardoso de Barros, provedor-mor que fora do Brasil, e dois cônegos e duas mulheres honradas e casadas, muitos homens nobres e outra muita gente, que seriam mais de cem pessoas brancas, afora escravos, a qual escapou toda deste naufrágio, mas não do gentio caeté, que nesse tempo senhoriava esta costa da boca deste rio de São Francisco até o da Paraíba; depois que estes caetés roubaram este bispo e toda esta gente de quanto salvaram, os despiram a amarraram a bom recado e pouco a pouco os foram matando e comendo, sem escapar mais que dois índios

da Bahia com um português que sabia a língua, filho do meirinho da correição.

A terra que há por cima desta enseada até perto do rio de São Francisco é toda alagadiça, cuja água se ajunta toda em uma ribeira, que se dela faz, a qual vai entrar no rio de São Francisco até o porto das Pedras nor-nordeste su-sudoeste e toma da quarta de norte-sul.

CAPÍTULO XIX

Que trata de quem são estes caetés, que foram moradores na costa de Pernambuco.

Parece que não é bem que passemos adiante do rio de São Francisco sem dizermos que gentio é este caeté, que tanto mal tem feito aos portugueses nesta costa, o que agora cabe dizer deles.

Este gentio, nos primeiros anos da conquista deste estado do Brasil, senhoreou desta costa da boca do rio de São Francisco até o rio Paraíba, onde sempre teve guerra cruel com s potiguares e se matavam e comiam uns aos outros em vingança de seus ódios, para execução da qual entravam muitas vezes pela terra dos potiguares e lhes faziam muito dano. Da banda do rio de São Francisco guerreavam estes potiguares em suas embarcações com os tupinambás, que viviam de outra parte do rio, em cuja terra entravam a fazer seus saltos, onde cativavam muitos, que comiam sem lhes perdoar.

As embarcações de que este gentio usava, eram de uma palha comprida como a das esteiras de taboa que

fazem em Santarém, a que eles chamam periperi, a qual palhas fazem molhos muito apertados, com umas varas como vime, a que eles chamam timbós, que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em umas varas grossas faziam uma feição de embarcações, em que cabiam 10 a 12 índios, que se remavam muito bem, e nelas guerreavam com os tupinambás neste rio de São Francisco, e se faziam uns a outros muito dano.

E aconteceu por muitas vezes fazerem os caetés desta palha tamanhas embarcações que vinham nelas ao longo da costa fazer seus saltos aos tupinambás junto da Bahia, que são 50 léguas. Pela parte do sertão, confinava este gentio com os tapuias e tupinaés, e se faziam cruéis guerras, para cujas aldeias ordinariamente havia fronteiros, que as corriam e salteavam. E quando os caetés matavam ou cativavam alguns contrários destes, tinham-no por mor honra que não quando faziam outro tanto aos potiguares nem aos tupinambás. Este gentio é da mesma cor baça, e tem a vida e costumes dos potiguares e a mesma língua que é em tudo como as do tupinambás, em cujo título se dirá muito de suas gentilidades.

São estes caetés mui belicosos e guerreiros, mas mui atraídoados e sem nenhuma fé nem verdade, o qual fez os danos que fica declarado à gente da nau do bispo, a Duarte Coelho, e a muitos navios e caravelões que se perderam nesta costa, dos quais não escapou pessoa nenhuma, que não matassem e comessem, cujos danos Deus não permitiu que durassem mais tempo; mas ordenou de os destruir desta maneira. Confederaram-se

os tupinambás seus vizinhos com os tipinaés pelo sertão, e ajuntarem-se uns com os outros pela banda de cima de onde os tapuias também apertavam estes caetés, e deram-lhe nas costas, e de tal feição os apertaram, que os fizeram descer todos para baixo, junto do mar, onde os acabaram de desbaratar; e os que não puderam fugir para a serra de Aquetiba, não escaparam de mortos ou cativos. Destes cativos iam comendo os vencedores quando queriam fazer suas festas, e venderam deles aos moradores de Pernambuco e aos da Bahia infinidade de escravos a troco de qualquer coisa, ao que iam ordinariamente caravelões de resgate, e todos vinham carregados desta gente, a qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar.

E desta maneira se consumiu este gentio do qual não há agora senão o que se lançou muito pela terra adentro, ou se misturou com seus contrários sendo seus escravos, ou se aliaram por ordem de seus casamentos. Por natureza, são estes caetés grandes músicos e amigos de bailar, são grandes pescadores de linha e nadadores; também são mui cruéis uns para os outros para se venderem, o pai aos filhos, os irmãos e parentes uns aos outros; e de maneira são cruéis, que aconteceu o ano de 1571 no rio de São Francisco estando nele algumas embarcações da Bahia resgatando com este gentio, em uma de Rodrigo Martins estavam alguns escravos resgatados, em que entravam uma índia caeté, a qual enfadada de lhe chorar uma criança sua filha a lançou no rio, onde andou de baixo para cima um pedaço sem se afogar, até que de outra embarcação se lançou um índio

a nado, por mandado de seu senhor, que a foi tirar, onde a batizaram e durou depois alguns dias.

E como no título dos tupinambás se conta por extenso a vida e costumes, que toca a maior parte do gentio que vive na costa do Brasil, temos que basta o que está dito até agora dos caetés.

CAPÍTULO XX

*Que trata da grandeza do rio de São Francisco
e seu nascimento.*

Muito havia que dizer do rio de São Francisco, se lhe coubera fazê-lo neste lugar, do qual se não pode escrever aqui o que se deve dizer dele, porque será escurecer tudo o que temos dito, e não se pode cumprir com o que está dito e prometido, que é tratar toda a costa em geral, em particular da Bahia de Todos os Santos, a quem é necessário satisfazer com o devido. E este rio contente-se por ora de se dizer dele em suma o que for possível neste capítulo, para com brevidade chegarmos a quem está esperando por toda a costa.

Está o rio de São Francisco em altura de dez graus e $1/4$, o qual tem na boca da barra duas léguas de largo, por onde entra a maré com o salgado para cima duas léguas somente e daqui para cima é água doce, que a maré faz recuar outras duas léguas, não havendo água do monte. A este rio chama o gentio o Pará, o qual é mui nomeado entre todas as nações, das quais sempre foi muito povoado, e tiveram uns com outras sobre os

sítios grandes guerras, por ser a terra muito fértil pelas suas ribeiras, e por acharem nele grandes pescarias.

Ao longo deste rio vivem agora alguns caetés, de uma banda, e da outra tupinambás; mais acima vivem os tapuias de diferentes castas, tupinaés, amoipiras, ubirajaras e Amazonas; e além dela vive outro gentio (não tratando dos que comunicam com os portugueses), que se atavia com jóias, de que há certas informações. Este gentio se afirma viver à vista da Alagoa Grande, tão afamada e desejada de descobrir, da qual este rio nasce. E é tão requestado este rio de todo gentio, por ser muito farto de pescada e caça, e por a terra dele ser muito fértil como já fica dito; onde se dão mui bem toda a sorte de mantimentos naturais da terra.

Quem navega por esta costa conhece este rio quatro e cinco léguas ao mar pelas aguagens que dele saem furiosas e barrentas. Navega-se este rio com caravelões até a cachoeira, que estará da barra vinte léguas, pouco mais ou menos, até onde tem muitas ilhas, que o fazem espriar muito mais que na barra, por onde entram navios de 50 tonéis pelo canal do sudoeste, que é mais fundo que o do nordeste. Da barra deste rio até a primeira cachoeira há mais de 300 ilhas; no inverso não traz este rio água do monte, como os outros, nem corre muito; e no verão cresce de 10 até 15 palmos. E começa a vir esta água do monte, de outubro por diante até janeiro, que é a força do verão nestas partes; e neste tempo se alagam maior parte destas ilhas, pelo que não criam nenhum arvoredado, nem mais que canas bravas de que se fazem flechas.

Por cima desta cachoeira, que é de pedra viva, também se pode navegar este rio e barcos, se se lá fizerem, até o sumidouro que pode estar da cachoeira 80 ou 90 léguas por onde também tem muitas ilhas. Este sumidouro se entende no lugar onde este rio sai debaixo da terra, por onde vem escondido, 10 ou 12 léguas, no cabo das quais arrebenta até onde se pode navegar, e faz seu caminho até o mar. Por cima deste sumidouro está a terra cheia de mato, sem se sentir que vai o rio por baixo, e deste sumidouro para cima se pode também navegar em barcos, se o fizerem lá; os índios se servem por ele em canoas, que para isso fazem. Está capaz este rio para se perto da barra dele fazer uma povoação valente de uma banda, e da outra para segurança dos navios da costa, e dos que o tempo ali faz chegar, onde se perdem muitas vezes, e podem os moradores que nele vivem fazer grandes fazendas e engenhos até a cachoeira, em derredor da qual há muito pau-brasil, que com pouco trabalho se pode carregar.

Depois que este Estado se descobriu por ordem dos reis passados, se trabalhou muito por se acabar de descobrir este rio por todo o gentio que nele viveu, e por ele andou afirmar que pelo seu sertão havia serras de ouro e prata, à conta da qual informação se fizeram muitas entradas de todas as capitánias sem poder ninguém chegar ao cabo; com este desengano e sobre esta pretensão veio Duarte Coelho a Portugal da sua capitania de Pernambuco a primeira vez, e da segunda também teve desenho; mas desconcertou-se com S.A. pelo não fartar das honras que pedia. E sendo

governador deste Estado Luís de Brito de Almeida, mandou entrar por este rio acima a um Bastião Álvares, que se dizia do porto Seguro, o qual trabalhou por descobrir quanto pôde no que gastou quatro anos e um grande pedaço da Fazenda d'el-Rei, sem poder chegar ao sumidouro, e por derradeiro veio acabar com 15 ou 20 homens entre o gentio tupinambá, a cujas mãos foram mortos, o que aconteceu por não ter cabedal de gente para se fazer temer, e por querer fazer esta jornada contra água, o que não aconteceu a João Coelho de Sousa. Por que chegou acima do sumidouro mais de 100 léguas, como se verá do roteiro que se fez da sua jornada. À boca da barra deste rio corta o salgado a terra da banda do sudoeste, e faz aquela ponta de areia e mato em ilha, que será de três léguas de comprimento. E quando este rio enche com água do monte, não entra o salgado com a maré por ele acima, mas até à barra é água doce, e traz neste tempo grande correnteza.

CAPÍTULO XXI

Em que se declara a costa do rio de São Francisco até o de Sergipe.

Do rio de São Francisco ao Guaratiba são duas léguas, no qual entram barcos da costa e tem este rio na boca uma ilha, que é a que vem da ponta da barra do rio de São Francisco; este rio se navega pela terra adentro três léguas, e faz um braço na entrada junto do arrecife, por onde entra o salgado até entrar no rio de São

Francisco uma légua da barra, por onde vão os barcos de um rio ao outro, o qual braço faz a ilha declarada.

Do rio de Guaratiba a sete léguas está um riacho a que chamam de Aguaboa, pelo ela ser, o qual, como chega perto do salgado, faz uma volta ao longo dele, fazendo uma língua de terra estreita entre ele e o mar, de uma légua de comprido, e no cabo desta légua se mete o mar; entre um rio e outro é tudo praia de areia, onde se chama a enseada de Vazabarris, a qual tem diante de si tudo arrecifes de pedra, com alguns boqueirões para barcos pequenos, por onde podem entrar com bonança. Desse riacho de Aguaboa a uma légua está o rio de Ubirapatiba, por cuja barra podem entrar barcos e caravaleões da costa com a proa ao les-noroeste.

A este rio vem o gentio tupinambá mariscar, por achar por aqueles arrecifes muitos polvos, lagostins e caranguejos; e a pescar à linha, onde matam muito peixe, o qual se navega pela terra adentro mais de três léguas. Deste rio Ubirapatiba a sete léguas está o rio de Sergipe em altura de onde graus e $\frac{2}{3}$, por cuja barra com batéis diante costumavam entra os franceses com suas naus do porte de cem tonéis para baixo, mas não tomavam dentro mais que meia carga, e fora da barra acabavam de carregar com suas lanchas, em que acabavam de acarretar o pau que ali resgatavam com os tupinambás, onde também resgatavam com os mesmos algodão e pimenta da terra. Tem este rio duas léguas por ele acima a terra fraca, mas daí avante é muito boa para se poder povoar, onde convém muito que se faça uma

povoação, assim para atalhar que não entrem ali franceses, como por segurar aquela costa do gentio que vive por este rio acima, o qual todos os anos faz muito dano, assim nos barcos que entram nela e no Rio Real no inverno com tempo, como em homens, que cometem este caminho para Pernambuco, fugindo à justiça, e nos que pelo mesmo respeito fogem de Pernambuco para Bahia, os quais de maravilha escapam que os não matem e comam.

Tem este rio de Sergipe na barra de baixamar três braças, e dentro cinco e seis braças, cuja barra se entra les-sueste e oes-noroeste, e quem quer entrar pelo boqueirão do baixio vai com proa ao norte; e como está dentro a les-noroeste, vai demanda a ponta do sul, e dela para dentro se vai ao norte; e quem vem do mar em fora verá por cima deste rio um monte mais alto que os outros, da feição de um ovo, que está afastado da barra algumas seis léguas, pelo qual é a terra bem conhecida. A este monte chamam os índios Manhana, que quer dizer entre eles “espia”, por se ver de todas as partes de muito longe. E corre-se a costa deste rio ao de São Francisco nor-nordeste e su-sudoeste.

CAPÍTULO XXII

*Em que se declara a costa do rio de
Sergipe até o rio Real.*

Deste rio de Sergipe de que acima dissemos, a quatro léguas está outro rio, que se diz de Cotegipe, cuja

boca é de meia légua, no meio da qual tem uma ilha em que tem muitas moitas verdes, a qual ilha faz duas barras a este rio; pela do sul podem entrar navios de 80 tonéis, porque no mais debaixo tem de fundo duas braças de baixamar, e mais para dentro tem cinco braças; pela baixa do norte entram caravelões da costa. Tem este rio à boca da barra uns bancos de areia que botam meia légua ao mar. Por este rio se navega três léguas, que tantas entra a maré por ele acima, qual é muito farto de peixes e marisco, cuja terra é sofrida para se poder povoar e no sertão dela tem grandes matas de pau-brasil.

Deste rio de Cotegipe ao rio de Pereira, a que outros chamam de Canafistula, são quatro léguas do qual até Sergipe faz a terra outra enseada, a que também chamam de Vazabarris, no seio da qual está o ri Cotegipe, de que já falamos, a que muitos chamam do nome de enseada. Do rio de Pereira a duas léguas está a ponta do rio Real, donde se corre a costa até Sergipe nor-nordeste sul-sudoeste.

CAPÍTULO XXIII

Que trata do rio Real e seus merecimentos.

Parece que quem tem tamanho nome como o rio Real, que deve de ter merecimentos capazes dele, os quais convém que venham a terreiro, para que cheguem à notícia de todos. E comecemos na altura, em que está, que são 12 graus escassos; a barra deste rio terá de

ponta a ponta meia légua, da qual tem dois canais por onde entram navios da costa de 40 toneladas, e pela barra do sudoeste podem entrar navios de 60 tonéis, estando com as balizas necessárias, porque tem dois mares em flor; da barra para dentro tem o rio muito fundo, onde se faz uma baía de mais de uma légua onde os navios têm grande abrigada com todos os tempos, na qual há grandes pescarias de peixe-boi, e de toda a outra sorte de pescado, e tem muito marisco. Entra a maré por este rio acima seis ou sete léguas, e divide-se em três ou quatro esteiros onde se vem meter outras ribeiras de água doce.

Até onde chega o salgado, é a terra fraca e pouco dela servirá de mais que de criação de gado; mas donde se acaba a maré para cima é a terra muito boa e capaz para dar todas as novidades do que lhe plantarem, na qual se podem fazer engenhos de açúcar, por se darem nela as canas muito bem.

Pelo sertão deste há muito pau-brasil, que com pouco trabalho todo pode vir ao mar, para se poder carregar para estes reinos.

E para que esta costa esteja segura do gentio, e os franceses desenganados de não poderem vir resgatar com ele entre a Bahia e Pernambuco, convém ao serviço de Sua Majestade que mande povoar e fortificar este rio, o que se pode fazer com pouca despesa de sua Fazenda, do que já el-rei D. Sebastião, que está em glória, foi informado, e mandou muito afincadamente a Luís de Brito, que neste tempo governava este Estado, que ordenasse com muita brevidade como se povoasse este

rio, o que ele meteu todo o cabedal, mandando a isso Garcia d'Ávila, que é um dos principais moradores da Bahia, com muitos homens das ilhas e da terra, para que assentassem uma povoação onde se parecesse melhor; o que fez pelo rio acima três léguas, onde o mesmo governador foi em pessoa com a força da gente que havia na Bahia, quando foi dar guerra ao gentio daquela parte, o qual passou por esta nova povoação, de cujo sítio ele e toda a companhia se descontentaram, e com razão, porque estava longe do mar, para se valerem da fartura dele, e longe da terra boa, que lhe pudesse responder com as novidades costumadas.

Donde se afastarem por temerem o gentio que por ali vivia, ao qual Luís de Brito deu tal castigo, naquele tempo, como se não deu naquelas partes, porque mandou destruir os mais valorosos e maiores dos corsários capitães daquele gentio, que nunca houve naquela costa, sem lhe custar a vida a mais que os dois escravos, os quais principais do gentio foram mortos, e os seus que escaparam com vida ficaram cativos.

E quando o governador recolheu, se despovoou este princípio de povoação, sem se tornar mais a bulir nisto, por se entender ser necessário fazer-se uma casa forte à custa de Sua Majestade, a qual Luís de Brito não ordenou por ser chegado o cabo de seu tempo, e suceder-lhe Lourenço da Veiga, que não buliu neste negócio pelos respeitos, que não são sabidos, para se aqui declararem.

CAPÍTULO XXIV

*Em que se declara a terra que há
do rio Real até o rio de Itapicuru.*

Do rio Real ao de Itapicuru são quatro léguas, sem de um rio ao outro haver na costa por onde entre um barquinho, por tudo serem arrecifes ao longo da costa, cuja terra ao longo dela é muito fraca, que não serve senão para criações de gado. A boca deste rio é muito suja de pedras, mas podem-se quebrar umas pontas de baixamar de águas vivas, com que lhe fique canal aberto, para poderem por ele entrar caravelões e da costa de meia água cheia por diante.

Da boca deste rio para dentro faz-se uma maneira de baía, onde de baixamar podem nadar naus de 200 tonéis; entra a maré por este rio acima cinco léguas ou seis, as quais se podem navegar com barcos; e onde se mistura o salgado com água doce para cima 10 ou 12 léguas se podendo também navegar com barquinhos pequenos; e por aqui acima é a terra muito boa para se poder povoar porque dá muito bem todos os mantimentos que lhes plantam e, dará muitos bons canaviais de açúcar, porque quando Luís de Brito foi dar guerra ao gentio do rio Real, se acharam pelas roças destes índios, que viviam ao longo deste rio, mui grossas e mui formosas canas-de-açúcar, pelo que, povoando-se este rio, se podem fazer nele muitos engenhos de açúcar, porque tem ribeiras que se nele metem muito acomodadas para isto; neste mesmo tempo

se achou este rio e o Real 50 ou 60 léguas pelo sertão, uma lagoa de 500 braças de comprido e 100 de largo, por mais ou menos, cuja água é mais salgada que o mar, a qual a lagoa estava cercada de um campo todo cheio de perrexil muito mais viçoso que o que nasce ao longo do mar, e tocado por fora nos beiços era tão salgado como se lhe dera o rocio do mar; neste mesmo campo afastado desta alagoa 500 ou 600 braças estava outra alagoa, ambas em um andar, cuja água era muito doce, e o peixe que ambas tinham era da mesma sorte, e em ambas havia muitos porcos-d'água, dos quais o gentio matou muita quantidade deles.

Este rio perto do mar é muito farto de pescado e marisco, e para cima de peixe de água doce, e pela terra ao longo dele tem muita caça de sotda a sorte, o qual no verão traz mais água que o Mondego, e está em 12 graus; cujo nascimento é para banda do oeste mais de 100 léguas do mar, e está povoado de gentio tupinambá.

CAPÍTULO XXV

Em que se declara a terra que há do Itapicuru até Tatuapara.

Do rio Itapicuru a Tatuapara são oito ou nove léguas, cuja terra ao longo do mar é água fresca e baixa, e não serve senão para criação de gado; mas duas léguas pela terra adentro é sofrível para mantimentos, pela qual atravessam cinco rios e outras muitas ribeiras, que vêm sair no mar nestas oito léguas; de que não há que tratar,

por se meterem no mar por cima dos arrecifes, sem fazerem barra por onde possa andar um barquinho; porque toda esta costa do rio Real até Tatuapara ao longo do mar é cheio de arrecifes de pedra, que se espraíam muito, por onde é possível lançar-se gente em terra, nem chegar nenhum barco se não fora do Itapirucu, como fica dito.

Tatuapara é uma enseada, onde se mete um riacho deste nome, no qual entram caravelões da costa com preamar; nesta enseada têm os navios muito boa abrigada e surgidouro, de que se aproveitam os que andam pela costa. Aqui tem Garcia d'Ávila, que é um dos principais e mais ricos moradores da cidade do Salvador, uma povoação com grades edifícios e casas de sua vivenda, e uma igreja de Nossa Senhora, mui ornada, toda de abóbada, na qual tem um capelão que lhe ministra os sacramentos.

Este Garcia d'Ávila tem toda sua fazenda em criações de vacas e éguas, e terá alguns dez currais por esta terra adiante; e os padres da companhia têm neste direito uma aldeia de índios forros tupinambás, a qual se chama de Santo Antônio, onde haverá mais de 300 homens de peleja; e perto dessa aldeia têm os padres três currais de vacas, que granjeiam, os quais têm na aldeia uma formosa igreja de Santo Antônio, e um recolhimento onde estão sempre um padre de missa e um irmão, que doutrinam estes índios na nossa fé católica, no que os padres trabalham todo o possível; mas por demais, porque é este gentio tão bárbaro, que até hoje não há nenhum que viva como cristão, tanto que se

apartam da conversação dos padres oito dias. Esta enseada de Tatuapara está a altura de doze graus esforçados e corre-se a costa daqui até o rio Real nor-nordeste su-sudoeste.

CAPÍTULO XXVI

*Em que se declara a terra e costa de
Tatuapara até o rio de Joanne.*

De Tatuapara ao rio Jacuípe são quatro léguas, as quais ao longo do mar estão ocupadas com currais de gado, por serem de terra baixa e fraca; os quais currais são de Garcia d'Ávila e de outras pessoas chegadas à sua casa. De Tatuapara até este rio não há onde possa entrar um barco, senão neste de Jacuípe e aqui com bonanças ainda com trabalho; mas atrás uma légua, onde se chama o porto de Brás Afonso, onde os arrecifes que vêm de Tatuapara fazem uma aberta, podem entrar caravelões, e do arrecife para dentro ficam seguros com todo tempo.

Este rio de Jacuípe se passa de baixamar acima da barra uma légua a vau, ao longo do qual tem o mesmo Garcia d'Ávila um curral de vacas. Deste rio de Jacuípe até o rio Joanne são cinco léguas, até onde são tudo arrecifes, sem haver onde possa entrar um barco, senão onde chamam o porto de Atambepe, onde os arrecifes fazem outra aberta, por onde com bonança podem entrar barcos, e ficarem dentro dos arrecifes seguros.

De Jacuípe a Atambepe são duas léguas onde se perdeu a nau Santa Clara, que ia para a Índia, estando sobre amarra, e foi tanto o tempo que sobreveio, que a fez ir à caceia, que foi forçado cortarem-lhe o mastro grande, o que não bastou para se remediar, e os oficiais da nau, desconfiados da salvação, sendo meia-noite, deram à vela do traquete para ancorarem em terra e salvarem as vidas, o que lhe sucedeu pelo contrário; porque sendo esta costa toda limpa, afastada dos arrecifes, foram varar por cima de uma laje, não se sabendo outra de Pernambuco até a Bahia, a qual laje está um tiro de falcão ao mar dos arrecifes, onde se esta nau fez em pedaços, e morreram neste naufrágio passante de 300 homens, com Luís de Alter de Andrade, que ia por capitão.

Toda esta terra até o rio de Joanne, três léguas do mar para o sertão, está povoada de currais de vacas de pessoas diversas; e nesta comarca, três léguas do mar, têm os padres da companhia duas aldeias de índios forros tupinambás e de outras nações, nas quais terão 700 homens de peleja pelo menos; os quais os padres doutrinam como fica dito, da aldeia de Santo Antônio. Essas outras se dizem, uma de Santo Espírito e a outra de São João, onde têm grandes igrejas da mesma advocação e recolhimento para os padres, que nelas residem e para outro que muitas vezes se vão lá recrear. E à sombra e circuitos destas aldeias têm quatro ou cinco currais de vacas ou mais, que granjeiam, de que se ajudam a sustentar. Por onde estas aldeias estão é a terra boa, onde se dão todos os mantimentos da terra muito

bem, por ser muito fresca, com muitas ribeiras de água; neste limite lança o mar fora todos os anos muito âmbar pelo inverso, que estes índios vão buscar, o qual dão aos padres. E corre-se esta costa de Tatuapara ate este rio de Joanne nor-nordeste su-sudoeste.

CAPÍTULO XXVII

Em que se declara a costa do rio de Joanne até a Bahia.

O rio Joanne traz tanta água, quando se mete no mar, como o Zerere quando se mete no Tejo, o qual entra no mar por cima dos arrecifes, onde se espraia muito, o qual se passa de maré vazia a val por junto da barra; mas não pode entrar por ela nenhuma jangada por ser tudo pedra viva, e de preamar não tem sobre si três palmos de água, a qual anda ali sempre mui levantada. Este rio está em altura de 12 graus e $\frac{2}{3}$. Deste rio até Tapuã são três léguas, cuja terra é baixa e fraca, e não serve ao longo do mar, mais que para gado; e até quatro léguas pela terra adentro está este limite e a terra dele ocupada com currais de vacas.

Esta terra e outra tanta além do rio de Joanne é do conselho da cidade de Salvador. A Tapuã é uma ponta de saída ao mar, com uma pedra do cabo cercada dele, a que o gentio chama deste nome, que quer dizer “pedra baixa”; defronte dessa ponta, no alto, está uma fazenda de Sebastião Luís, com ermida de São Francisco. Esta ponta é a que na carta de marear se chama os Lençóis de

areia, por onde se conhece a entrada da Bahia; e para o sertão, duas léguas, está uma grossa fazenda de Garcia d'Ávila, com outra ermida de São Francisco, mui concertada e limpa. Desta ponta de Tapuã a duas léguas está o rio Vermelho, que é uma ribeira assim chamada, que aqui vem meter no mar, até onde são tudo arrecifes cerrados sem entrada nenhuma.

Neste rio Vermelho pode desembarcar gente, com bonança e estarem barcos da costa ancorados nesta boca dele, não sendo travessia na costa nem ventos mareiros; até aqui está toda a terra ao longo do mar ocupada com criações com gado vacum. E pela terra adentro, duas léguas têm os padres da companhia uma grossa fazenda, com dois currais de vacas na qual têm umas casas de refrigério, onde se vão recrear e convalescer das enfermidades e levam a folgar os governadores, onde tem um jardim muito fresco, com um formoso tanque de água e uma ermida muito concertada, onde os padres, quando lá estão dizem missa. Deste rio Vermelho até a ponta do Padrão é uma légua, e corre-se a costa do rio de Joanne à ponta do Padrão nor-nordeste sudoeste.

CAPÍTULO XXVIII

*Em que se declara como Francisco Pereira
Coutinho foi povoar a Bahia de Todos os
Santos e os trabalhos que nisso teve.*

Quem quiser saber quem foi Francisco Pereira Coutinho, leia os livros da Índia, e sabê-lo-á; verão seu

grande valor e heróicos feitos, dignos de diferente descanso do que teve na conquista do Brasil, onde lhe coube por sorte a capitania da Bahia de Todos os Santos, de que lhe fez mercê el-rei D. João III de gloriosa memória, pela primeira vez, da terra que há da ponta do Padrão até o rio de São Francisco, ao longo do mar; e, para o sertão, de toda a terra que couber na demarcação deste Estado, e lhe fez mercê da terra da Bahia com seus recôncavos.

E como este esforçado capitão tinha ânimo incansável, não receou de ir povoar a sua capitania em pessoa, e fez-se prestes com muitos moradores casados e outros solteiros, que embarcou em uma armada, que fez à sua custa, com a qual partiu do porto de Lisboa. E com bom vento fez a sua viagem até entrar na Bahia e desembarcou na ponta do Padrão dela para dentro, e fortificou-se, onde agora chamam a Vila Velha, no qual sítio fez uma povoação e fortaleza sobre o mar, onde esteve de paz com o gentio os primeiros anos, no qual tempo os moradores fizeram suas roças e lavouras.

Desta povoação para dentro fizeram uns homens poderosos, que com ele foram, dois engenhos de açúcar, que depois foram queimados pelo gentio, que se alevantou, e destruiu todas as roças e fazendas, pelas quais mataram muitos homens, e nos engenhos, quando deram neles. Pôs este alevantamento a Francisco Pereira em grande aperto; porque lhe cercaram a vila e fortaleza, tomando-lhe a água e mais mantimentos, os quais neste tempo lhe vinham por mar da capitania dos Ilhéus, os quais iam buscar da vila as embarcações, com grande

risco dos cercados, que estiveram nestes trabalhos, ora cercados, ora com tréguas, sete ou oito anos, nos quais passaram grandes fomes, doenças e mil infortúnios, a quem este gentio tupinambá matava gente cada dia, com o que se ia apouquentando muito; onde mataram um seu filho bastardo e alguns parentes e outros homens de nome, com o que a gente, que estava com Francisco Pereira, desesperadas de poder resistir tantos anos a tamanha e tão apertada guerra, se determinou em ele apertando-o que ordenasse de os pôr em salvo, antes que se acabasse de consumir em poder de inimigos tão cruéis, que ainda não acabavam de matar um homem, quando o espedaçava e comiam.

E vendo este capitão sua gente que já era mui pouca, tão determinada, ordenou de a pôr em salvo e passou-se por mar com ela nuns caravelões que tinha, para a capitania dos Ilhéus; do que se espantou o gentio muito, e arrependido da ruim vizinhança que lhes tinha feito, movido também de seu interesse, vendo que como se foram os portugueses, lhes ia faltando os resgates que eles lhes davam a troco do mantimentos, ordenaram de mandar chamar Francisco Pereira, mandando-lhes prometer toda a paz e boa amizade, o qual recado foi dele festejado, e embarcou-se logo com alguma gente em um caravelão que tinha, e outro e que vinha Diogo Álvares, de alcunha “o Caramuru”, grande língua do gentio, e partiu-se para Bahia, e querendo entrar pela barra adentro, lhe sobreveio muito vento e tormentoso, que o lançou sobre os baixos da ilha de Taparica, onde deu à costa; salvou-se a gente toda deste naufrágio, mas

não das mãos dos tupinambás, que viviam nesta ilha, os quais se ajuntaram, e à traição mataram a Francisco Pereira e à gente do seu caravelão, do que escapou Diogo Álvares com os seus com boa linguagem.

Desta maneira acabou às mãos dos tupinambás o esforçado cavaleiro Francisco Pereira Coutinho, cujo esforço não puderam render os rumes e malabares da Índia, e foi rendido destes bárbaros, o qual não somente gastou a vida nesta pretensão, mas quanto em muitos anos ganhou na Índia com tantas lançadas e espingardadas, e o que tinha em Portugal, com o que deixou sua mulher e filhos postos no hospital.

CAPÍTULO XXIX

*Em que se torna a correr a costa e explicar
a terra dela da ponta do Padrão até o rio
de Camamu.*

Não tratamos da Bahia mais particularmente, por hora, porque lhe não cabe neste lugar dizer mais, para no seu se dizer o prometido, pois à sua conta se fez outro memorial, de que pegaremos como acabarmos de correr a costa, e far-lhe-emos seu ofício da melhor maneira que soubermos.

E tornando à ponta do Padrão dela, que está em altura de treze graus esforçados, dizemos que desta ponta à do morro de São Paulo na ilha de Tinharé são nove ou dez léguas, a qual ponta está em 3 graus e meio, e corre-se com a ponta do Padrão nordeste-sudoeste.

Faz esta ilha de Tinharé da banda sul um morro escaldado, que se diz de São Paulo, a cuja abrigada ancoram naus de todo porte, e quem quiser entrar desta ponta para dentro pode ir bem chegado ao morro, e achará fundo de cinco e seis braças. Nesta ilha de Tinharé, junto do morro, esteve a primeira povoação da capitania dos Ilhéus, donde despovoaram logo por não contentar a terra aos primeiros povoadores, a qual ilha está tão chegada à terra firme que no mais estreito não há mais canal que de um tiro de espingarda de terra à terra.

De Tinharé à ilha de Boipeba são quatro léguas; esta ilha possuem os padres da companhia do colégio da Bahia, a qual e a de Tinharé estão povoadas de Portugueses, que despejaram a terra firme com medo dos aimorés, que lhes destruíram as fazendas e mataram muitos escravos. De Boipeba ao rio de Camamu são três léguas, o qual está em 14 graus. Tem esse rio de Camamu uma boca grande e nela uma ilha pequena perto da ponta da banda do norte, e tem bom canal para poder entrar nele naus grandes, as quais hão de entrar chegadas à ponta da banda do sul, onde tem seis e sete braças de fundo.

Da barra deste rio para dentro tem uma formosa baía, como muitas ribeiras que se nela metem, onde se podem fazer muitos engenhos. Este rio é muito grande e notável, e vem de muito longe o qual se navega do salgado para cima ou seis léguas até a cachoeira, que se lhe impede não se navegar muitas léguas, porque pelo sertão se pode navegar, porque traz sempre muita água,

cuja terra com dez léguas de costa, possuem os padres da companhia por lhes fazer dela doação Mem de Sá; os quais padres a começaram a povoar e alguns outros moradores; mas todos os despejaram por mandado dos aimorés, que lhes deram tal trato, que os fez passar dali para as ilhas de Boipeba e Tinharé. E corre-se a cota desta ilha ao Camamu norte-sul pouco mais ou menos.

CAPÍTULO XXX

*Em que se declara a terra que há do rio
de Camamu até os Ilhéus.*

Este rio de Camamu está em altura de 14 graus; e dele ao das Contas são seis léguas, cuja costa se corre norte-sul. Tem este rio das Contas, a que os índios chamam Jusiape, para o conhecer que vem de mar em fora, sobre a boca uns campinhos descobertos do mato, e ao mar uma pedra como ilhéu que está na mesma boca, pela qual entram navios de honesto porte, porque tem fundo e canal para isso bem chegado a esta pedra.

Este rio vem de muito longe, e traz mais água sempre que o Tejo, o qual se navega da barra para dentro sete ou oito léguas até a Cachoeira, e dela para cima se pode também navegar, por ter fundo para isso. É muito farto de pescado e marisco e de muita caça, cuja terra é grossa e boa, e tem muitas ribeiras para engenhos que se vêm meter neste rio (os quais se deixam de fazer por respeito dos aimorés, pelo que não está povoado), o qual está em 14 graus e 1/4. Deste rio das Contas a duas

léguas está outro rio, que se chama Amemoão, e dele a uma légua está outro rio que se chama Japarapé, os quais se passam a vau ao longo do mar, que também estão despovoados.

De Japarapé ao rio de Taípe são três léguas; este rio de Taípe vem de muito longe, no qual se metem muitas ribeiras que o fazem caudaloso, cujo nascimento é de uma lagoa que tem em si duas ilhas. Da lagoa para baixo e perto do mar tem outra ilha e um engenho mui possante de Luís Álvares Espenha, junto do qual engenho está uma lagoa grande de água doce, em que se tomam muitas arraias e outro peixe de mar e muito peixes-bois, coisa que faz grande espanto, por se não achar peixe do mar em nenhuma lagoa.

De Taípe ao rio de São Jorge, que é o dos Ilhéus, são duas léguas a qual terra é toda boa, e está muito dela aproveitada com engenhos de açúcar, ainda que estão mui apertados com esta praga dos aimorés; e para se conhecer a barra dos Ilhéus há de se vir correndo a costa à vista da praia para se poderem ver os ilhéus, porque são pequenos, e três; e entre a terra e o ilhéu há bom surgidouro, e os navios que houveram de entrar no rio vão pelo canal que está norte-sul como o ilhéu grande onde os navios estão seguros com todo o tempo, e também estão à sombra do ilhéu grande.

Este rio tem alguns braços que se navegam com caravelões e barcas para serviços dos engenhos que tem; cuja terra é muito fértil e grossa e de muita caça; e o rio tem grandes pescarias e muito marisco, o qual está em

altura de 15 graus escassos, e corre-se a costa dele ao Rio das Contas norte-sul.

CAPÍTULO XXXI

*Em que se contém como se começou de povoar
a capitania dos Ilhéus por ordem de
Jorge de Figueiredo Correa.*

Quando el-rei D. João III repartiu parte da terra da costa do Brasil em capitanias, fez mercê de uma delas, com 50 léguas de costa, a Jorge de Figueiredo Correa, escrivão da sua Fazenda; a qual se começa da ponta da baía do Salvador da banda do sul, que se entende da ilha de Tinharé (como está julgado por sentença que sobre este caso deu Mem de Sá sendo governador, e Brás Fragoso sendo ouvidor-geral e provedor-mor do Brasil) e vai correndo ao longo da costa 50 léguas.

E como Jorge de Figueiredo por respeito de seu cargo não podia ir povoar esta capitania em pessoa, ordenou de o mandar fazer por outrem, mas o que fez prestes à custa de sua fazenda uma frota de navios como muitos moradores providos do necessário para a nova povoação. E mandou por seu lugar-tenente a um castelhano muito esforçado, experimentado e prudente, que se chamava Francisco Romeiro, o qual partiu do porto de Lisboa com sua frota, e fez sua viagem para esta costa do Brasil, e foi ancorar e desembarcar no

porto de Tinharé, e começou a povoar em cima do morro de São Paulo, do qual sítio se não satisfez.

E como foi bem visto e descoberto do rio dos Ilhéus, que assim se chama pelos que tem defronte da barra, donde a capitania tomou o nome, se passou com toda a gente para este rio, onde se fortificou e assentou a vila de São Jorge, onde agora está, na qual, nos primeiros anos, teve muitos trabalhos de guerra com o gentio; mas como eram tupiniquins, gente melhor acondicionada que o outro gentio, fez pazes com eles, e fez-lhe tal companhia que com seu favor foi a capitania em grande crescimento, onde homens ricos de Lisboa mandaram fazer engenhos de açúcar, com o que a terra se enobreceu muito; a qual capitania Jerônimo de Alarcão, filho segundo de Jorge de Figueiredo, com licença de S.A. vendeu a Lucas Giraldes, que nela meteu grande cabedal, com que a engrandeceu, de maneira que veio a ter oito a nove engenhos.

Mas deu nossa terra esta praga dos aimorés, de feição que não há aí já mais que seis engenhos, e estes não fazem açúcar e nem há morador que ouse plantar canas, porque em indo os escravos ou homens ao campo não escapam a estes alarves, com medo dos quais fogem a gente dos Ilhéus para Bahia, e tem a terra quase despovoada, a qual se despovoará de todo, de Sua Majestade com muita instância não lhe valer.

Esta vila foi muito abastada e rica e teve 400 ou 500 vizinhos; na qual está um mosteiro dos padres da companhia, e outro que se agora começa, de São Bento,

e não tem nenhuma fortificação nem modo para se defender de quem a quiser afrontar.

CAPÍTULO XXXII

*Em que se declara quem são os aimorés,
sua vida e costumes.*

Parece razão que não passemos avante sem declarar que gentio é este a quem chamam aimorés, que tanto dano tem feito a esta capitania dos Ilhéus, segundo fica dito, cuja costa era povoada dos tupiniquins, os quais a despovoaram com medo destes brutos, e se foram viver ao sertão; dos quais tupiniquins não há já nesta capitania senão duas aldeias, que estão juntos dos engenhos de Henrique Luís as quais têm já mito pouca gente.

Descendem estes aimorés de outros gentios a que chamam tapuias, dos quais nos tempos de atrás se ausentaram certos casais e foram-se para umas serras mui ásperas, fugindo a um desbarate, em que os puseram seus contrários, onde residiram muitos anos sem verem outra gente; e os que destes descenderam vieram a perder a linguagem e fizeram outra nova que se não entende de nenhuma outra nação a linguagem e fizeram outra nova que se não entende de nenhuma outra nação do gentio de todo este Estado do Brasil.

E são estes aimorés tão selvagens que, dos outros bárbaros, são havidos por mais que bárbaros, e alguns se tomaram já vivos em Porto Seguro e nos Ilhéus, que se

deixaram morrer de bravos sem quererem comer. Começou este gentio a sair ao mar no rio das Caravelas, junto de Porto Seguro, e correm estes matos e praias até o rio Camamu, e daí veio a dar assaltos perto de Tinaré, e não descem à praia senão quando vêm dar assaltos.

Estes gentios têm a cor do outro mas são de maiores corpos e mais robustos e forçosos; não têm barbas nem mais cabelos no corpo que os da cabeça, porque os arrancam todos; pelejam com arcos e flechas muito grandes, e são tamanhos flecheiros, que não erram nunca tiro; são mui ligeiros à maravilha e grandes corredores.

Não vivem estes bárbaros em aldeias, nem casas, como o gentio, nem há quem lhas visse nem saiba, nem desse com elas pelos matos até hoje; andam sempre de uma para outra pelos campos e matos, dormem no chão sobre folhas e se lhes chove arrimam-se ao pé de uma árvore onde engenam as folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em cócoras; e não se lhe achou até agora outro rastro de gasalhado.

Não costumam estes alarves fazer roças, em plantar alguns mantimentos; mantêm-se dos frutos silvestres e da caça que matam, a qual comem crua ou mal passada, quando têm fogo; machos e fêmeas todos andam tosquiados e tosquiam-se com umas canas que cortam muito; a sua fala é rouca da voz, a qual arrancam da garganta com muita força, e não se poderá escrever, como vasconço. Vivem estes bárbaros de saltar toda a sorte de gentio que encontram e nunca se viram juntos

mais que 20 até 30 flecheiros; não pelejam com ninguém de rosto a rosto; toda a sua briga é atraçoada, dão assaltos pelas roças e caminhos por onde andam, esperando o outro gentio e toda a sorte de criatura em ciladas detrás das árvores, cada um por si, de onde não erram tiro, e todas flechas empregam, e se lha fazem rosto, logo fogem cada um para sua parte; mas como vêem a gente desmandada, fazem parada e buscam onde fiquem escondidos, até que passem os que seguem e dão-lhes nas costas, empregando suas flechas à vontade.

Estes bárbaros não sabem nadar, e qualquer rio que se não passa a vau basta para defesa deles; mas para o passarem vão buscar a vau muitas léguas pelo rio acima. Comem estes selvagens carne humana por mantimento, o que não tem o outro gentio que a não come senão por vingança de suas brigas e antiguidades de seus ódios.

A capitania de Porto Seguro e a dos Ilhéus estão destruídas e quase despovoadas com o temor destes bárbaros, cujos engenhos não lavram açúcar por lhe terem morto todos os escravos e gente deles, e a das mais fazendas, e os que escaparam das suas mãos tomaram tamanho medo, que em se dizendo aimorés as fazendas, e cada um trabalha por se pôr em salvo, o que também fazem os homens brancos, dos quais têm morto estes alarves de 25 anos a esta parte, que esta praga persegue estas duas capitanias, mais de 300 homens portugueses e de 3 mil escravos.

Costumam-se ordinariamente cartear-se os moradores da Bahia com os dos Ilhéus, e atravessavam

os homens este caminho ao longo da praia, como lhes convinha, sem haver perigo nenhum, o que estes aimorés vieram a sentir, e determinavam-se de virem vigiar estas praias e esperar a gente que por ela passava, onde têm mortos, e com estes muitos homens e muito mais escravos; e são estes salteadores tamanhos corredores, que lhes não escapava ninguém por pés, salvo os que se lhe metiam no mar, onde eles não se atrevem a entrar, mas andam-nos esperando que saiam à terra até à noite, que se recolhem; pelo que este caminho está vedado, e não atravessa ninguém por ele se não com muito risco de sua pessoa; e se se não buscar algum remédio para destruir estes alarves, eles destruirão as fazendas da Bahia, para onde vão caminhando de seu vagar. E como eles são tão esquivos inimigos de todo o gênero humano, não foi possível saber mais de vida e costumes, e o que está dito pode bastar por ora; e tornemos a pegar da costa, começando dos Ilhéus por diante.

CAPÍTULO XXXIII

*Em que se declara a costa do rio dos Ilhéus
até o rio Grande.*

Para satisfazermos com o prometido convém que digamos que terra corre do rio de São Jorge dos Ilhéus por diante, do qual, a duas léguas está o rio Corurupe. Deste rio a cinco léguas está outro rio, que se chama Patipe, e em nenhum deles podem entrar barcos, por não

terem barra para isso, cuja costa é de praia e limpa, e a terra por dentro baixa ao longo do mar. Deste rio ao rio Grande são sete léguas, o qual está em 15 graus e meio, e tem na boca três moitas de mato que do mar parecem ilhas, por onde é muito bom de conhecer.

Na ponta da barra da banda do norte da parte de fora tem bom abrigo para ancorarem navios da costa, os quais entram neste rio se querem; em cujo canal na barra tem duas braças, depois uma e daí por diante três, quatro e cinco braças.

Este rio se navega por ele acima em barcos oito ou dez léguas; neste rio será uma povoação muito proveitosa por ser muito grande e ter grandes pescarias e muito marisco e caça, cuja terra é muito boa onde lha darão todos mantimentos que lhe plantarem; e corre-se a costa deste rio Grande ao dos Ilhéus norte-sul.

Este rio vem de muito longe e traz sempre muita água e grande correnteza, pelo qual vieram abaixo alguns homens dos que foram à serra das Esmeraldas com Antônio Dias Adôrno, os quais vieram em suas embarcações, a que chamam canoas, que são de um pau que tem a casca muito dura e o mais muito mole o qual cavacam com qualquer ferramenta, de maneira que lhe deitam todo o miolo fora, e fica somente a casca; e há destas árvores algumas tamanhas que fazem delas canos que levam de 20 pessoas para cima.

Sebastião Fernandes Tourinho, morador em Porto Seguro, com certos companheiros entrou pelo sertão, onde andou alguns meses à ventura, sem saber por onde caminhava, e meteu-se tanto pela terra adentro que se

achou em direito do Rio de Janeiro, o que souberam pela altura do sol, que este Sebastião Fernandes sabia muito bem tomar, e por conhecerem a serra dos Órgãos, que cai sobre o Rio de Janeiro; e chegando ao campo grande acharam alagoas e riachos que se metiam neste Rio Grande; e indo com o rosto ao noroeste, deram em algumas serras de pedras, por onde caminharam obra de 30 léguas, e tornando a leste alguns dias deram em uma aldeia de tupiniquins, junto de um rio, que se chama Raso-Aguipe; e foram por ele abaixo com o rosto ao norte em 28 dias em canoas, nas quais andaram 80 léguas.

Este rio tem grande correnteza, e entram nele dois rios, um da banda do leste, e outro da banda do oeste, com os quais se vem meter este rio Raso-Aguipe no rio Grande.

E depois que entraram nele navegaram nas suas canoas por ele abaixo 24 dias, nos quais chegaram ao mar, vindo sempre com a proa ao leste. E fazendo esta gente sua viagem, achou no sertão deste rio no mais largo dele, que será em meio caminho do mar, 20 ilhas afastadas umas das outras uma légua, duas e três e mais; e acharam 40 léguas de barra, pouco mais ou menos um sumidouro, que vai por baixo da terra mais de uma légua, quando é no verão, que no inverno traz tanta água que alaga tudo.

Do sumidouro para cima tem este rio grande fundo, e a partes tem poços, que têm seis e sete braças, por onde se pode navegar em grandes embarcações; quase toda a terra de longo dele é muito boa.

CAPÍTULO XXXIV

Em que se declara a costa do rio Rio Grande até o de Santa Cruz.

Do Rio Grande ao seu braço são duas léguas, pelo qual braço entram caravelões, que por ele vão entrar no mesmo Rio Grande meia légua da barra para cima. Do braço do Rio Grande ao rio Boiquisape são três léguas, e do Boiquisape à ponta dos baixos de Santo Antônio são quatro léguas, e da ponta de Santo Antônio ao seu rio é meia légua; do rio de Santo Antônio ao de Sernambitibe são duas léguas; e deste rio de Santo Antônio e da sua ponta até o rio de Sernambitibe, estão uns baixos com canal entre eles e a costa, por onde entram barcos pequenos pela ponta de Santo Antônio; e mais ao mar ficam uns arrecifes do mesmo tamanho, com canal entre uns e outros. E defronte do rio de Santo Antônio têm estes arrecifes do mar um boqueirão, por onde pode entrar uma nau e ir ancorar pelo canal que se faz entre um arrecife e o outro, onde estará seguro; no mesmo arrecife do mar está outro boqueirão, por onde podem entrar caravelões da costa defronte do rio de Sernambitibe, pelo qual se pode ir buscar o porto.

Do rio Sernambitibe ao de Santa Cruz são duas léguas, onde esteve um engenho de açúcar. Neste porto de Santa Cruz entram naus da Índia de todo o porte, as quais entram com aproa leste, e surgem numa enseada como concha onde estão muito seguras de todo o tempo.

Este rio de Santa Cruz está em 16 graus e meio, e corre-se a costa do Rio Grande até esta de Santa Cruz nordeste-sudoeste, o que se já de fazer afastado da terra duas léguas, por amor dos baixos. Neste porto de Santa Cruz esteve Pedro Álvares Cabral. Quando ia para a Índia, e descobriu esta terra e aqui tomou posse dela, onde esteve a vila de Santa Cruz, a qual tera povoada então de tupiniquins, que senhoreavam esta costa do rio Camamu até de Cricaré, de cuja vida e feitos diremos ao diante. Esta vila de Santa Cruz se despovoou donde esteve e a passaram para junto do rio de Sernambitibe, pela terra ser mais sadia e acomodada para os moradores viverem.

CAPÍTULO XXXV

Em que se torna a costa e terra dela do rio de Santa Cruz até o de Porto Seguro.

Do rio de Santa Cruz ao de Itacumirim é meia légua, onde esteve o engenho de João da Rocha. Do rio de Itacumirim ao de Porto Seguro é meia légua; e entre um e outro está um riacho, que se diz de São Francisco, junto das barreiras vermelhas. Defronte do rio de Itacumirim até o de Santa Cruz vai uma ordem de arrecifes que tem quatro boqueirões, por onde entram barcos pequenos; e faz outra ordem de arrecifes baixos mais ao mar, que se começam defronte do engenho de João da Rocha, e por entre uns arrecifes, e os outros é a barra do Porto Seguro, por onde entram navios de 60

tonéis; e se é navio grande, toma meia carga em Porto Seguro, e vai acabar de carregar em Santa Cruz.

Porto Seguro está em 16 graus e $2/3$, e quem vem de mar em fora vá com boa vigia, por amor dos baixos. E para conhecer bem a terra, olhe para o pé da vila, que está nu, alto, e verá umas barreiras vermelhas, que é bom alvo, ou baliza, para por ele a conhecer. Entra-se esse rio leste-oeste com a proa nestas barreiras vermelhas até centrar dentro do arrecife; e como estiver dentro vá com a proa ao sul, e ficará dentro do rio. Da outra banda dos baixos e contra o sul está outra barra, por onde entram navios do mesmo porte; quem entrar por esta barra, como estiver dentro dela, descobrirá um riacho, que se diz de São Francisco; e como o descobrir, vá andando para dentro, até chegar ao porto. De Porto Seguro à vila de Santo Amaro é uma légua, onde está um pico mui alto em que está a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que faz muitos milagres. De Santo Amaro ao rio Tororam é uma légua, onde está um engenho, que foi de Manuel Rodrigues Magalhães, e juntoa este engenho uma povoação, que se diz de São Tiago do Alto, no qual rio entram caravelões. Desse rio de Tororam ao de Maniape são duas léguas, e antes de chegarem a ele estão as barreiras vermelhas, que parecem, a quem vem do mar, rochas de pedras.

Do rio de Maniape ao de Urubuguape é uma légua, onde está o engenho de Gonçalves Pires. Do rio de Urubuguape ao rio do Frade é uma légua, onde entram braços, e chama-se do Frade por se nele afogar um, nos tempos atrás. Do rio do Frade ao de Juuacema

são duas léguas, onde esteve uma vila que se despovoou o ano de 1564, pela grande guerra que tinham os moradores dela com os aimorés. Neste lugar esteve um engenho, onde chamam a ponta do Cururumbabo.

CAPÍTULO XXXVI

Em que se declara quem povoou a capitania de Porto Seguro.

Não é bom que passemos mais avante sem declararmos cuja é esta capitania do Porto Seguro, e quem foi o povoador dela, da qual fez el-rei D. João III de Portugal mercê a Pedro de Campos Tourinho, que foi um cavaleiro natural da vila de Viana da foz de Lima, homem nobre, esforçado, prudente, e muito visto na arte de marear; cuja doação foi de 50 léguas de costa, como as mais que ficam declaradas.

Para Pedro do Campo poder povoar esta capitania vendeu toda sua fazenda e ordenou à sua custa uma frota de navios, que fez prestes, na qual se embarcou com sua mulher, Inês Fernandes Pinto e filhos, e muitos moradores, casados, seus parentes e amigos, e outra muita gente, com a qual se partiu do porto de Viana. E com bom tempo foi demandar a terra do Brasil, e foi tomar porto no rio de Porto Seguro onde desembarcou com sua gente, e se fortificou no mesmo lugar, onde agora está a vila cabeça desta capitania, a qual em tempo de Pedro do Campo floresceu, e foi mui povoada de gente; o qual edificou, mais, a vila de Santa Cruz e a

de Santo Amaro, de que já falamos; e em seu tempo se ordenaram alguns engenhos de açúcar, no que teve nos primeiros anos muito trabalho com guerra que lhe fez o gentio tupiniquim, que vivia naquela terra, o qual lha fez tão cruel, que o teve cercado por muitas vezes, e posto em grande aperto, com o que ficou o gentio quieto, e daí por diante ajudou aos moradores fazer suas roças e fazendas, a troco do resgate que por isso lhe davam. Por morte de Pedro do Campo ficou esta capitania mal governada com seu filho Fernão do Campo Tourinho, e após ele durou pouco, e se começou logo a desbaratar, a qual herdou uma filha de Pedro do Campo, que nunca casou. Essa Leonor do Campo, com licença del-rei, vendeu esta capitania a D. João de Alencastro, primeiro duque de Aveiro, por cem mil réis de juros, o qual a favoreceu muito com gente e capitão que a governasse, e com navios que ela todos os anos mandava e com mercadorias; onde mandou fazer, à sua custa, engenho de açúcar, e provocou a outras pessoas de Lisboa a que fizessem outros engenhos, em cujo tempo os padres da companhia edificaram na vila de Porto Seguro um mosteiro, onde residem sempre 10 ou 12 religiosos, que governam ainda agora algumas aldeias de tupiniquins cristãos, que estão nesta capitania; na qual houve, em tempo do duque, sete ou oito engenhos de açúcar, onde se lavrava cada ano muito, que se trazia a este reino, e muito pau de tinta, de que na terra há muito. Nesta capitania se não deu nunca gado vacuum por respeito de certa erva, que lhe faz câmaras, de que vem a morrer; mas dá-se à outra criação

– de éguas, jumentos e cabras – muito bem; e de jumentos há tanta quantidade na terra, que andam bravos pelo mato em bandos, e fazem nojo às novidades; os quais ficaram no campo dos moradores, que desta capitania se passaram para as outras, fugindo dos aimorés, no qual têm feito tamanha destruição, que não tem já mais que um engenho que faça açúcar, por terem mortos todos os escravos dos outros e muitos portugueses, pelo que estão despovoados e postos na terra, e a vila de Santo Amaro e a de Santa Cruz quase despovoadas de todo; e a vila de Porto Seguro está mais danificada e falta de moradores, na qual se dão as canas-de-açúcar muito bem; e muitas uvas, figos, romãs, e todas as frutas de espinho, onde a água de flor é finíssima, e se leva à Bahia, a vender por tal. Esta capitania parte com a dos Ilhéus pelo Rio Grande pouco mais ou menos; e pela outra parte com a do Espírito Santo, de Vasco Fernandes Coutinho, para onde imos caminhando.

CAPÍTULO XXXVII

Em que se declara a terra e costa Porto Seguro, até o rio das Caravelas.

Da vila de Porto Seguro à ponta Cururumbabo são oito léguas, cuja costa se corre norte-sul; essa ponta é baixa, e de areia, a qual aparece no cabo do arrecife e demora ao noroeste, e está em altura de 17 graus e 1/4. Este arrecife é perigoso e corre afastado da terra légua e

meia. Da ponta de Cururumbabo ao cabo das barreiras brancas são seis léguas, até onde corre este arrecife, que começa na ponta de Cururumbabo, porque até o cabo, destas barreiras brancas, se corre esta costa por aqui, afastado da terra légua e meia. Do cabo das barreiras brancas até ao rio das Caravelas são cinco ou seis léguas, no qual caminho há alguns baixos, que arrebetam em frol, de que se hão de guardar com boa vigia os que por aqui passarem. Defronte de Jucuru está um rodela de baixos, que não arrebetam, que é necessário que sejam bem vigiados; e corre-se a costa de Curumbabo até o rio das Caravelas, norte-sul, o qual está em dezoito graus.

Tem este rio na boca uma ilha de uma légua que lhe faz duas barras, a qual está povoada com fazendas, e criações de vacas, que se dão nela muito bem. Por este rio acima entram caravelões da costa, mas tem na boca da barra muitas cabeças ruins, pelo qual entra a maré três ou quatro léguas, que se navegam com barcos.

A terra por este rio acima é muito boa, em que se dão todos os mantimentos que lhe plantam, muito bem, e pode-se fazer aqui uma povoação, onde os moradores dela estarão muito providos de pescado e mariscos, e muita caça, que por toda aquela terra há. Este rio vem de muito longe, e pelo sertão é povoado do gentio bem acondicionado, que não faz mal aos homens brancos, que vão por ele acima para o sertão. Aqui neste rio foi desembarcar Antônio Dias Adôrno com a gente que trouxe da Bahia, quando por mandado do governador Luís de Brito de Almeida foi ao sertão, no

descobrimto das esmeraldas, e foi por este rio acima com 150 homens, e 400 índios de paz e escravos, e todos foram bem tratados e recebidos dos gentios que acharam pelo sertão deste rio das Caravelas.

CAPÍTULO XXXVIII

Em que se declara a terra que há do rio das Caravelas até Cricaré.

Do rio das Caravelas até o rio de Peruípe são três léguas, as quais se navegam pelo canal indo correndo a costa. Neste rio entram caravelões da costa, junto da qual a terra faz uma ponta grossa ao mar de grande arvoredo, e toda a mais terra é baixa.

Deste rio Peruípe ao de Mocuripe são cinco léguas, o qual tem na boca uma barreira branca como lençol, por onde é bom de conhecer, o qual está 18 graus e meio. Por este rio Mocuripe entram caravelões da costa à vontade, e há maré por ele acima muito grande espaço, cuja terra é boa e para se fazer conta dela para se povoar, porque há nela grandes pescarias, muito marisco e caça.

Deste rio de Mocuripe ao de Cricaré são dez léguas, e corre-se a costa do rio das Caravelas até Cricaré norte-sul, e toma da quarta nordeste-sudoeste, o qual rio Mocuripe está em 18 graus e 3/4, pelo qual entram navios de honesto porto, e é muito capaz para se poder povoar, por a terra ser muito boa e de muita caça, e o rio de muito pescado e marisco, onde se podem fazer

engenhos de açúcar, por se meterem nele muitas ribeiras de água, boa para eles. Este rio vem de muito longe, e navega-se quatro ou cinco léguas por ele acima; o qual tem na barra, da banda do sul quatro abertas, uma légua e mais uma da outra, as quais estão na terra firme por cima da costa, que é baixa e sem arvoredo, e de campinas. E quem vem do mar em fora parecem-lhe estas abertas bocas de rios, por onde a terra é boa de conhecer. Até aqui senhorearam a costa os tupiniquins, de quem é bem que digamos neste capítulo que se segue antes que cheguemos à terra dos goitacases.

CAPÍTULO XXXIX

Em que se declara quem são os tupiniquins e sua vida e costumes.

Já fica dito como o gentio tupiniquim senhoreou e possuiu a terra da costa do Brasil, ao longo do mar. do rio de Camamu até o rio de Cricaré, o qual tem agora despovoado toda esta comarca, fugindo dos tupinambás, seus contrários, que os apertaram por uma banda, e aos aimorés, que os ofendiam por outra; pelo que se afastaram do mar, e, fugindo ao mau tratamento que lhes alguns homens bancos faziam, por serem pouco tementes a Deus. Pelo que não vivem agora junto do mar mais que os cristãos de que já fizemos menção.

Com este gentio tiveram os primeiros povoadores das capitâneas dos Ilhéus e Porto Seguro e os do Espírito Santo, nos primeiros anos, grandes guerras e trabalhos,

de quem receberam muitos danos; mas, pelo tempo adiante, vieram a fazer pazes, que se cumpriram e guardaram bem de parte a parte, e de então para agora foram os tupiniquins muito fiéis e verdadeiros aos portugueses. Este gentio, e os tupinaés, descendem todos de um tronco, e não se têm por contrários verdadeiros, ainda que muitas vezes tivessem diferenças e guerras, os quais tupinaés lhes ficavam nas cabeceiras, pela banda do sertão, com quem a maior parte dos tupiniquins agora estão misturados.

Este gentio é da mesma cor baça e estatura que o outro gentio de que falamos, o qual tem a linguagem, vida e costumes e gentilidades dos tupinambás, ainda que são seus contrários, em cujo título se declarará muito particularmente tudo o que se pode alcançar. E ainda que são contrários os tupiniquins dos tupinambás, não há entre eles na língua e costumes mais diferença da que tem os moradores de Lisboa dos da Beira; mas esse gentio é mais doméstico e verdadeiro que todo outro da costa deste Estado. É gente de grande trabalho e serviço, e sempre nas guerras ajudaram aos portugueses, contra os aimorés, tapuias e tamoios, como ainda hoje fazem esses poucos que se deixaram ficar junto ao mar e das nossas povoações, com quem vizinham muito bem, os quais são grandes pescadores de linha, caçadores e marinheiros, são valentes homens, caçam, pescam, cantam, bailam com os tupinambás e nas coisas de guerra são mui industriosos, e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio.

CAPÍTULO XL

Em que se declara a costa de Cricaré até o rio Doce, e do que se descobriu por ele acima, e pelo Aceci.

Do rio de Cricaré até o rio Doce são 17 léguas, as quais se correm pela costa norte-sul; o qual rio Doce está em altura de 19 graus.

A terra deste rio, ao longo do mar, é baixa e afastada da costa; por ela adentro tem arrumada uma serra, que parece, a quem vem do mar em fora, que é a mesma costa. A boca deste rio é esparcelada bem uma légua e meia ao mar, mas tem seu canal, por onde entram navios de quarenta tonéis, o qual rio se navega pela terra adentro algumas léguas, cuja terra ao longo do rio por ali acima é muito boa, que dá todos os mantimentos acostumados muito bem, onde se darão muito bons canaviais de açúcar, se os plantarem, e se podem fazer alguns engenhos, por ter ribeiras mui acomodadas a eles.

Este rio Doce vem muito longe e corre até o mar quase leste-oeste, pelo qual Sebastião Fernandes Tourinho, de quem falamos, fez uma entrada navegando por ele acima, até onde o ajudou a maré, com certos companheiros, e entrando por um braço acima, que se chama Mandi, onde desembarcou, caminhou por terra obra de vinte léguas, com o rosto a les-sudoeste, e foi dar com uma lagoa, a que o gentio chama boca do mar, por ser muito grande e funda da qual nasce um rio que se mete neste rio Doce, e leva muita água. Esta lagoa

crece às vezes tanto, que faz grande enchente neste rio Doce.

Desta lagoa corre este rio a leste, e dela a 40 léguas tem uma cachoeira; e andando esta gente ao longo deste rio, que sai da lagoa mais de 30 léguas, se detiveram ali alguns dias; tornando a caminhar, andaram 40 dias com o rosto a loeste; e no cabo deles chegaram aonde se mete este rio Doce, e andaram nestes 40 dias 70 léguas pouco mais ou menos. E como esta gente chegou a este rio Doce, e o acharam tão possante, fizeram nele canoas de casca, em que se embarcaram, e foram por ali acima, até onde se mete neste rio outro, a que chamam Aceci, pelo qual entraram a foram quatro léguas, e no cabo delas desembarcaram e foram por terra com o rosto ao noroeste 11 dias, e atravessaram o Aceci, e andaram 50 léguas ao longo dele da banda ao sul 30 léguas.

Aqui andou esta gente umas pedreiras, umas pedras verdeongas, e tomam do azul que têm, que parecem turquezas, e afirmou o gentio aqui vizinho que no cimo deste monte se tiravam pedras muito azuis, e que havia outras que segundo sua informação, tem ouro muito descoberto.

E quando esta gente passou o Aceci a derradeira vez, dali cinco ou seis léguas da banda do norte, achou Sebastião Fernandes uma pedreira de esmeraldas e outra de safiras, as quais estão ao pé de uma serra cheia de arvoredos do tamanho de uma légua, e quando esta gente ia do mar por este rio Doce acima 60 ou 70 léguas da barra, acharam umas serras ao longo do rio de Arvoredo,

e quase todas de pedra, em que também acharam pedras verdes; e indo mais acima quatro ou cinco léguas da banda do sul, está outra serra, em que afirma o gentio haver pedras verdes e vermelhas tão compridas como dedos, e outras azuis mui resplandcentes.

Desta serra para a banda de leste pouco mais de uma légua está uma serra, que é quase toda de cristal muito fino, a qual cria em si muitas esmeraldas, e outras pedras azuis. Com estas informações que Sebastião Fernandes deu a Luís de Brito, sendo governador, mandou Antônio Dias Adôrno, como já fica dito atrás, o qual achou ao pé desta serra, da banda do norte, as esmeraldas, e da de leste as safiras.

Umas e outras nascem no cristal, de onde trouxeram muitas e algumas muito grandes, mas todas baixas; mas presume-se que debaixo da terra as deve de haver finas, porque estas estavam à flor da terra.

Em muitas partes achou esta gente desacostumadas, de grande peso, que afirmam terem ouro e prata, do que não trouxeram amostras, por não poderem trazer mais que as primeiras e com trabalho; a qual gente se tornou para o mar pelo rio Grande abaixo, como já fica dito. E Antônio Dias Adôrno, quando foi a estas pedras, as recolheu por terra, atravessando pelos tupinaés e por entre os tupinambás, e com is e outros teve grandes encontros, e com muito trabalho e risco de sua pessoa chegou à Bahia e fazenda de Gabriel Soares de Sousa.

CAPÍTULO XLI

*Em que se declara a costa do rio Doce
até a do Espírito Santo.*

Do rio Doce ao dos Reis Magos são oito léguas; e faz a terra de um rio ao outro uma enseada grande o qual rio está em 19 graus e meio, corre-se a costa de um a outro nordeste-sudoeste. Na boca deste rio dos Reis Magos estão três ilhas redondas, por onde é bom conhecer, no qual da costa, cuja terra é muito fértil, e boa para se poder povoar, onde se podem fazer alguns engenhos de açúcar, por ter ribeiras que nele se metem, mui acomodadas para isso.

Navega-se neste rio da barra para dentro quatro ou cinco léguas, no qual há grandes pescarias e muito marisco; e no tempo que estava povoado de gentio, havia nele muitos mantimentos, que aqui iam resgatar os moradores do Espírito Santo, o que causava grande fertilidade.

Da terra dos Reis Magos ao rio das Barreiras são oito léguas, do qual se faz pouca conta; do rio das Barreiras à ponta do Tubarão são quatro léguas, onde está a vila de Nossa Senhora da Vitória; entre uma ponta e outra está o rio do Espírito Santo, o qual tem defronte da barra meia légua ao mar uma lagoa, de que se hão de guardar. Em direito desta ponta da banda do norte, duas léguas pela terra adentro, está a serra do Mestre Álvares, que é grande e redonda, a qual está afastada das outras serras; essa serra aparece, a quem vem do

mar em fora muito longe, que é por onde se conhece a barra; essa barra faz uma enseada grande, a qual tem umas ilhas dentro, e entra-se nordeste-sudoeste. A primeira ilha, que está nesta barra, se chama de D. Jorge, e mais para dentro está outra, que se diz de Valentim Nunes.

Desta ilha para Vila Velha estão quatro penedos grandes descobertos; e mais para cima está a ilha de Ana Vaz; mais avante está o ilhéu da Viúva; e no cabo desta baía fica a ilha de Duarte de Lemos, onde está assentada a vila do Espírito Santo, a qual se edificou no tempo da guerra pelos goitacases, que apertaram muito com os povoadores da Vila Velha. Defronte da vila do Espírito Santo, da banda da Vila Velha, está um penedo mui alto a pique sobre o rio, ao pé do qual se não acha fundo; é capaz este penedo para se edificar sobre ele uma fortaleza, o que se pode fazer cm pouca despesa, da qual se pode defender este rio ao poder do mundo todo, está em altura de 20 graus e 1/3.

CAPÍTULO XLII

Em que se declara como el-rei fez mercê da capitania do Espírito Santo a Vasco Fernandes Coutinho, e como ele a foi povoar em pessoa.

Razão tinha Vasco Fernandes Coutinho de se contentar com os grandes e heróicos feitos que tinha com as armas acabado nas partes da Índia, onde nos primeiros tempos de sua conquista se achou, no que

gastou o melhor de sua idade; e passando-se para estes reinos em busca do galardão de seus trabalhos, pediu em satisfação deles a S.A. licença para entrar em outros maiores, pedindo que lhe fizesse mercê de uma capitania na costa do Brasil, porque a queria ir povoar, e conquistar o sertão dela, a cujo requerimento el-rei D. João II de Portugal satisfez fazendo-lhe mercê de 50 léguas de terra ao longo da costa do dito Estado, com toda a terra para o sertão, que coubesse na sua demarcação, começando onde acabasse Pedro do Campo, capitão de Porto Seguro. Contento este fidalgo com a mercê que partiu, para satisfazer à grandeza de seus pensamentos, ordenou à sua custa uma frota de navios mui provida de moradores e das munições de guerra necessárias, com tudo o que mais convinha à esta empresa, a qual se embarcaram, entre fidalgos e criados del-rei, 60 pessoas, entre as quais foi D. Jorge de Menezes, o de Maluco, e D. Simão de Castelo Branco, que por mandado de S.A. iam cumprir suas penitências a estas partes.

Embarcado este valoroso capitão com sua gente na frota que estava prestes, partiu do porto de Lisboa com bom tempo, e fez sua viagem para o Brasil, onde chegou a salvamento, à sua capitania, da qual desembarcou e povoou a vila de Nossa Senhora da Vitória a que agora chamam de Vila Velha, onde se logo fortificou, a qual em breve se fez uma nobre vila para aquelas partes. De redor desta vila se fizeram logo quatro engenhos de açúcar mui providos e acabados, os quais começaram de lavrar açúcar, como tiveram canas

para isso que se na terra deram muito bem. Nestes primeiros tempos teve Vasco Fernandes Coutinho algumas escaramuças com o gentio seu vizinho, com a qual se houve de feição que, entendendo estes índios que não podiam ficar bem do partido, se afastaram da vizinhança do mar por aquela parte, por escusarem brigas que da vizinhança se seguiam. A este gentio chamam goitacases, de quem diremos adiante.

Como Vasco Fernandes viu o gentio quieto, e a sua capitania tanto avante, e em termos de florescer de bem em melhor, ordenou de vir para Portugal a se fazer prestes do necessário (para ir conquistando a terra pelo sertão, até descobrir ouro e prata) e a outros negócios que lhes convinha; e concertando suas coisas, como relevava, se partiu, e deixou a D. Jorge de Menezes para em sua ausência a governar, ao qual os tupiniquins de uma banda, e os goitacases, da outra, fizeram tão crua guerra que lhe queimaram os engenhos e muitas fazendas, os desbaratarem e mataram a flechadas; o que também fizeram depois a S. Simão de Castelo Branco, que lhe sucedeu na capitania, e a outra muita gente, e puseram a vila em certo e em tal aperto que, não podendo os moradores dela resistir ao poder do gentio, a despovoaram de todo que se passaram à ilha de Duarte de Lemos, onde ainda estão; a qual ilha se afasta da terra firme um tiro de berço.

Esta vila se povoou de novo com título do Espírito Santo, e muitos dos moradores, não se havendo ali por seguros do gentio, se passaram a outras capitánias. E tornando-se Vasco Fernandes para a sua

capitania, vendo-a tão desbaratada, trabalhou todo o possível por tomar satisfação deste gentio, o que não foi em sua mão, por estar impossibilitado de gente e munições de guerra, e o gentio mui soberbo com as vitórias que tinha alcançado; antes viveu muitos anos afrontado dele naquela ilha, onde, a seu requerimento, o mandou socorrer Mem de Sá, que naquele tempo governava este estado; o qual ordenou na Bahia uma armada bem fornecida de gente e armas, que era de navios da costa, mareáveis, da qual mandou por capitão o seu filho Fernão de Sá, que com ela foi entrar no rio de Cricaré, onde ajuntou com ele a gente do Espírito Santo, que lhe mandou Vasco Fernandes Coutinho; e sendo a gente toda junta, desembarcou Fernão de Sá em terra, e deu sobre o gentio de maneira, que opôs logo em desbarate nos primeiros encontros, o qual gentio se reformou e ajuntou logo, e apertou com Fernão de Sá, de maneira que o fez recolher para o mar, o que fez com tamanha desordem dos seus que, antes de poder chegar às embarcações, mataram a Fernão de Sá, com muita gente, ao embarcar; mas, já agora, esta capitania está reformada, com duas vilas, numa das quais está um mosteiro dos padres da companhia, e tem seus engenhos de açúcar e outras muitas fazendas.

No povoar desta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho mui mil cruzados, que adquiriu na Índia, e todo o patrimônio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, o qual acabou nela tão pobrememente, que chegou a darem-lhe de comer por amor de Deus, e não sei se teve um lençol seu, em que o

amortalhassem. E seu filho, do mesmo nome, vive hoje na mesma capitania, tão necessitado que não tem mais de seu que o título de capitão e governador dela.

CAPÍTULO XLIII

Em que se vai declarando a costa do Espírito Santo até o cabo de São Tomé.

Do rio do Espírito Santo ao Guarapari são oito léguas e faz-se entre um e outro rio uma enseada. Chegando a este rio de Guarapari estão as serras, que dizem de Porocão, e corre-se a costa do morro de João Moreno até este rio, norte-sul; e defronte do morro de João Moreno está a ilha Escalvada. Do rio de Guarapari à ponta de Leritibe são sete léguas; e corre-se a costa nordeste-sudoeste, cuja terra é muito alta; essa ponta tem, da banda do norte, três ilhas, obra de duas léguas ao mar e a primeira está meia légua da terra firme, as quais têm bom surgidouro; e estão essas ilhas defronte do rio Guarapari. A terra deste rio até Leritibe é muito grossa e boa para povoar como a melhor do Brasil, a qual foi povoada dos goitacases. Esta ponta de Leritibe tem um arrecife ao mar, que boje bem uma légua e meia, a qual ponta é de terra baixa, ao longo do mar. De Leritibe até Tapemirim são quatro ou cinco léguas, cuja costa se corre nordeste-sudoeste, a qual está em 20 graus e 3/4. De Tapemirim a Managé são cinco léguas, a qual está em 21 graus; de Managé ao de Paraíba são cinco léguas, e corre-se a costa nordeste-sudoeste, e

toma da quarta ao norte-sul, o qual rio de Paraíba está em 21 graus e $\frac{2}{3}$. Este rio de Paraíba tem barra e fundo por onde entram navios de honesto porte, o qual se pode tornar a povoar, por derredor dele e ao longo do mar. Da Paraíba ao cabo de São Tomé são sete léguas, cuja costa se corre nordeste-sudoeste, o qual cabo está em 22 graus. Pelo nome deste cabo o tomou a capitania também de São Tomé, até onde corre o limite dos goitacases, de quem diremos em seu lugar.

CAPÍTULO XLIV

Em que se trata de como Pedro de Góis foi povoar a sua capitania de Paraíba ou de São Tomé.

Pedro de Góis foi um fidalgo muito honrado, cavaleiro e experimentado, o qual andou na costa do Brasil com Pedro Lopes de Sousa, e se perdeu com ele no Rio da Prata; e pela afeição que tomou deste tempo à terra do Brasil, pediu a el-rei D. João quando repartiu as capitanias, que lhe fizesse mercê de uma, da qual S.A. lhe fez mercê, dando-lhe 30 léguas de terra ao longo da costa que se começariam onde se acabava a capitania de Vasco Fernandes Coutinho, e daí até onde acaba Martim Afonso de Sousa, e que, não as havendo entre uma capitania e outra, que lhe dava somente o que houvesse, o que não passaria dos baixos dos Pargos. Da qual capitania foi tomar posse numa frota de navios, que à sua custa para isso fez, que proveu de moradores, armas e o mais necessário para tal empresa, com a qual frota se

partiu do porto de Lisboa, e fez sua viagem com próspero tempo, e foi tomar terra e porto na sua capitania, e desembarcou no rio Paraíba, onde se fortificou, e fez uma povoação em que esteve pacificamente os primeiros dois anos, com os gentios goitacases seus vizinhos, com quem teve depois guerra cinco ou seis anos, dos quais se defendeu com muito trabalho e risco de sua pessoa, por lhe armarem cada dia mil traições, fazendo pazes, que lhe logo quebravam, com o que lhe foram matando muita gente, assim nestas traições como em cercos, que lhes puseram, mui prolongados com o que padeceu cruéis fomes, o que não podendo os moradores sofrer apertaram com Pedro de Góis rijamente, que a despovoasse, no que ele determinou obrigados destes requerimentos e das necessidades em que o tinham posto os trabalhos, e ver que não era socorrido do reino como devera.

E vendo-se já sem remédio, foi forçado a despejar a terra, e passar-se com toda gente para capitania do Espírito Santo, onde estava a esse tempo Vasco Fernandes Coutinho, que lhe mandou para isso algumas embarcações. E como Pedro de Góis teve embarcação, se tornou para estes reinos mui desbaratado, voltou a ir ao Brasil por capitão-mor do mar com Tomé de Sousa, que neste Estado foi o primeiro governador-geral, com quem ajudou a povoar e fortificar a cidade do Salvador, na baía de Todos os Santos.

Nesta povoação que Pedro Góis fez na sua capitania gastou toda sua fazenda que tinha no reino, e muitos mil cruzados de Martim Ferreira, e eu o

favoreceu muito com pretensão de fazerem por conta da companhia grandes engenhos, o que não houve efeitos pelos respeitos declarados neste capítulo.

CAPÍTULO XLV

*Em que se diz quem são os goitacases,
sua vida e costumes.*

Pois que temos declarado quase toda a costa que senhoreavam os goitacases, não é bem que nos despeçamos dela passando por eles, pois temos dito parte dos danos que fizeram aos povoadores do Espírito Santo e aos da Paraíba, os quais antigamente partiam pela costa do mar da banda do sul com os tamoios e de norte com os papanases, que viviam entre eles, e os tupiniquins, e como eram seus contrários, vieram a ter com eles tão cruel guerra que os fizeram despejar a ribeira do mar, e irem-se para o sertão, com o que ficaram senhores da costa até confinar com os tupiniquins, cujos contrários também são, e se matam e comem uns aos outros, entre os quais estava por marco o rio de Cricaré.

Este gentio foi o que fez despovoar a Pedro de Góis, e que deu tantos trabalhos a Vasco Fernandes Coutinho. Esse gentio tem a cor mais branca que os que dissemos atrás, tem diferente linguagem; é muito bárbaro; o qual não granjeia muita lavoura de mantimentos: plantam somente legumes, de que se mantêm, e a caça, que matam às flechadas, porque são

grandes flecheiros. Não costuma esta gente pelejar no mato, mas em campo descoberto, nem são muito amigos de comer carne humana, como o gentio atrás; não dormem em redes, mas no chão, com folhas debaixo de si. Costumam estes bárbaros, por não terem outro remédio, andarem no mar nadando, esperando os tubarões com um pau muito agudo na mão, em remetendo o tubarão a eles, lhe davam com o pau, que lhe metiam pela garganta com tanta força que o afogavam, e matavam, e o traziam à terra, não para o comerem para o que se não punham em tamanho perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flechas.

Tem esse gentio muita parte dos costumes dos tupinambás, assim no cantar, no bailar, tingir-se de jenipapo, a feição do cabelo da cabeça e no arrancar os mais cabelos do corpo e outras gentilidades muitas que, por escusar prolixidade, as guardamos para se dizerem uma só vez.

CAPÍTULO XLVI

Em que se declara, em suma, quem são os papanases e seus costumes.

Parece conveniente este lugar para brevemente se dizer quem são os papanases, de quem atrás fizemos menção, e porque passamos o limite de sua vivenda nos tempos antigos, não é bem que os guardemos para mais longe.

Este gentio, como fica dito, viveu ao longo do mar entre a capitania de Porto Seguro e a do Espírito Santo, donde foi lançado, pelos tupiniquins, seus contrários, e pelos goitacases, que também o eram, e são hoje, seus inimigos, e uns e outros lhe fizeram tão cruel guerra que os fizeram sair para o sertão, onde agora têm sua vivenda, cuja linguagem entendem os tupiniquins e goitacases, ainda que mal.

Este gentio dorme no chão, sobre folhas, como os goitacases; também não se ocupa em grandes lavouras; mantêm-se estes selvagens de caça e peixe do rio, que matam; os quais são grandes flecheiros e pelejam com arcos e flechas, andam nus como o mais gentio, não consentem cabelos nenhuns no corpo, senão os da cabeça, pintam-se e enfeitam-se com penas de cores dos pássaros; cantam e bailam; têm muitas gentilidades, das que usam os tupinambás; mas, entre si, têm um costume que não é tão bárbaro, como todos os outros que todo o gentio costuma, que é, se um índio destes mata outro da mesma geração em alguma briga, ou por desastre, são obrigados os parentes do matador a entregá-lo aos parentes do morto, que logo o afogam e o enterram, estando uns e outros presentes, e todos neste ajuntamento fazem grande pranto, comendo e bebendo todos juntos por muitos dias, e assim ficam todos amigos; e sendo o caso que o matador fuja, de maneira que os parentes não o possam tomar, lhe tomam um filho ou filha, se o tem, ou irmão, e se não tem nem um nem o outro, entregam pelo matados o parente mais chegado, ao qual não matam, mas fica cativo do mais

próximo parente do morto, e com isso ficam todos contentes e amigos como eram antes do acontecimento do morto.

CAPÍTULO XLVII

Em que se torna a dizer de como corre a costa do cabo de São Tomé até o cabo Frio.

Do cabo de São Tomé à ilha de Santa Ana são oito léguas, e corre-se a costa nordeste-sudoeste. A terra firme desta costa é muito fértil e boa. Esta ilha de Santa Ana fica em 22 graus e 1/3, a qual está afastada da terra firma duas léguas para o mar, e tem dois ilhéus junto de si. E quem vem do mar em fora parece-lhe tudo uma coisa.

Tem esta ilha da banda da costa um bom surgidouro e abrigada por ser limpo tudo, onde tem de fundo cinco ou seis braças, e na terra firma defronte da ilha tem boa aguada, e na mesma ilha há boa água de uma lagoa. Por aqui não há de que guardar senão do que virem sobre a água.

E quem vem do mar em fora, para saber se está tanto avante como esta ilha, olhe para terra firme, e verá em meio das serras um pico, que parece frade com capelo sobre as costas, o qual demora a loeste-noroeste, e podem os navios entrar por qualquer das bandas da ilha como lhe mais servir o vento, e ancorar defronte entre ela e a terra firme.

Da ilha de Santa Ana à baía de Salvador são três léguas e dessa baía à baía Formosa são sete léguas; da baía Formosa ao cabo Frio são duas léguas. E corre-se a costa norte-sul.

Até essa baía Formosa corriam os goitacases no seu tempo, mas vivem já mais afastados do mar, pelo que não há que arreçar para se povoar qualquer parte desta costa do Espírito Santo até o cabo Frio.

CAPÍTULO XLVIII

Em que se explicam os recôncavos do cabo Frio.

O cabo Frio está em 23 graus; o qual parece, a quem vem do mar em fora, ilha redonda com uma forcada no meio, porque a terra, que está entre o cabo e as serras é muito baixa e quando se vem chegando a ele aparece uma rocha com riscos brancos, por onde é bom de conhecer. E, ainda que, pelo que se julga do mar, a terra do cabo parece ilha, e o não seja, por onde parece, na verdade o cabo é ilha, porque o corta o mar por onde se não enxerga de fora, mas é de maneira que pode passar um navio entre ele e a terra firme à vontade. E tem o baixo neste canal, bem no meio, de duas braças de fundo; o mais alto, que basta para passar uma nau.

Perto do cabo estão umas ilhas no meio das quais é limpo e bom porto para surgirem naus de todo o porte, e não há senão guardar do que virem. Duas léguas do cabo, da banda do norte, esta a baía Formosa, e defronte

dela ficam as ilhas, e entre essa baía e as ilhas há bom surgidouro.

No fim dessa baía para o norte está a Casa da Pedra, perto da qual estavam um rio pequeno que tem de fora bom surgidouro, e de 10 até 15 braças de fundo, afastado um pouco de uma ilha que está na boca da baía. E perto dessa ilha é alto para ancorar naus, mas perigoso, porque se venta sudoeste e oeste, faz aqui dano no primeiro ímpeto, porque vem com muita fúria. como trovoada de Guiné, a qual trovoada é de vento seco e claro.

Costumavam os franceses entrar por este rio pequeno e carregar pau-brasil, que traziam para as naus que estavam surtas na baía, ao abrigo das ilhas.

Por essa baía entra maré muito pela terra adentro que é muito baixa, onde de 20 de janeiro até todo o fevereiro se coalha a água muito depressa, e sem haver marinhas, tiram os índios o sal coalhado e duro, muito alvo, às mãos cheias, de baixo da água, chegando-lhe sempre a maré, sem ficar nunca em seco.

CAPÍTULO XLIX

*Em que se declara a terra que há do
Cabo Frio até o Rio de Janeiro.*

Do Cabo Frio ao Rio de Janeiro são 18 léguas, que se repartem desta maneira: do Cabo Frio até ao rio de Sacorema são oito léguas; de Sacorema às ilhas de Maricá são quatro léguas e de Maricá ao Rio de Janeiro

são seis léguas, cuja costa se corre leste-oeste; o qual Rio está em 23 graus e tem sobre si umas ilhas mui altas, que se vêm de muito longe, vindo do mar em fora, a que chamam os Órgãos, e uma destas serras parecem do mar gávea de nau, por onde se conhece bem a terra. Este Rio tem de boca, de ponta a ponta, perto de meia légua, e na de les-sudoeste tem um pico de pedra muito alto e mui a pique sobre a barra. Na outra ponta tem outro padraсто, mas não é tão alto nem tão áspero, e de um ao outro se defenderá a barra valorosamente.

No meio dessa barra, entre ponta e ponta, criou a natureza uma lájea de 50 braças de comprimento e 25 de largo, onde se pode fazer uma fortaleza, que seja uma das melhores do mundo, o que se fará com pouca despesa, com o que se defenderá este Rio a todo o poder que o quiser entrar; porque o fundo da barra é, por junto dessa lájea, a tiro de espingarda dela, e forçado as naus que quiserem entrar dentro hão de ir à fala dela, e não lhe ficará outro padraсто mais que o do pico de pedra, donde lhe podem chegar com artilharia grossa; mas é esse pico tão áspero que parece impossível poder-se levar artilharia grossa acima, e segurando-se este pico ficará a fortaleza da lájea inexpugnável.

E uma coisa e outra se pode fortificar com pouca despesa, pela muita pedra que para isso tem ao longo do mar, bem defronte, assim para cantaria como para alvenaria, e grande aparelho para se fazer muita cal de ostras, e de que neste Rio há infinidade.

CAPÍTULO L

*Em que se declara a entrada do Rio de Janeiro
e as ilhas que tem defronte.*

Defronte da barra do Rio de Janeiro, ao sul dela quatro ou cinco léguas, estão duas ilhas baixas, e ao noroeste delas está um porto de areia bem chegado à terra, onde há abrigada ao vento sul, sueste, leste e noroeste, e como for outro vento convém fugir na volta de leste ou do norte, que serve para quem vem para o reino; e quem houver de ancorar aqui, pode-se chegar a terra até quatro ou cinco braças de fundo para ficar bem; e quem houver de entrar n Rio, dando-lhe o vento lugar, entre pela banda do leste, e sendo o vento oeste, vá pela barra de oeste, pelo meio do canal que está entre a ponta de Cara de Cão e a lájea; mas a barra de leste é melhor, por ser mais larga; e por cada uma delas tem fundo oito até 12 braças até a ilha de Viragalham; e quanto mais forem ao leste tanto menos fundo acharão, depois que passarem a ilha, e para banda de leste acharam mais fundo em passando a ilha de Viragalham, que se chama assim por ser este o nome do capitão francês, que esteve com uma fortaleza nesta ilha, que é a que Mem de Sá tomou e arrasou.

Defronte da barra deste Rio ao mar dela, está uma ilha, a que chamam ilha Redonda; e afastado dela para banda de leste, está outra ilha, a que chamam a ilha Rasa; e defronte desta ilha e a ponta da lagoa, estão três ilhas no meio, e chegando à terra está outro ilhote, a que

chamam Jeribatuba, em derredor da qual estão quatro ilhotas.

CAPÍTULO LI

Em que particularmente se explica a baía do Rio de Janeiro da ponta do Pão de Açúcar para dentro.

É tamanha coisa o Rio de Janeiro da boca para dentro, que nos obriga a gastar o tempo em o declarar neste lugar, para que se veja como é capaz de se fazer mais conta dele do que se faz.

E comecemos do Pão de Açúcar, que está da banda de fora da barra, que é um pico de pedra mui alto, da feição do nome que tem, do qual, à ponta da barra, que se diz de Cara de Cão, há pouco espaço; e a terra que fica entre esta ponta e o Pão de Açúcar, é baixa e chã; e virando-se desta ponta para dentro da barra se chama Cidade Velha, onde se ela fundou primeiro. Aqui se faz uma enseada, em que podem surgir navios, se quiserem, porque ao fundo é de vaza, e tem cinco, seis e até sete braços. Esta enseada se chama de Francisco Velho, por ter aqui sua vivenda e granjearia, a qual é afeiçãoada em compasso até outra ponta adiante que se chama da Carioca, junto da qual entra uma ribeira, que se chama do mesmo nome, donde bebe a cidade.

Da ponta da Cara de Cão à cidade pode ser meia légua; esta ponta de Cara de Cão fica quase em padrasto da lájea, mas não é muito grande por ela não ser muito alta.

A cidade se chama São Sebastião, a qual edificou Mem de Sá, num alto, numa ponta de serra que está defronte da ilha de Viragalham, a qual está lançada deste alto por uma ladeira abaixo; e tem em cima, no alto, um nobre mosteiro e colégio de padres da companhia, e ao pé dela uma estância com artilharia para uma banda e para outra, um modo de fortaleza numa ponta, que defende o porto, mas não a barra, por lá não chegar bem a artilharia.

Ao pé desta cidade defronte da ponta do arrecife dela, tem bom surgidouro, que tem de fundo cinco e seis braças, e chegando-se mais à terra tem três a quatro braças, onde os navios têm abrigo para os ventos gerais do inverno, que soa su-sudeste.

E quem quiser ir para dentro há de passar por um banco, que tem de preamar até 20 palmos de água; e passando este banco, virando para de trás da ponta da cidade, acharão bom fundo, onde os navios estarão seguros de todo tempo, por a terra fazer aqui uma enseada.

E quando os navios quiserem sair deste porto carregados, hão de botar fora por entre a ilha e a ponta da terra firme, pela banda do norte, e hão de rodear a ilha em redondo para tornarem a surgir defronte da cidade, e surgirem junto da ilha de Viragalham, entre ela e a cidade; no qual lugar acharão de fundo três braças e três e meia, onde tem porto morto e defronte desse porto é o desembarcadouro da cidade, onde se diz as casas de Manuel de Brito.

CAPÍTULO LII

Em que se explica a terra da baía do Rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro até tornar à barra.

Na ponta desta cidade o ancoradouro dos navios, que está detrás da cidade, está uma ilheta que se diz a da madeira, por se tirar dela muita, a qual serve aos navios que aqui se recolhem de consertar as velas. E desta ponta a uma légua está outra ponta, fazendo a terra em meio uma enseada, onde está o porto, que se diz de Martim Afonso, onde entra nesta baía um riacho, que se diz Iabubiracica; defronte deste porto de Martim Afonso estão espalhados seis ilhéus de arvoredos. E desta ponta por diante se torna a terra a recolher, à maneira de enseada, e dali a meia légua faz outra ponta, e antes dela entra outro riacho no salgado que se chama Unhaúma; e à ponta se chama Braço pequeno.

Dessa ponta que se diz Braço pequeno por diante, foge a terra para trás muito, onde se faz um esteiro, por onde entra a maré três léguas; e fica a terra na boca deste esteiro de ponta a ponta, um tiro de berço, donde começa a terra a fazer enseada, que de ponta a ponta são duas léguas, a qual terra é alta até a ponta. Defronte desta enseada está a ilha de Salvador Correia, que se chama Parnapicu, que tem três léguas de comprido, e uma de largo, na qual está um engenho de açúcar que lavra com bois, que ele fez.

Atravessando esta ilha por mar à cidade são duas léguas, a qual ilha tem em redor de si oito ou nove ilhas,

que dão pau-brasil. Do cabo desta enseada grande e da ponta da terra alta, se faz outra enseada apertada na boca, na qual se mete um rio, que nasce ao pé da serra dos Órgãos, que está cinco léguas pela terra adentro, o qual se chama Majipe, e mais adiante légua e meia entra outro riacho nesta baía, onde se chama Sururuí.

Deste rio Sururuí a duas léguas entra outro nesta baía, que se chama Macucu que se navega pela terra adentro quatro léguas, no qual se mete outro rio, que se chama Goitacases, que vem de muito longe.

Defronte do rio Macucu está uma ilha, que se chama Caiáiba, e desta ilha a uma está outra que se chama Pacatá; e desta à Salvador Correia é légua e meia; e estão estas todas todas três em direito leste-oeste umas das outras. E desta ilha Pacatá direito ao sul estão seis ilhéus, e para o sueste estão cinco em duas carreiras.

Da ponta do rio Macucu para a banda de leste se recolhe a terra e faz uma enseada até a outra ponta da terra saída ao mar, em que entra o riacho, que se chama Baxindiba, e da ponta deste riacho à de Macucu é légua e meia. Defronte de Baxindiba se torna a afastar a terra para dentro, fazendo outra enseada, com muitos mangues no meio, na qual se mete outro rio, que se diz Suaçuna, e haverá de ponta a ponta duas léguas. E no meio, bem em direito das pontas, está outra ilha cheia de arvoredos e a outra ponta desta enseada se diz Mutungabo.

Da ponta de Mutungabo se esconde a terra para dentro bem $\frac{2}{3}$ de légua, onde se mete um rio, que se

chama Pau Doce, e faz uma volta, tornando a terra a sair para fora bem meia légua, onde faz outra ponta, que se chama Urumaré. Dessa ponta à de Mutungabo é uma légua, e, bem em direito destas pontas, em meio desta enseada está outra ilha de arvoredos.

Desta ponta de Mutungabo à de Macucu são quatro léguas; da ponta de Urumaré a 2/3 de légua está outra ponta, onde se começam as barreiras vermelhas, que ficam defronte da cidade, onde bate o mar da baía; e defronte dessa ponta, para o norte está uma ilha, que se diz de João Fernandes, diante da qual está outra mais pequena.

Das barreiras vermelhas se vai afeiçoando a terra ao longo da água, como cabeça de cajado, onde se uma enseada que se chama de Piratininga, e a ponta e língua da terra dele vêm quase em direito de Viragalham, a qual ponta se chama de Lery, e o cotovelo desta língua de terra faz uma ponta defronte da de Cara de Cão, que fica em padrao sobre a lágua da barra na qual está outra lágua, que o salgado aparta de terra qualquer coisa, a qual fica ao pé do pico do padrao, que está sobre a barra.

Entram por esta barra do Rio de Janeiro naus de todo porte, as quais podem estar neste rio seguras, como fica dito, de maneira que terá esta baía do Rio de Janeiro, em redondo da ponta de Cara de Cão, andando por dentro até o mar, à outra ponta da lágua, 20 léguas pouco mais ou menos, que se navega em barcos, e pelo mais largo haverá de terra seis léguas.

CAPÍTULO LIII

*Que se trata como o governador Mem de Sá
foi ao Rio de Janeiro.*

Não é bem que passemos avante sem primeiro se dar conta da muita que os anos passados se teve com o Rio de Janeiro.

E como el-rei D. João III, de Portugal, fosse informado como os franceses tinham feito neste rio uma fortaleza na ilha de Viragalham, que foi o capitão que nela residia, que se assim chamava, mandou a D. Duarte da Costa, que neste tempo era governador deste Estado, que D. Duarte da Costa fez muita diligência e avisou disso a S.A. a tempo, que tinha sido eleito para governador-geral deste Estado a Mem de Sá, a quem encomendou particularmente que trabalhasse por pôr esta ladroeira fora deste Rio. E falecendo el-rei neste conflito, sucedendo no governo a rainha D. Catarina, sua mulher, que está em glória, sabendo da vontade de S.A., escreveu ao mesmo Mem de Sá, que com brevidade possível fosse a este Rio e lançasse os franceses dele, ao que, obedecendo o governador, fez prestes a armada, que do reino para isso lhe fora, de que ia por capitão-mor Bartolomeu de Vasconcelos; à qual ajuntou outros navios de el-rei, que na Bahia havia, e 10 ou 11 caravelões; e feita a frota prestes, mandou embarcar nela as armas e munições de guerra e os mantimentos necessários, na qual se embarcou a maior parte da gente nobre da Bahia, e os homens de armas

que se puderam juntar, com muitos escravos e índios forros. E indo o governador com esta armada correndo a costa, de todas as capitancias levou gente que por sua vontade o quiseram acompanhar nesta empresa; e, seguindo sua viagem, chegou ao Rio de Janeiro com toda a armada junta, onde o vieram ajudar muitos moradores de São Vicente.

E foi recebido da fortaleza de Viragalham, que neste tempo era ido à França, com muitas bombardadas, o que não foi bastante para Mem de Sá deixar de se chegar à fortaleza com os navios de maior porte a varejar com artilharia grossa; e com os navios pequenos mandou desembarcar a gente numa ponta da ilha, onde mandou acertar a artilharia, donde bateram a fortaleza rijamente.

E como os franceses se viram apertados, despejaram o castelo e fortaleza uma noite, e lançaram-se na terra firme com o gentio tamoio, que os favorecia muito; e entrada a fortaleza, mandou o governador recolher a artilharia e munições de guerra, que nela havia; e mandou-a desfazer e arrastar por terra, e avisou logo do sucedido à Rainha, numa nau francesa, que neste Rio tomou, e como houve monção se recolheu o governador para Bahia (visitando as capitancias todas) aonde chegou a salvamento.

Mas não alcançou esta vitória a seu salvo, que lhe não custasse primeiro a vida de muitos portugueses e índios tupinambás, que lhe os franceses mataram à bombardadas e espingardas; mas, como a Rainha soube desta vitória, e entendendo quanto convinha à coroa de

Portugal povoar-se e fortificar-se o Rio de Janeiro, estranhou muito a Mem de Sá arrasar a fortaleza que tomou aos franceses, e não deixar gente que nela a guardasse e defendesse, para se povoar este Rio (o que ele não fez por não ter gente que bastasse para defender esta fortaleza); e que logo se fizesse prestes e fosse povoar este Rio, e o fortificasse, edificando nele uma cidade, que se chamasse de São Sebastião; e para que isto pudesse fazer com mais facilidade, lhe mandou uma armada de três galeões, de que ia por capitão-mor Cristóvão de Barros, com a qual, e com dois navios del-rei que andavam na costa, e outros seis caravelões, se partiu o governador da Bahia com muitos moradores dela, que levavam muitos escravos consigo, partiu-se para o Rio de Janeiro, onde lhe sucedeu o que neste capítulo se segue.

CAPÍTULO LIV

*Que se trata de como Mem de Sá foi
povoar o Rio de Janeiro.*

Partindo Mem de Sá para o Rio de Janeiro, foi visitando a capitania dos Ilhéus, Porto Seguro e a do Espírito Santo, das quais levou muitos moradores, que como aventureiros os foram acompanhando com seus escravos, nesta jornada; e como chegou ao Rio de Janeiro viu que lhe havia de custar mais do que cuidava, como lhe custou; porque o achou fortificado dos franceses na terra firme, onde tinham feito cercas mui

grandes e fortes de madeira, com os seus baluartes e artilharia, que lhes umas naus que ali foram carregar de pau deixaram, com muitas espingardas.

Nestas cercas estavam recolhidos cm os franceses os índios tamoios, que estavam já tão adestrados deles, que pelejavam muito bem com suas espingardas, para o que não lhes faltava pólvora nem o necessário, por de tudo estarem bem providos de naus acima ditas.

Desembarcando o governador em terra, tiveram os portugueses grandes escaramuças com os franceses e tamoios; mas uns e outros recolheram contra sua vontade para as suas cercas, que logo foram cercadas e postas em grande aperto; mas, primeiro que fossem entradas, custou a vida a Estácio de Sá, sobrinho do governador, e a Gaspar Barbosa, pessoa de muito principal estima, e a outros muitos homens e escravos, e, contudo, foram as cercas entradas, e muitos dos contrários mortos e os mais cativos.

E como os tamoios não tiveram entre si franceses, se recolheram pela terra adentro, donde vinham muitas vezes fazer seus saltos, do que nunca saíram bem. E como Mem de Sá viu que tinha lançado os inimigos da porta, ordenou de fortificar este Rio, fazendo-lhe uma estância ao longo da água para defender a barra, a qual depois reedificou Cristóvão de Barros, sendo capitão deste Rio; e assentou a cidade, que murou com muros de taipas com suas torres, e em que pôs a artilharia necessária, onde edificou algumas igrejas, com sua casa de misericórdia e hospital, e um mosteiro de padres da companhia, que agora é colégio, em que os padres

ensinam o latim, para que lhes faz S.A. mercê cada ano dois mil cruzados.

E acabada de fortificar e povoar essa cidade, ordenou ao governador para se tornar para a Bahia, deixando nela por capitão a seu sobrinho Salvador Correia de Sá, com muitos moradores e oficiais de justiça e de fazenda, convenientes ao serviço del-rei e ao bem da terra, o qual Salvador Correia defendeu esta cidade alguns anos mui valorosamente, fazendo guerra ao gentio, de que alcançou grandes vitórias, e dos franceses, que do Cabo Frio os vinham ajudar e favorecer, aos quais foi tomar, dentro do Cabo Frio, uma nau que passava de duzentos tonéis, com canoas que levou do Rio de Janeiro, com as quais abalroou e tomou à força de armas.

A esta cidade mandou depois el-rei e D. Sebastião por capitão e governador Cristóvão de Barros, que acrescentou, fazendo nela seu tempo muitos serviços a S.A., que se não podem particularizar em tão pequeno espaço.

CAPÍTULO LV

*Em que se trata de como foi governador do
Rio de Janeiro Antônio Salema.*

Informado el-rei D. Sebastião, que glória haja, do Rio de Janeiro, do muito que estava disposto, ordenou de partir este Estado do Brasil em duas governanças, e deu uma delas ao Dr. Antônio Salema, que estava na

capitania de Pernambuco por mandado de S.A., com alçada, a qual repartição se estendia da capitania de Porto Seguro até São Vicente.

Esta repartição se fez no ano de 1572; começava no limite em que partem as duas capitanias do Ilhéus e do Porto Seguro, e dali tudo para o sul; e a outra, do dito limite até tudo que há para o norte, deu a Luís de Brito de Almeida. E era cabeça desta governança a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde o governador assistiu; e começou um engenho, que lhe S.A. mandou fazer, para o que lhe mandou dar quatro mil cruzados, o qual senão acabou, sendo mui necessário para os moradores fazerem suas casas, e para a terra ir em grande crescimento.

No tempo que Antônio Salema governou o Rio de Janeiro iam cada ano naus francesas resgatar com o gentio ao Cabo Frio, onde ancoravam com suas naus na baía que atrás fica declarado, e carregavam de paus de tinta à sua vontade; e vendo Antônio Salema tamanho desaforo, determinou de tirar essa ladroeira desse lugar, e fez-se prestes para ir fazer guerra ao gentio de Cabo Frio, para o que ajuntou quatro mil homens brancos e 700 índios, com os quais, por conselho de Cristóvão de Barros, foram ambos em pessoa ao Cabo Frio, que está a 18 léguas do Rio, onde acharam os tamoios com cercvas muito fortes, recolhidos nelas com alguns franceses dentro, onde uns e outros se defenderam valorosamente às espingardadas e flechadas; e, não podendo os franceses sofrer o aperto em que estavam, se lançaram com o governador, que lhes desse a vida, com que os

tamoios foram entrados, mortos infinitos, e cativos oito ou dez mil almas.

E com esta vitória, que os portugueses alcançaram, ficaram os tamoios tão atemorizados, que despejaram a ribeira do mar, e se foram para o sertão, pelo que não tornaram mais naus francesas a Cabo Frio a resgatar. E porque deste sucesso fez Antônio Salema um tratado, havemos por escusado tratar mais deste caso neste capítulo.

CAPÍTULO LVI

Em que se conclui com o Rio de Janeiro com a tomada de Salvador Correia a ele.

Vendo el-rei D. Sebastião, que haja glória, o pouco de que lhe servira dividir o Estado do Brasil em duas governanças, assentou de o tornar a ajuntar, como dantes andava, e o de mandar por capitão e governador ao Rio de Janeiro somente a Salvador Correia de Sá, e que viessem as apelações à Bahia, como dantes era; onde o dito Salvador Correia foi e está hoje em dia, onde tem feito muitos serviços a S. Majestade, do modo, como procede na governança e defesa desta cidade, e no fazer da guerra ao gentio, de que tem alcançado grandes vitórias, e também serviu a S. Majestade em pelejar com três naus francesas, que queriam entrar pela barra do Rio de Janeiro, o que lhe defendeu `s bombardadas, e não quis consentir que comunicassem

com a gente da terra, por se dizer trazerem cartas do senhor D. Antônio.

E foi esta cidade em tanto crescimento em seu tempo, que pela engrandecer ordenou de fazer um engenho de açúcar na sua ilha, que faz muito açúcar; e favoreceu a Cristóvão de Barros para mandar fazer outro, que também está moente e corrente, com os quais esta cidade está muito avante, e com um formoso colégio dos padres da companhia, cujas obras Salvador Correia ajudou e favoreceu muito.

Neste Rio de Janeiro se podem fazer muitos engenhos por ter terras e águas para isso, no qual se dão as vacas muito bem, todo o gado da Espanha; onde se dá trigo, cevada, vinho, marmelos, romãs, figos e rodas as frutas de espinho; e muito farto de pescado e marisco, e de todos os mantimentos que se dão na costa do Brasil; onde há muito pau do Brasil, e muito bom.

CAPÍTULO LVII

*Em que se declara a costa do Rio de Janeiro
até São Vicente.*

Da ponta da Cara de Cão do Rio de Janeiro à ponta do rio de Marambaia são nove léguas, onde se faz uma enseada; e defronte dessa enseada está uma ilha de Arvoredo que se chama a Ilha Grande, a qual faz de cada banda duas barras com a terra firme, porque tem em boca um penedo no meio, que lhe faz duas abertas, e

navega-se por entre esta ilha e a terra firme com navios grandes e naus de todo porte.

Ao mar desta ilha está um ilhéu, que se chama Jorge Grego. Esta Ilha Grande está em 23 graus, a qual tem sete ou oito léguas de comprido, cuja terra é muito boa, toda cheia de arvoredos, com águas boas para engenhos. Quem vem do mar em fora parece-lhe esta ilha cabo de terra firme por estar chegado à terra.

Esta se deu de sesmaria a um desembargador que é falecido e não a povoou, sendo ela tanto para se fazer muita conta dela; na qual há muito bom porto para surgirem navios. Defronte desta ilha, na ponta dela da banda de loeste está a Angra dos Reis; e corre-se esta linha leste-oeste; e quem navegar por entre ela e a terra firme não tem que recear, porque tudo é limpo e sem baixo nenhum. Da ponta da Ilha Grande ao morro de Caruçu são nove léguas, o qual morro está em 23 graus e $1/4$ e tem um ilhéu, e entre ela e a Ilha Grande, na enseada junto à terra firme, tem duas ou três ilhetas de arvoredos.

Do morro de Curuçu à Ilha das Couves são quatro léguas a qual está chegada à terra; da Ilha das Couves ao porto dos Porcos são duas léguas, o qual porto é muito bom, e tem defronte uma do mesmo nome. Do porto dos Porcos à ilha de São Sebastião são cinco léguas, a qual está em 24 graus, e tem cinco ou seis léguas de comprido, cuja terra é boa para se poder povoar. E para boa navegação há de se navegar entre esta ilha e a terra firme mas acostar antes à banda da ilha, por ter mais fundo.

Ao sudoeste desta ilha está outra ilha que se chama Alcatrazes, a qual tem três picos de pedra, e um deles muito mais comprido que os outros. Por dentro desta ilha de São Sebastião daí a três léguas ao sudoeste dela estão duas ilhetas: uma se diz da Vitória, e a outra dos Búzios. Da ilha de São Sebastião ao Monte do Trigo são quatro léguas; do Monte do Trigo à barra de São Vicente são quatro leguas. E corre-se esta costa da Ilha Grande até São Vicente leste-nordeste e oeste-sudoeste.

CAPÍTULO LVIII

*Em que se declara quem é o gentio tamoio
de que tanto falamos.*

Ainda que pareça ser já fora do seu lugar tratar aqui do gentio tamoio, ano lhe cabia outro por a costa da terra que eles senhorearam passar além do Rio de Janeiro até Angra dos Reis, pelo que se não podia dizer deles em outra parte mais acomodada. Estes tamoios o tempo que os portugueses descobriram esta província do Brasil, senhoreavam a costa dele desde o rio do cabo de São Tomé até Angra dos Reis; do qual limite foram lançados para o sertão, onde agora vivem. Este gentio é grande de corpo e muito robusto, são valentes homens e mui belicosos e contrários de todo o gentio senão dos tupinambás, de quem se fazem parentes, cuja fala se parece uma com a outra, e têm as mesmas gentilidades, vida e costumes, e são amigos uns dos outros.

São estes tamoios mui inimigos dos goitacases, de quem já falamos, com quem partem, segundo já fica dito, e cada dia se matam e comem uns aos outros. Por esta outra parte de São Vicente partem com os guaianases, com quem também têm contínua guerra, sem se perdoarem.

Pelejam estes índios com arcos e flechas, no que são muito destros, e grandes caçadores e pescadores de linha, e grandes mergulhadores, e à flecha matam também muito peixe, de que se aproveitavam quando não tinham anzóis. As suas casas são mais fortes que as dos tupinambás e do outro gentio, e têm as suas aldeias mui fortificadas com grandes cercas de madeira. São havidos estes tamoios por grandes músicos e bailadores entre todo o gentio, os quais são grandes componedores de cantigas de improviso, pelo que são mui estimados do gentio, por onde quer que vão. Trazem os beijos furados e neles umas pontas de osso compridas com uma cabeça como prego, em que metem esta ponta, e para que não caia a tal cabeça lhe fica de dentro do beijo por onde a metem. Costumam mais em suas festas enfeitarem-se com capas e carapuças de pena de cores de pássaros.

Com este gentio tiveram grande entrada os franceses, de quem foram bem recebidos no Cabo Frio e no Rio de Janeiro, onde os deixaram fortificar e viver até que o governador Mem de Sá os foi çançar fora; e depois Antônio Salema, no Cabo Frio. Nestes dois rios costumavam os franceses resgatar cada ano mil quintais de pau-brasil, aonde carregavam muitas naus que traziam para França.

CAPÍTULO LIX

Em que se declara a barra e povoações da capitania de São Vicente.

Está o rio e barra de São Vicente em altura de 24 graus e meio, o qual rio tem a boca grande e muito aberta, onde se diz a barra de Estevão da Costa. E quem vem do mar em fora para conhecer a barra, verá sobre ela uma ilha com um monte, da feição de moela de galinha, com três mamilões. Por esta barra entram naus de todo o porte, as quais ficam dentro de um rio mui seguras de todo o tempo, pelo qual entra a maré cercando a terra de maneira que fica em ilha muito chegada à terra firme, e faz este braço do rio muitas voltas.

Na ponta desta barra, da banda de leste está a vila de Nossa Senhora da Conceição; e desta ponta a outra, que se diz de Estevão da Costa, se estende a barra de São Vicente; enquanto por este rio acima está a terra toda povoada de uma banda e da outra de fazendas mui frescas; e antes que cheguem à vila estão os engenhos dos Esquertes de Frandes e o de José Adôrno, e no rio está uma ilheta, além da qual, à mão direita está a vila de São Vicente, que é a cabeça desta capitania.

Pelo sertão desta capitania nove léguas está a vila de São Paulo, onde geralmente se diz “o campo”, na qual vila está um mosteiro dos padres da companhia, e de redor dela quatro ou cinco léguas estão quatro aldeias de índios forros cristãos, que os padres doutrinam; e

servem-se desta vila para o mar pelo esteiro do Ramalho. Tem vila mais dois ou três engenhos de açúcar na ilha e terra firme; mas todos fazem pouco açúcar, por não irem lá navios que o tragam. E aparta-se esta capitania de São Vicente, de Martim Afonso de Sousa, com a de Santo Amaro, de seu irmão Pedro Lopes, pelo esteiro da vila de Santos, donde se começa a capitania da vila de Santo Amaro.

CAPÍTULO LX

*Em que se declara cuja é a capitania
de São Vicente.*

Parece que é necessário, antes de passar mais adiante, declarar cuja é a capitania de São Vicente, e quem foi o povoador dela, da qual fez el-rei D. João III de Portugal mercê a Martim Afonso de Sousa, cuja fidalguia e esforço é tão notório a todos, que é escusado bulir, neste lugar, nisso, e os que dele não sabem muito vejam os livros da Índia, e verão os feitos maravilhosos que nele acabou, sendo capitão-mor do mar e depois governador.

Sendo este fidalgo mancebo, desejoso de cometer grandes empresas, aceitou esta capitania com 50 léguas da costa, como as de que já fizemos menção, a qual determinou de ir povoar em pessoa, para o que fez prestes uma frota de navios que proveu de mantimentos e munições de guerra como convinha; na qual embarcou muitos moradores casados que o acompanharam, com os

quais se partiu do porto de Lisboa, donde começou a fazer sua viagem, e com próspero tempo chegou a esta província do Brasil, e no cabo de sua capitania tomou o porto no rio que se agora chama de São Vicente, onde se fortificou e assentou a primeira vila, que se diz do mesmo nome do rio que fez cabeça da capitania.

E esta vila foi povoada de muita e honrada gente que nesta armada foi, a qual assentou numa ilha, donde lançou os guaianases, que é o gentio que a possuía e senhoreava aquela costa até contestarem com os tamoios; a qual vila floresceu muito nestes primeiros anos por ela ser a primeira em que se fez açúcar na costa do Brasil, donde se as outras capitanias proveram de canas-de-açúcar para plantarem, e de vacas para criarem e ainda agora floresce e tem em si um honrado mosteiro de padres da companhia, e alguns engenhos de açúcar como fica dito.

Com o gentio teve Martim Afonso pouco trabalho, por ser belicoso e fácil de contentar, e como fez pazes com ele, e acabou de fortificar a vila de São Vicente e a da Conceição se embarcou em certos navios que tinha, e foi correndo a costa descobrindo-a, e os rios dela até chegar ao Rio da Prata, pelo qual navegou muitos dias com muito trabalho, aonde perdeu alguns dos navios pelos baixos do mesmo Rio, em que se lhe afogou alguma gente, donde se tornou a recolher para capitania, que acabou de fortificar como pôde.

E deixando nela quem a governasse e defendesse, se veio para Portugal chamado de Sua Alteza, que se houve por servido dele naquelas partes, e o mandou para

as da Índia. E depois de a governar se veio para estes reinos que também ajudou a governar com el-rei D. João, que o fez do seu Conselho de Estado; e o mesmo fez reinando el-rei D. Sebastião, no tempo em que governava a rainha D. Catarina, sua avó e depois o cardeal D. Henrique, para o que tinha todas as partes convenientes.

Nestes felizes anos de Martim Afonso favoreceu muito esta sua capitania com navios e gente que a ela mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ela fazer engenhos de açúcar e grandes fazendas, como tem até hoje em dia o que já fizemos menção. Tem este rio de São Vicente grande comandante para se fortificar e defender, ao que é necessário acudir em brevidade, por ser mui importante esta fortificação ao serviço de S. Majestade, porque, se se apoderarem dela os inimigos serão maus de lançar fora, pelo cômodo que têm na mesma terra, para se fortificarem nela e defenderem de quem os quiser lançar fora. Por morte de Martim Afonso herdou esta capitania seu filho primogênito, Pero Lopes de Sousa, por cujo falecimento a herdou seu filho Lopo de Sousa.

CAPÍTULO LXI

*Em que se declara a capitania de Santo
Amaro, e quem a povoou.*

Está tão mística a capitania de São Vicente com a de Santo Amaro, que, se não foram de dois irmãos,

amassaram-se muito mal os moradores delas, as quais iremos dividindo como pudermos.

Indo pelo Rio de São Vicente acima, antes que cheguem à ilha que nele está, à mão direita dele, está a boca do esteiro e perto da vila de Santos, por onde entra a maré, cercando esta perto até se juntar com estouro esteiro de São Vicente; e entrando por este esteiro de Santos, à esquerda dele está situada a vila do mesmo nome, a qual fica também em ilha cercada de água toda, que se navega com barcos, e lhe dá jurisdição da capitania de Santo Amaro; e tornando à ponta de Estevão da Costa, que está na boca da barra de São Vicente, dela a três léguas ao longo da costa está a vila de Santo Amaro, junto da qual está o engenho de Francisco de Barros. De Santo Amaro fez Pero Lopes de Sousa cabeça desta capitania.

Desta vila de Santo Amaro à barra de Bertioga são duas léguas, onde está um forte com artilharia e bombardeiros, que se chama de São Filipe, por esta barra entra a maré cercando esta terra até se juntar com o esteiro de Santos, por onde fica Santo Amaro também em ilha, e da ponta onde está esta fortaleza, estão no rio duas ilhetas.

Defronte da fortaleza de São Filipe faz uma ponta muito chegada a estoutra, onde se está outra torre com bombardeiros e artilharia, que se diz de São Tiago, e por entre uma e outra podem entrar naus grandes por ter fundo para isso, se destas fortalezas lho não impedirem; e passando pelo esteiro acima da banda da terra firme estão os rios seguintes, que estão povoados com engenhos e outras fazendas, os quais se vêm meter aqui

no salgado: rio dos Lagartos, o Piraquê, o de São João, o de São Miguel, o da Trindade, o das Cobras, o do Engenho de Paulo de Proença, o Rio dos Frades, onde está o engenho de Domingos Leitão, que é já da capitania de São Vicente, o de Santo Amaro, o do engenho de Antônio do Vale, o de Manoel de Oliveira, concluindo, é marco entre a capitania de São Vicente e a de Santo Amaro o esteiro de Santos.

Atrás fica dito como Pero Lopes de Sousa não quis tomar as 50 léguas de costa de que lhe el-rei fez mercê todas juntas, e de que tomou metade, com Itamaracá e a outra em Santo Amaro, de que agora tratamos. Esta capitania foi povoar em pessoa este fidalgo, e fez para o poder fazer uma frota de navios em que se embarcou com muitos moradores, com os quais partiu do porto de Lisboa e se foi à província do Brasil, por onde levava sua derrota, e foi tomar porto no de São Vicente, donde se negociou e fez as povoações e fortalezas acima ditas, no que passou grandes trabalhos e gastou muitos mil cruzados, a qual agora possui uma sua neta, por não ficar dele herdeiro varão a quem ela com a de Itamaracá houvesse de vir.

CAPÍTULO LXII

Em que se declara parte da fertilidade da terra de São Vicente.

Nestas capitanias de São Vicente e Santo Amaro são os ares frios e temperados, como na Espanha, cuja

terra é mui sadia e de frescas e delgadas águas, em as quais se dá o açúcar muito bem, e se dá trigo e cevada, do que se não usa na terra por os mantimentos dela serem muito bons e facilíssimos de granjear, de que os moradores são mui abastados e de muito pescado e marisco, onde se dão tamanhas ostras que têm a casca maior que um palmo, e algumas muito façanhosas. Do trigo usam somente para fazerem hóstias e alguns mimos.

Tem esta capitania muita caça de porcos e veados, e outras muitas alimárias e aves, e criam-se aqui tantos porcos e tamanhos, que os esfolam para fazerem botas e couros de cadeiras, o que acham os moradores destas capitancias mais proveitosos e melhor que de couro das vacas, de que nestas capitancias há muita quantidade por se na terra darem melhor que na Espanha, onde as carnes são muito gordas e gostosas, e fazem vantagem às outras capitancias, por a terra ser mais fria.

Dão-se nesta terra todas frutas de espinho que tem Espanha, às quais a formiga não faz nojo, nem a outra coisa, por se não criar na terra como nas outras capitancias; dão-se nestas capitancias uvas, figos, romãs e marmelos em muita quantidade, e os moradores da vila de São Paulo têm já muitas vinhas; e há homens nela que colhem já duas pipas de vinho por ano, e por causa das plantas é muito verde, e para se não avinagrar lhe dão uma fervura no fogo; e também há já nesta terra algumas oliveiras, que dão fruto, e muitas rosas, e os marmelos são tantos que os fazem de conserva, e tanta

marmelada que a levam a vender por as outras capitánias. E não há dúvida se não que há nestas capitánias outra fruta melhor que é a prata, o que se não acaba de descobrir, por não ir à terra quem a saiba tirar das minas e fundir.

CAPÍTULO LXIII

*Que trata de quem são os guaianases
e de seus costumes.*

Já fica dito como os tamoios são fronteiros de outro gentio que se chamam os guaianases, os quais têm sua demarcação ao longo da costa por Angra dos Reis, e daí até o rio de Cananéia, onde ficam vizinhando com outra casa de gentios, que se chama os carijós. Estes guaianases têm continuamente guerra com os tamoios, de uma banda, e com os carijós da outra, e matam-se uns aos outros cruelmente; não são os guaianases maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e fáclimos de crer em qualquer coisa.

É gente de pouco trabalho, muito mola, não usam entre si lavoura, vivem de cala que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá; são grandes flecheiros e inimigos de carne humana. Não matam aos que cativam, mas aceitam-nos por seus escravos; se encontram com gente branca, não fazem nenhum dano, antes boa companhia, e quem acerta de ter um escravo guaianás não espera dele nenhum

serviço, porque é gente folgazã de natureza e não sabe trabalhar.

Não costuma este gentio fazer guerra a seus contrários, fora dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas, porque não sabem pelear entre o mato, senão no campo aonde vivem, e se defendem com seus arcos e flechas dos tamoios, quando lhe vêm fazer guerra, com quem pelear no campo mui valentemente e às flechadas, as quais sabem empregar tão bem como os seus contrários.

Não vive este gentio em aldeias com casas arrumadas, como os tamoios seus vizinhos, mas em covas pelo campo, debaixo do chão, onde têm fogo de noite e de dia e fazem suas camas de rama e peles de alimárias que matam. A linguagem deste gentio é diferente da de seus vizinhos, mas entendem-se com os carijós; são na cor e proporção do corpo como os tamoios, e têm muitas gengilidades, como o mais gentio da costa.

CAPÍTULO LXIV

*Em que se declara a costa do rio de
Santo Amaro até a Cananéia.*

Atrás fica dito como se divide a capitania de São Vicente da de Santo Amaro pelo esteiro de Santos, e como a vila de Santo Amaro é cabeça desta capitania, da qual o rio da Cananéia são 25 léguas ou 30, antes da qual se acaba a capitania de Santo Amaro, e corre-se

esta costa de Santo Amaro até a Cananéia nordeste-sudoeste, e toma da quarta do leste-oeste, a qual terra é toda boa para se poder aproveitar, e tem muito riachos, que se vêm meter no mar, entre os quais é um que está onze léguas, antes que cheguem a Cananéia, a qual faz na boca uma enseada, que tem uma ilha junto ao rio, que se diz a ilha Branca.

Este rio da Cananéia está 25 graus e meio, no qual rio entram navios da costa, e se navega por ele acima algumas léguas, e é muito capaz para se poder povoar, e para se fazer muita conta dele, por ser mui abastado de pescados e marisco, e por ter muita caça, cuja terra é muito fértil, na qual se dão muitos mantimentos dos naturais, e se dará tudo o que lhe plantam, toda a criação de gado que lhe lançarem, por ter grande cômodo para isso. Tem o rio da Cananéia na boca uma abra grande, no meio da qual bem defronte do rio, tem uma ilha, e nesta abra está grande porto e abrigada para os navios, onde podem estar seguras naus de todo o porte, porque tem fundo para isso.

CAPÍTULO LXV

*Em que se declara a costa da Cananéia
até o rio de São Francisco.*

Do rio da Cananéia até o cabo do Padrão são cinco léguas, junto do qual está uma ilheta chegada à terra e chama-se este cabo do Padrão, por aqui se assentar um pelos primeiros descobridores desta costa.

Do cabo do Padrão ao rio de Santo Antônio são oito léguas, o qual está em 20 graus esforçados e $2/3$. Neste rio entram barcos da costa à vontade. Do rio de Santo Antônio ao Alagado são cinco léguas, e entre um e outra está uma ilheta chegada à terra.

Do rio Alagado ao de São Francisco são cinco léguas, o qual está em 26 graus e $2/3$ e tem na boca três ilhéus.

Neste rio entram navios da costa, onde estão seguros de todo o tempo; chama-se este rio de São Francisco, porque afirmam os povoadores da capitania de São Vicente que se informaram do gentio donde vinha este rio que entra no mar desta costa, e que lhe afirmaram ser um braço do Pará, a que os portugueses chamam de São Francisco, que é o que já dissemos, o que não parece possível, segundo o lugar onde se vai meter no mar tão distante deste. Por este rio entra a maré muito, por onde se navega barcos com barcos, no qual se metem muitas ribeiras.

Este rio tem grandes pescarias e muito marisco, e a terra ao longo tem muita caça, e grande cômodo para se poder povoar por ser muito fértil, e dará tudo o que lhe plantarem. A terra deste rio é alta e fragosa e povoada de gentio carijó.

Corre-se esta costa da Cananéia até o rio de São Francisco nordeste-sudoeste, e todas estas ilhas que estão por ela, as que estão à boca do rio de São Francisco têm bom porte e surgidouro para os navios ancorarem.

CAPÍTULO LXVI

Em que se declara a costa do rio de São Francisco até a de Jumirim ou Itapucuru.

Do rio de São Francisco ao dos Dragos são cinco léguas, pelo qual entram caravelões, e tem na boca três ilhéus. Do rio dos Dragos à baía das Seis Ilhas são cinco léguas; e dessa baía ao rio Itapucuru são quatro léguas, o qual está em 28 graus escassos; e corre-se a costa do Itapucuru até o rio São Francisco norte-sul.

Este rio acima dito, a que outros chamam Jumirim, tem a boca grande e ao mar dele três ilhetas, pela qual entram caravelões; e corre-se por ele acima leste-oeste, pelo qual entra a maré muito, onde há boas pescarias e muito marisco. A terra deste rio é alta e fragosa, e tem mais arvoredos que a terra atrás, especialmente águas vertentes ao mar.

A terra do sertão é de campinas, como a da Espanha, e uma e outra é muito fértil e abastada de caça e muito acomodada para se poder povoar, porque se navega muito espaço por ela acima.

Este rio está povoado de carijós, contrários dos guaianases de que falamos. Já esses carijós estão de paz com os portugueses, que vivem na capitania de São Vicente de Santo Amaro, os quais vêm por mar resgatar com eles neste rio, onde se contratam, sem entre uns e outros haver desavença alguma.

CAPÍTULO LXVII

*Em que se declara a terra que há de
Itapucuru até o rio dos Patos.*

Do rio de Itapucuru até o rio dos Patos são quatro léguas, o qual está em 28 graus. Este rio é muito grande, cuja boca se serra com a ilha de Santa Catarina, por onde entram os navios da costa, e a maré muito espaço, por onde se navega. Metem-se neste rio muitas ribeiras que vêm do sertão; o qual é muito acomodado para se poder povoar, por a terra ser muito fértil para tudo que lhe plantarem, a qual tem muita caça de veados, de porcos e de muitas aves, e o rio e mui provido de marisco, e tem grandes pescarias até onde possuem a terra os carijós daqui por diante é vivenda dos tapuias, e está por marco uns e outros este rio dos Patos.

À boca deste rio está situada a ilha de Santa Catarina, que vai fazendo abrigo à terra até junto de Itapucuru, que fica à maneira de enseada. Tem esta ilha de comprido oito léguas, e corre-se norte-sul, a qual da banda do mar nenhum surgidouro tem, salvo um ilhéu, que está na ponta do sul, e outro que tem na ponta do norte; a qual ilha é coberta de grande arvoredor, e tem muitas ribeiras de água dentro e tem grande comodidade para se poder povoar, por ser a terra grossa muito boa e ter grandes portos, em que se podem estar seguras de todo o tempo muitas naus.

Mostra esta ilha uma baía grande que vai por detrás, entre ela e a terra firme, onde há grande surgi-

douro e abrigada para naus de todo porte; nesta enseada que se faz da ilha para terra firme estão muitas ilhetas; está esta boca e ponta da ilha da banda do norte em 28 graus de altura.

CAPÍTULO LXVIII

Em que se declara parte dos costumes dos carijós.

Atrás fica dito como os carijós são contrários dos guaianases, e como se matam uns aos outros; agora cabe aqui dizer deles o que se pode alcançar e saber de sua vida e costumes. Este gentio possui esta costa deste rio da Cananéia, onde parte, com os guaianases, na qual se fazem uns aos outros mui contínua e cruel guerra, pelejando com arcos e flechas, que os carijós sabem tão bem manejar como seus vizinhos e contrários.

Este gentio é doméstico, pouco belicoso, de boa razão; segundo seu costume, não come carne humana, nem mata homens brancos que com eles vão resgatar, sustentam-se de caça e peixe que matam, e de suas lavouras que fazem, onde plantam mandioca e legumes como os tamoios e tupiniquins.

Vivem estes índios em casas bem cobertas e tapadas com cascas de árvores, por amor do frio que há naquelas partes. Esta gente é de bom corpo, cuja linguagem é diferente da de seus vizinhos, fazem suas brigas com contrários em campo descoberto, especialmente com os guaianases, com quem têm suas

entradas de guerra; e como os desbaratados se acolhem ao mato se têm por seguros, porque nem uns nem outros sabem pelear por entre ele. Costuma este gentio no inverno lançar sobre si umas peles da caça que matam, uma por diante, outra por detrás; têm mais muitas gentilidades, manhas e costumes, como os tupinambás, em cujo título se contam mui particularmente.

CAPÍTULO LXIX

Em que se declara a costa do rio dos Patos até o da Alagoa.

Do rio dos Patos ao rio de D. Rodrigo são oito léguas; e corre-se a costa norte-sul, até onde a terra é algum tanto alta, o qual porto está em 28 graus e 1/4. Esse porto está no cabo da ilha de Santa Catarina, o qual está numa baía que a terra faz para dentro, onde há grande abrigada e surgidouro para os navios estarem seguros de todos os ventos, tirado o nordeste, que cursa no verão e venta igual, com o qual se não encrespa o mar.

Do porto de D. Rodrigo ao porto e rio da Lagoa, são 13 léguas, o qual nome tomou por o porto ser uma calheta grande e redonda e fechada na boca, que parece a lagoa, onde também entram navios da costa e estão mui seguros.

Do rio dos Patos até aqui até aqui é esta terra à vista do mar sem mato, mas está vestida de erva verde, como a Espanha, onde se dão muito bem todos os frutos

que lhe plantam; na qual se dará maravilhosamente a criação das vacas e todo o mais gado que lhe lançarem por ser a terra fria e ter muitas águas para o gado beber.

Essa terra é possuída dos tapuias ainda que vivem algum tanto afastados do mar, por ser a terra desabrigada dos ventos; mas o porto de D. Rodrigo é suficiente para se poder povoar, pela fertilidade da terra e pela comodidade que tem ao longo do mar de pescarias e muito marisco e por a terra ter muita caça. E o porto da Alagoa, com que concluimos este capítulo, tem ilhéu junto da boca da barra.

CAPÍTULO LXX

Em que se declara a costa do porto da Alagoa até o rio de Martim Afonso.

Do porto da Alagoa ao porto e rio de Martim Afonso são 22 léguas, as quais se correm pela costa nordeste-sudoeste e toma da quarta de norte-sul. Este rio está em 30 graus e 1/4; e chama-se de Martim Afonso por ele o descobrir, quando andou correndo esta costa de São Vicente até o rio da Prata. Este rio tem muito bom porto de fora para navios grandes e dentro para os da costa, cuja terra é baixa e da qualidade da de trás.

Tem este rio duas léguas ao mar uma ilha aonde há bom porto e abrigada para surgirem navios de todo o porto; entra a maré por este rio muito, aonde há muito marisco, cuja terra é de campinas que estão sempre cheias de erva verde com algumas reboleiras de mato,

onde se dará tudo o que lhe plantarem, e se criará todo o gado que lhe lançarem; por ser terra fria e ter muitas águas de alagoas, e ribeiras para o gado poder beber, pelo que este rio se pode povoar, onde os moradores que nele viverem estarão mui descansados, o qual é povoado de tapuias como a mais terra atrás.

Entre o porto da Alagoa e de Martim Afonso está o porto que se diz de Santa Maria e o que se diz da Terra Alta, e num e noutro podem surgir os caravelões da costa.

CAPÍTULO LXXI

Em que se declara a costa do rio de Martim Afonso até o porto de São Pedro.

Do rio de Martim Afonso à baía dos arrecifes são dez léguas e da baía ao rio do porto de São Pedro são 15 léguas, o qual rio está em altura de 31 graus e meio, cuja costa se corre nordeste-sudoeste; da banda do sudoeste deste porto de São Pedro se faz uma ponta de areia, que boja ao mar légua e meia. Neste porto há um bom surgidouro e abrigada para os navios entrarem seguros sobre amarra, no qual se vem meter no salgado um rio de água doce.

Esta terra é muito baixa e não se vê de mar em fora senão de muito perto, e toda é de campos cobertos de erva verde, muito boa para manutenção de criação de gado vacum e de toda a sorte, por onde há muitas lagoas e ribeiras de água para o gado beber. E tem esta terra

algumas reboleiras de mato à vista umas das outras onde há muita caça de veados que andam em bandos, e muitas outras alimárias e aves, e ao logo da costa há grandes pescarias e sítios acomodados para povoações com seus portos, onde entram caravelões, em a qual se darão todos os frutos que lhe plantarem, assim naturais como de Espanha; e dos mantimentos da terra se aproveita o gentio tapuia, em suas roças e lavouras, que fazem afastadas do mar três ou quatro léguas, por estarem lá mais abrigados dos ventos do mar, que cursam no inverno, onde ao longo dele não tem nenhum abrigo, o porque lhe fica a lenha muito longe.

CAPÍTULO LXXII

Em que se conta como corre a costa do rio de São Pedro até o cabo de Santa Maria.

Do porto de São Pedro ao cabo de Santa Maria são 42 léguas, as quais se correm pela costa nordeste-sudoeste, o qual está em 34 graus; da banda do sueste, duas léguas ao mar, três ilhéus altos, que se dizem, “os Castilhos”, entre os quais e a terra firme há boa abrighada e surgidouro para naus de todo o porte.

Toda terra é baixa, sem arvoredos; mas cheia de erva verde em todo o ano, há partes que têm algumas reboleiras de mato; a erva destes campos é muito boa para criação de gado de toda sorte, onde se dará muito bem por ser a terra muito temperada no inverno, e no verão lavada de bons ares frescos e sadios, pela qual há

muitas águas frescas para os gados beber, assim de lagoas como de ribeira, onde se darão todos os frutos de Espanha muito bem, como em São Vicente, e pelo Rio da Prata acima das povoações de castelhanos, onde se dá tanto trigo, que aconteceu o ano de 83 vir ao Rio de Janeiro uma das naus em que passou D. Alonso, vice-rei da província de Chile, que desembarcou em Buenos Aires, a qual carregou neste porto de trigo, que se vendeu no Rio de Janeiro a três reales a fânea, o qual se dará muito bem do Rio de Janeiro por diante, donde se pode prover toda a costa do Brasil.

Esta costa desde o rio dos Patos até a boca do rio da Prata é povoada de tapuias, gente doméstica e bem acondicionada, que não come carne humana nem faz mal à gente branca que os comunica, como são os moradores da capitania de São Vicente, que vão em caravelões resgatar por esta costa com este gentio alguns escravos, cera da terra, porcos, galinhas e outras coisas, com quem não têm nunca desavença; e porque a terra é muito rasa e descoberta aos ventos, e não tem matos nem abrigadas, não vivem estes tapuias ao longo do mar e têm suas povoações afastadas para o sertão, ao abrigo da terra, e vêm pescar e mariscar pela costa.

Não tratamos aqui da vida e costumes deste gentio, porque se declara ao diante do título dos tapuias, que vivem no sertão da Bahia, e ainda que vivam tão afastados destes, são todos uns e têm quase uma vida e costumes.

CAPÍTULO LXXIII

Em que se declara a costa do cabo de Santa Maria até a boca do rio da Prata.

Do cabo de Santa Maria à ilha dos Lobos são 15 léguas, cuja costa se corre norte-nordeste, sul-sudoeste a qual está em 34 graus e $\frac{2}{3}$, cuja terra firme faz defronte da ilha, à maneira de ponta. Entre esta ponta e a ilha há boa abrigada e porto para navio.

Desta ponta se vai recolhendo a terra para dentro até outra ponta, que esta outra ilha, que se diz das Flores, que está légua e meia afastada desta ponta, que se chama do Arrecife, pelo haver daí para dentro até o Monte de Santo Ovídio, está na boca de um rio que vem se meter aqui no salgado.

Desta ponta da ilha dos Lobos, que está na boca do rio da Prata, à outra banda do rio, que se diz a ponta de Santo Antônio, são 34 léguas. Está o meio da boca do rio da Prata em 35 graus e $\frac{2}{3}$; e ao mar 40 léguas, bem em direito desta boca do rio está um ilhéu, cercado de baixos em redor dele, obra de duas léguas, onde se chama os Baixos de Castelhana, porque aqui se perdeu uma nau sua, a qual ilhéu está na mesma altura de 35 graus e $\frac{2}{3}$.

A terra junto da boca deste rio é da qualidade da outra terra do cabo de Santa Maria, onde se dará também grandemente o gado vacum e tudo o mais que lhe lançarem.

Deste rio da Prata, nem de sua grandeza não temos que dizer neste lugar, porque é tão nomeado que se não pode tratar dele sem grandes informações, do muito que se pode dizer dos seus recôncavos, ilha, rios que nele se metem, fertilidades da terra e povoações que por ele acima têm feito os castelhanos que escaparam da armada que nele se perdeu há muitos anos, os quais se casaram com índias da terra, de que nasceram grande multidão de mestiços, que agora tem povoado muitos lugares, o qual rio da Prata é povoado muitas léguas por ele acima dos tapuias atrás declarados.

CAPÍTULO LXXIV

Em que se declara a terra e costa da ponta do rio da Prata da banda do sul até além da baía de São Matias.

A ponta do rio da Prata que se diz de Santo Antônio, que está da banda do sul, demora em 36 graus e meio, defronte da qual são baixos uma légua ao mar. Da ponta de Santo Antônio ao Cabo Branco são 22 léguas e fica-lhe em meio uma enseada, que se diz de Santa Apolônia, a qual é cheia de baixos, e toda a costa de ponta a ponta, uma e duas léguas ao mar, são tudo baixos. Este Cabo Branco está em 37 graus e $\frac{2}{3}$, e corre-se a costa nor-nordeste-su-sudoeste.

Do Cabo Branco ao Cabo das Correntes são 25 léguas, e fica entre um cabo e o outro a Angra das Areias, ao mar da qual sete ou oito léguas são tudo

baixos. Este Cabo está em 39 graus, cuja costa se corre nor-nordeste-su-sudoeste.

Do Cabo das Correntes ao Cabo Aparcelado são 86 léguas, e corre-se a costa de ponta a ponta lés-nordeste e oés-sudoeste, o qual sete ou oito léguas são tudo baixos. Este Cabo está em 30 graus é cheia de baixos, a apartes os tem cinco e seis léguas ao mar; é toda de areia e a terra muito baixa, por onde se metem alguns esteiros no salgado, onde se podem recolher caravelões da costa, que são navios de uma só coberta que andam em seis e sete palmos de água, deste Cabo Aparcelado se torna a recolher a terra para dentro leste-oeste, até a ponta da baía de São Matias, que está na mesma altura de 41 graus, que serão 27 léguas e da ponta Aparcelada a quatro léguas em uma enseada que se faz a terra, está uma ilha, e na ponta desta enseada, da banda do loeste, está outra ilha, uma légua do mar.

Da ponta da baía de São Matias até ponta de terra do Marco, são 38 léguas, cuja costa se corre norte-sul, a qual é toda aparcelada, e antes de chegar a esta ponta do Marco está outra ilha. A terra aqui é baixa e pouco proveitosa. Nesta ponta de Marco se acaba a demarcação da coroa de Portugal nesta costa do Brasil, que está em 44 graus pouco mais ou menos, segundo a opinião do Dr. Pedro Nunes, cosmógrafo del-rei D. Sebastião, que está em glória, que nesta arte foi em seu tempo o maior homem de Espanha.